


Coleção
Documentos
60

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



A REVOLUÇÃO DE 1930 ATRAVÉS DAS CARICATURAS E DOS REGISTROS FOTOGRAFÍCOS DA CARETA

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A REVOLUÇÃO DE 1930 ATRAVÉS DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS E DAS CARICATURAS DA *CARETA*





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

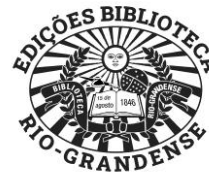
A REVOLUÇÃO DE 1930 ATRAVÉS DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS E DAS CARICATURAS DA *CARETA*



- 60 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2021

Ficha Técnica

- Título: A Revolução de 1930 através das caricaturas e dos registros fotográficos da *Careta*
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Documentos, 60
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Capa: O episódio do obelisco na Revolução de 1930, nos registros caricatural e fotográfico na capa e na página 22 da Revista *Careta* (8 nov. 1930)
- Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Dezembro de 2021

ISBN – 978-65-89557-32-6

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.



Conselho Editorial/Científico

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra CIPSH de Estudos Globais – CEG)
José Eduardo Franco (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

APRESENTAÇÃO

O período demarcado pelo terceiro decênio do século XX trouxe consigo a expansão de uma prática jornalística específica representada pela edição de revistas¹. Acompanhando os aperfeiçoamentos tecnológicos da época, tal gênero jornalístico pode apresentar um produto diferenciado ao público leitor, notadamente a partir de um aprimoramento gráfico, no qual a presença da imagem tornou-se uma marca indelével. Algumas revistas conseguiram tanta projeção, notadamente as publicadas na capital federal, que algumas delas chegaram a atingir outros pontos do país, angariando para si uma qualificação de publicações nacionais. A realização de um levantamento documental propício à pesquisa e ao ensino da História, bem a contento com as metas da Coleção Documentos, constitui o objetivo deste livro, ao abordar os registros fotográficos e caricaturais a respeito da Revolução de 1930 publicados nas páginas do semanário carioca *Careta*.

Um dos periódicos mais característicos dessa fase de expansão das revistas foi a *Careta*, que começou a circular em 1908, com uma proposta inovadora e, “contando desde o início com a colaboração inconfundível de J.

¹ Acerca da projeção das revistas neste contexto histórico, observar: ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; e MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

Carlos, cujo longo e brilhantíssimo labor artístico praticamente se confunde com a vida dessa revista". A *Careta* "tornou-se popular como nenhuma outra, encontrada nos engraxates, barbeiros, consultórios, etc.", contando também com importantes colaborações de cunho literário. Através da arte de J. Carlos, que permaneceu durante significativa etapa de sua circulação, "realizou verdadeira análise e tipificação da sociedade carioca, além de crítica política e de costumes"². Atuou como uma "revista de variedades, com ênfase no humor", vindo a alcançar "grande circulação" e destacando-se "na imprensa ilustrada da época"³.

Tal revista seguiu o "teor de pilhéria, propondo no editorial 'um programa vasto e sedutor' para o público 'apreciador das sessões galantes do jornalismo *smart*'"⁴. Na sua gênese, buscava constituir "uma revista popular, atingindo um grande número de leitores", e, de acordo com "o seu editorial de apresentação, que "ênfatiza a necessidade do 'Público com P maiúsculo' ou, por outras palavras, uma audiência de âmbito nacional"⁵. Ao completar o seu segundo

² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 302.

³ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 116.

⁴ MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 374.

⁵ CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

aniversário, a *Careta*, com humor, expressava algumas de suas propostas, invocando, jocosamente, as razões de seu próprio título, demarcando que até então trouxera ao público uma “série de *caretas*” que teriam formado “um alentado álbum”, com todas elas “consagradas à sadia tarefa de provocar o riso”. Invertendo a postura da maioria dos jornais, que normalmente agradecia aos leitores, nesta oportunidade, o periódico ilustrado carioca dizia que, “sem falsa modéstia”, deveria ser o público a agradecer, por ter recebido “tantas caretas graciosas”⁶. Desde o início a *Careta* granjeou sucesso, tanto que, “logo de saída foi consagrada com o Grande Prêmio da Exposição Nacional”, de modo que viria a transformar-se “na mais deliciosa criação gráfica, literária e artística, pelo bom gosto inalterável da sua arte sempre atual”, surgindo “daí o imenso prestígio que sempre desfrutou, não somente nas classes intelectuais do país, como no seio do povo”⁷.

Ainda que tenha surgido nos primórdios do século XX, a *Careta* soube adaptar-se às transformações pelas quais passava o jornalismo brasileiro, vindo a equiparar sua feição editorial e gráfica aos padrões que marcavam as revistas da década de 1930 em diante. Por meio de crônicas textuais e imagéticas acerca do cotidiano brasileiro –principalmente o do Rio de Janeiro, epicentro político-ideológico e sociocultural do país –, abordando temáticas variadas como os bailes, o carnaval, as praias, o futebol, e mesmo o conjunto da vida política e

⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1909.

⁷ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 149-150.

cultural, a revista primava pelo uso da fotografia como um dos motes de sua feição, bem como utilizou-se largamente da arte caricatural. Tais inserções de natureza iconográfica não foram apenas um complemento às suas edições, mas sim um elemento constitutivo essencial de cada número. Nesse sentido, informação e uma perspectiva jocosa, bem humorada e irônica conviviam harmonicamente nas imagens da *Careta* e foi assim que ela aderiu, sem deixar de lado a pilhéria, à nova situação que se seguiu à Revolução de 1930. Os novos detentores do poder passaram pelo crivo caricatural da *Careta*, sendo que até mesmo, ainda nos primeiros tempos à frente da Presidência, “o próprio Vargas procurou fomentar por meio de sua figura pessoal, fundada numa imagem de bonomia e bom humor, uma curiosa espécie de anedotário”⁸.

⁸ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 352.

ÍNDICE

Registros fotográficos.....	17
Representações caricaturais.....	145

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A primeira referência à Revolução de 1930 apareceu na edição de 8 de novembro de 1930⁹ da *Careta*, na qual ficava expressa sua adesão ao triunfo revolucionário, sem deixar de apontar para “A responsabilidade” – título do artigo de fundo – dos novos detentores do poder, mormente quanto à apuração de culpas dos recém-apeados do governo. Segundo a matéria editorial, “a vitória ansiada da Revolução que empolgou o país trouxe consigo o problema premente e inafastável da responsabilidade”, a qual deveria “ser tomada em todas as direções: moral, econômica, política, etc.”, de maneira “a cobrir o país com uma vasta rede”, com a qual fosse possível “apanhar todos os grandes e pequenos, a arraia graúda e a miúda dos vorazes comedores dos dinheiros públicos”. Considerava, nesse sentido, que “a revolução triunfante” era “uma alta polícia e uma alta justiça decorrentes de sua própria autoridade”, devendo “estar em estado de guerra aberta e na ofensiva contra os responsáveis por essa colossal bandalheira que tem sido a república dos magnatas de todos os quatriênios”.

Na concepção da revista, “a Revolução é o fato mais importante da história política do nosso povo durante os quarenta anos de uma república malbaratada e traída”, uma vez que tal movimento não teria surgido “para distrair a população, proporcionando-lhe uma série de festividades e de recepções”, e sim “para sanar e expurgar a vida política de um sem número de concussões, peculatos e abusos que fizeram a ruína do regime”. Apontava que esse seria “o único meio de prosseguir na marcha iniciada da punição dos responsáveis cujo número é imenso comparativamente ao dos tantos figurões

⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

colhidos no momento". Lembrava que "a declaração do chefe aclamado do governo é categórica", ao explicitar que não havia "restrições a fazer, mas responsabilidades a apurar". Garantia, assim, que a partir de tal conduta, batiam-se "todos quantos viram na Revolução o início de uma era nova para o país", o que "nem podia deixar de ser assim".

O semanário acreditava que a "ordem nova é uma recomposição do idealismo republicano malbaratado pelos mandarins das situações dominantes", ressaltando que já se estaria a sentir "a força do braço dos idealistas na nova ordem de coisas" no Rio de Janeiro e em São Paulo. Explicava ainda que, "naturalmente por todo o país tem havido a mesma ânsia de apuração de responsabilidades conhecidas e veladas, patentes ou dissimuladas", destacando as tantas "fortunas feitas e acumuladas com os dinheiros públicos e em negócios com os governos", de modo que seria "fácil imaginar a amplitude do programa de apuração das responsabilidades dos homens públicos e privados" que estariam envolvidos em tais malfeitos e ilicitudes com o dinheiro público.

Na mesma linha, a revista denunciava que havia "fortunas escandalosas e ilícitas, acobertadas pelos governos republicanos e disfarçadas em autorizações legais", de forma que, "com a gazua da lei tornou-se o negócio mais rendoso o arrombamento dos cofres públicos e a dissipação das rendas do país". A partir de tal perspectiva, destacava que havia "um compromisso de honra dos homens da nova situação para com os revolucionários que triunfaram na jornada ardente de Vinte e Quatro de Outubro de 1930", sugerindo que deveria ser

bem marcada “essa gloriosa data da fundação da Nova República, como a data em que o país entrou sob o regime da responsabilidade”. Finalmente, o editorial da *Careta* conclamava “que cada patriota saiba que tem uma responsabilidade e a Revolução terá cumprido os seus nobilíssimos destinos”.

O primeiro registro fotográfico da *Careta*, na edição de 8 de novembro de 1930, trazia consigo a imagem da vitória revolucionária. Em conjunto de fotografias denominado “A chegada ao Rio do Dr. Getúlio Vargas”, a revista mostrava Vargas no Palácio do Catete, em um quadro pelo qual, cercado por militares, o político se inseria no prédio, que trazia consigo a simbologia do poder presidencial. A grande mobilização popular também foi alvo das lentes do semanário, ao apresentar multidões ou grupos de pessoas em várias partes do Rio de Janeiro. Aparecia também uma das figuras clássicas a respeito da Revolução, mostrando mais uma vez Vargas no Catete, acompanhado por outros cidadãos e cidadãs, junto do pavilhão nacional, no qual aparecia inscrição fazendo menção à paz. A nova primeira dama e a esposa do Ministro da Justiça, junto de outras representantes do sexo feminino também compunham os registros da revista.

Ainda fez parte da coleção fotográfica da *Careta* da edição de 8 de novembro o registro da posse de Vargas, demarcando o essencial papel das forças armadas, com fotografias distintas em meio à oficialidade do Exército e da Marinha. Outro conjunto de fotografias apresentava “A Revolução vitoriosa”, trazendo cenas consideradas marcantes, como o desembarque da “cavalaria” e da “coluna” gaúcha, sob a liderança de Flores da Cunha. No mesmo conjunto,

posava Vargas “assinando o seu primeiro decreto”, na companhia de vários apoiadores. Junto do registro, o *hebdomadário* comentava que, naquela assinatura, ou seja, “simples linhas de caráter oficial encerram-se as esperanças e os compromissos da revolução vitoriosa”. Qualificava o ato também como “a chamada à colaboração na obra de reconstituição nacional dos homens que a vitória das armas, da política ou da comprovada competência” iriam “iniciar o programa elaborado pelos responsáveis na nova situação”. Considerava ainda que “o início da função presidencial” constituía “oficialmente o início do glorioso comprometimento da regeneração pela qual anseia uma grande nação enterrada até os olhos pela inconsciência dos maus governos e da nefasta politicagem republicana”.

Ainda na seção “A Revolução vitoriosa”, aparecia Getúlio Vargas, logo após a posse, na escadaria do Catete, acompanhado de diversos civis e militares, bem como ao receber a visita do cardeal Sebastião Leme, mediador para o afastamento de Washington Luís. No mesmo conjunto surgia outra imagem clássica, a qual já aparecera – na forma de caricatura – na capa da edição de 8 de novembro, mostrando “os cavalos gaúchos amarrados no Obelisco” e “a pilhéria dos gaúchos que foram amarrar os cavalos no Obelisco”. Os derrotados também apareciam nos registros da *Careta*, ao mostrar a prisão do último governante da República Velha. Ainda em “A Revolução vitoriosa”, era divulgada a chegada do gaúcho Batista Luzardo ao Rio de Janeiro, surgindo ao lado uma curiosidade, com a figura de Rosa Rodrigues, uma “mulher-soldado na coluna de Batista Luzardo”. Sobre a grande presença de populares na posse do

novo Presidente, o semanário opinava que se tratava de “toda a democracia nacional ansiando pela aurora da república revolucionária”, a qual estaria iniciando “uma vida nova na história dos governos desastrosos e impatrióticos de quarenta anos de cegueira política”. Descrevia que “o povo em massa” aguardava, “num espetáculo inédito, jamais visto em nosso país, as realizações do poder novo”, o qual fora transmitido “com elevado patriotismo”, da Junta Governativa para Vargas, apontado como “chefe da revolução vitoriosa, da revolução democrática, da revolução salvadora e esperançosa que surgiu enfim para o Brasil”.

Outras cenas de “A Revolução vitoriosa” eram a chegada de Miguel Costa, líder rebelde, a São Paulo. A presença de militares gaúchos no Rio de Janeiro também foi registrada, como no caso de um “regimento de cavalaria independente”, que se acantonara no Derby Clube e o desfile de um batalhão de caçadores. No mesmo segmento foi registrada a presença do político Pedro Ernesto Batista. A seção sobre “A chegada ao Rio do Dr. Getúlio Vargas” voltava a ilustrar as páginas do semanário, mostrando aglomerações em várias das estações que compunham o caminho do trem que trazia o chefe revolucionário. Já em “A Revolução em S. Paulo”, foram apresentados detalhes de ataques contra lugares ligados à política decaída e empastelamentos das oficinas de jornais vinculados ao poder derrotado pela Revolução. Finalmente, ainda no número referente a 8 de novembro de 1930, aparecia o segmento “As homenagens revolucionárias”, trazendo solenidades junto ao túmulo de João Pessoa.

10

Careta

8-11-1930

A CHEGADA AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



O Dr. Getulio Vargas no Palacio do Cattete.

A CHEGADA AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



O povo em frente ao Palácio do Catete às 8 1/2 da noite.

A Chegada ao Rio do Dr. Getulio Vargas



O desfile das forças revolucionarias em frente ao Palácio do Catete.

8-11-1930

Carta

13

A CHEGADA AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS

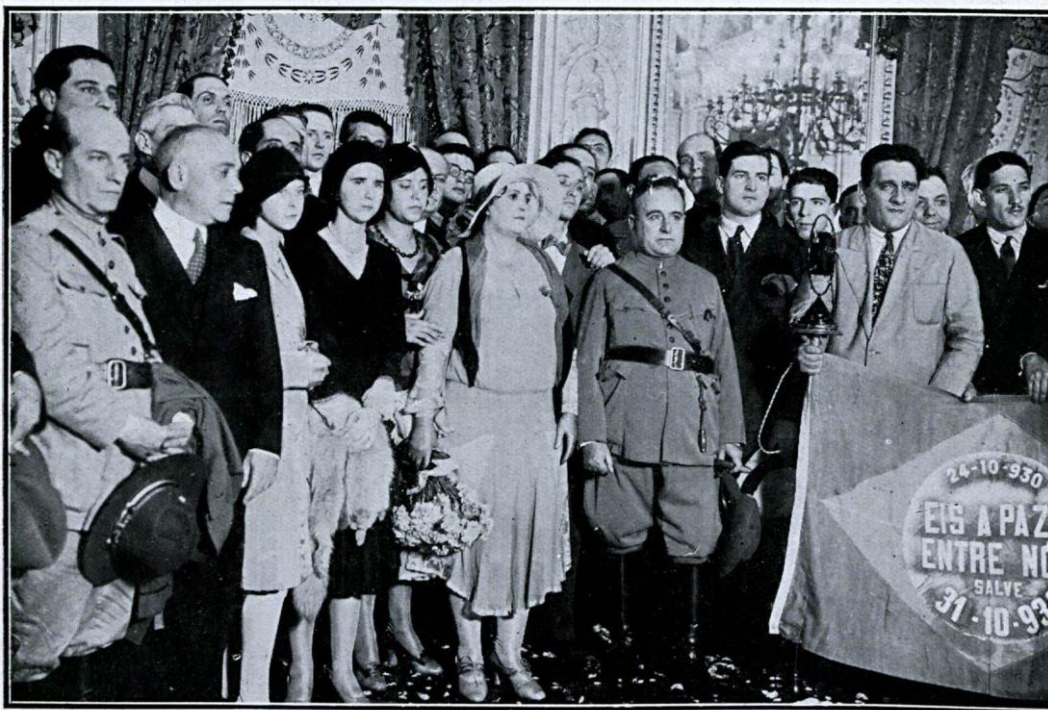


Aspecto da Praça da República.



Aspecto em frente á E. F. C. B.

A CHEGADA AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



O Dr. Getulio Vargas no Palacio do Cattete.

8-11-1930

Careta

15

A CHEGADA AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



Aspecto da multidão em frente ao Ministério da Guerra.

16

Careta

8-11-1930

A CHEGADA AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



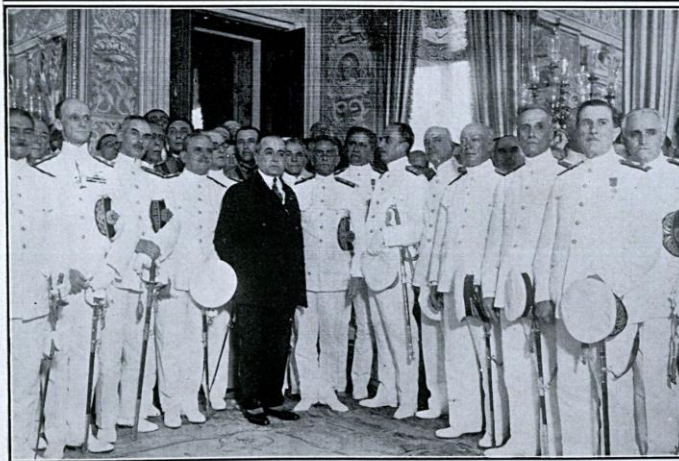
As Sras. Oswaldo Aranha e Getulio Vargas entre pessoas de sua amizade no Palacio do Cattete.

8 - 11 - 1930

Careta

17

A Posse do Dr. Getulio Vargas



I — O Presidente Getulio Vargas entre officiaes do Exercito.

II — O Presidente Getulio Vargas entre officiaes da Marinha.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



I — O desembarque do General Flores da Cunha. II — O desembarque da Columna do General Flores da Cunha.

8 - 11 - 1930

Careta

19

A Revolução Victoriosa



I — O desembarque da Cavallaria Gaucha sob o commando do General Flores da Cunha.
II — Aspecto do desembarque da Columna Gaucha sob o commando do General Flores da Cunha.

A Revolução Victoriosa

*****OOO*****

O presidente aclamado do Brasil acabou de assignar o seu primeiro decreto.

Nessas simples linhas de caracter official encerram-se as esperanças e os compromissos da revolução

victoriosa. E' a chamada á collaboração na obra de reconstituição nacional dos homens que a victoria das armas, da politica ou da comprovada competencia irão iniciar o programma elaborado pelos responsáveis na nova situação.

O inicio da função presidencial é officialmente o inicio do glorioso comprometimento da regeneração pela qual anseia uma grande nação enterrada até os olhos pela inconciencia dos maus governos e da nefasta politicagem republicana.



O Presidente Getulio Vargas assignando o seu primeiro decreto.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



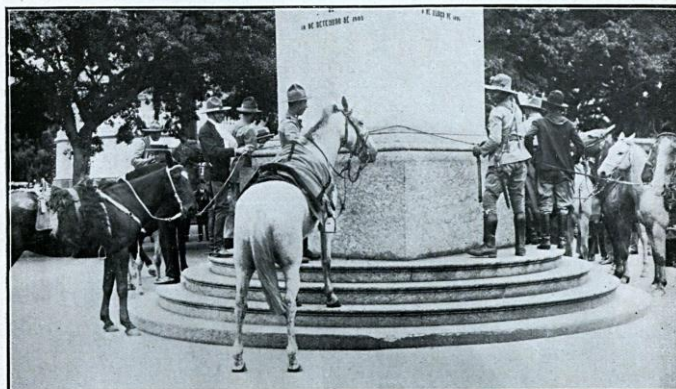
I — O Dr. Getúlio Vargas, após a sua posse, na escadaria do Palácio do Catete.
II — A visita do Cardeal D. Sebastião Leme, ao Presidente Getúlio Vargas no dia de sua posse.

22

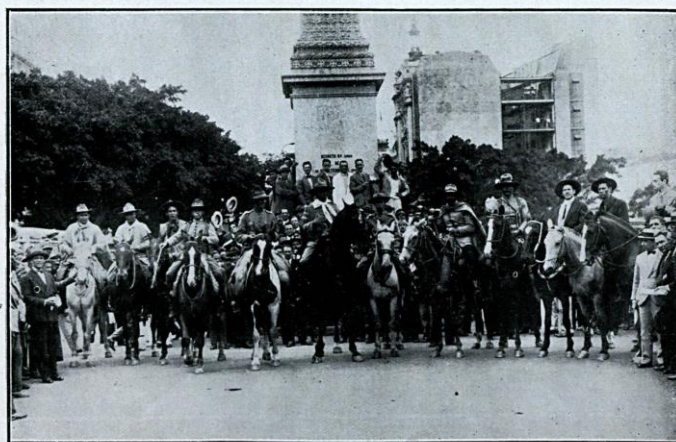
Careta

8-11-1930

A Revolução Victoriosa



Os cavallos gauchos amarrados no Obelisco.



A Pilheria dos Gauchos que foram amarrar os cavallos no Obelisco

8-11-1930

Carta

23

A PRISÃO DO SR. WASHINGTON LUIZ



O ex-Presidente saindo do Guanabara em companhia do Cardeal D. Sebastião Leme.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



I — A chegada de Baptista Luzardo ao Rio de Janeiro. II — Rosa Rodrigues, Mulher Soldado na Columna Baptista Luzardo.

8-11-1930

Caretta

25

A Revolução Victoriosa

.....OOC.....

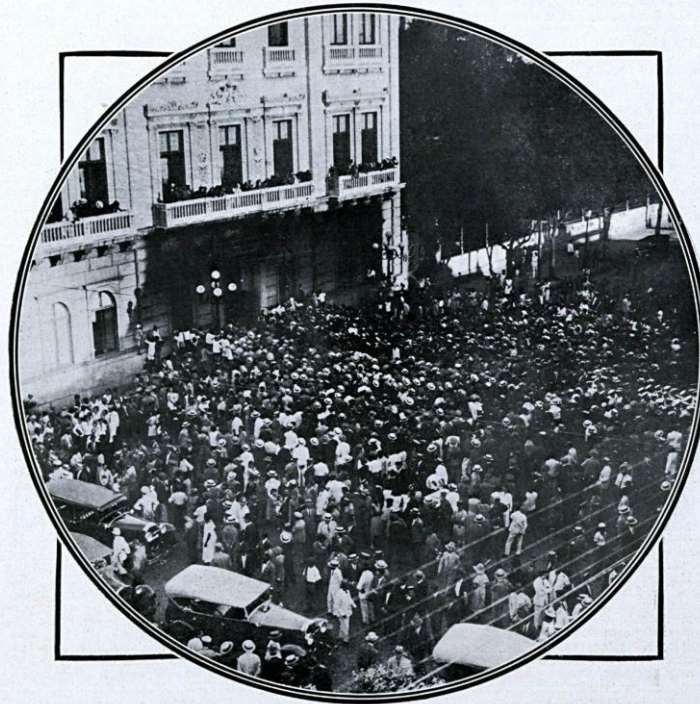
Em frente ao Palacio do Cattete uma verdadeira multidão aguarda impaciente a transmissão de poderes que a Junta Governativa acabava de fazer ao presidente Getulio Vargas.

E' toda a democracia nacional anciando pela aurora da republica

revolucionaria que inicia uma vida nova na historia dos governos desastrosos e impatrioticos de quarenta annos de cegueira politica.

O povo em massa aguarda, num espectáculo inédito, jamais visto em nosso paiz, as realizações do poder

novo que a Junta Governativa transmite, com elevado patriotismo, ao sr. Getulio Vargas, chefe da revolução victoriosa, da revolução democratica, da revolução salvadora e esperancosa que surgiu enfim para o Brasil.



O povo em frente ao Palacio do Cattete no dia da posse do Presidente Getulio Vargas.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



O General Miguel Costa, a cavallo, entre officiaes, a caminho do Palacio do Governo em S. Paulo.

8-11-1930

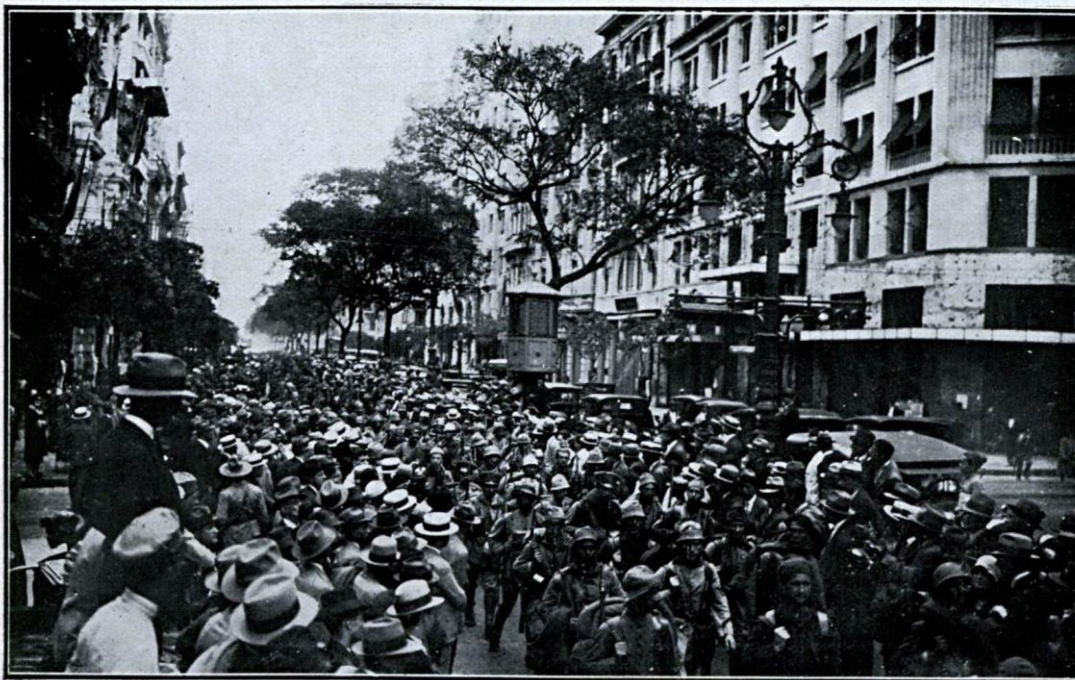
Careta

29

A Revolução Victoriosa



O 8.º Regimento de Cavallaria Independente de Rosario, Rio Grande do Sul, acantonado no Derby Club.



A REVOLUÇÃO VICTORIOSA — O 7º Batalhão de Caçadores do Rio Grande desfilando na Avenida.

8 - 11 - 1930

Careta

31

A CHEGADA AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



Aspecto das estações por onde passava o trem que conduzia o Dr. Getulio Vargas ao Rio.

A VIAGEM AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



O povo na linha para fazer parar o trem em que viajava o Dr. Getulio Vargas, na Estação de Barra de Pirahy.

8 11 1930

Careta

33

A VIAGEM AO RIO DO DR. GETULIO VARGAS



O Dr. Getúlio Vargas sendo saudado por uma senhorinha na Barra de Pirahy.



O povo na Estação de Barra de Pirahy.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



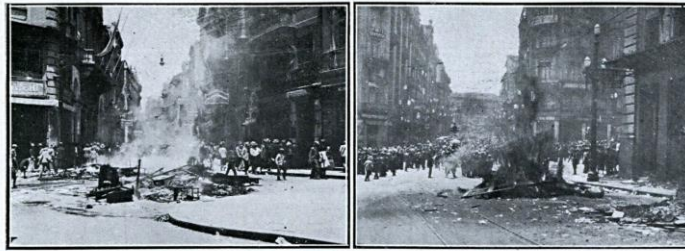
Chegada do Dr. Pedro Ernesto.

8-11-1930

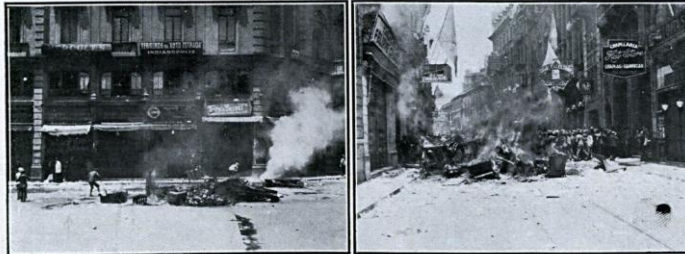
Gazeta

35

A REVOLUÇÃO EM S. PAULO



I — Flagrantes do assalto de 3 chalets lotéricos á Rua 15 de Novembro, que faziam commercio do jogo do bicho. II — Outro aspecto da destruição da sede do «Club Republicano Paulista», instalado no arranha-céu Martinelli, visto do lado da Rua Libero Badaró.



I — Empastelamento do «Correio Paulistano», cuja redacção na Praça Antonio Prado está indicada com uma flexa. II — Depredações e incendio dos moveis do «São Paulo Club», casa de jogos installada á rua 15 de Novembro



I — Aspecto da rua Libero Badaró após o empastelamento do vespertino governista «A Gazeta». II — O povo incendiando a «Casa Amaral Cesar», na Avenida São João, cujo proprietario era um dos directores da Radio Educadora Paulista estação emissora a serviço do P. R. P.

AS HOMENAGENS REVOLUCIONARIAS



O Presidente Dr. Getulio Vargas e o Dr. Oswaldo Aranha no Tumulo de João Pessoa.

AS HOMENAGENS REVOLUCIONARIAS



Romaria ao Tumulo de João Pessoa pelos soldados do 13 do Paraná.

O editorial da *Careta* da edição de 15 de novembro de 1930¹⁰ tecia algumas considerações negativas acerca do sistema eleitoral vigente no Brasil até então, criticando também a tendência do “abstencionismo” que estaria caracterizando os processos eleitorais no país. Para a revista, “a história eleitoral do Brasil é uma série de crônicas de vergonhas, mentiras, astúcias e violências, que apavoram e espantam o homem de responsabilidade e de boa fé”. Opinava que “o brasileiro não vota” e que “nem de seu voto nem de seu assentimento saem os atentados contra a paz, o direito, o dever, a honra premeditados e executados pelos sedizentes eleitos pelo povo”. Dessa maneira, considerava que ao povo restaria “intangível, incontestável, o virtual direito de repulsa e de represália contra o que em seu nome se perpetra e contra os que, com o seu silêncio, agem e transigem no comércio e na indústria dos partidos políticos”. Com veemência, afirmava que o eleitor acabava por transformar-se na “besta passiva dos desmandos e atentados que envolveram a vida social e econômica arruinada por um grupo de politiqueiros sem ideias e sem caráter”. A partir de tais constatações, a revista saudava que a Revolução triunfante abolira “os fatos impudentes do regime”, que teriam sido condenados “como mancha da história pátria, curioso capítulo da vergonha universal e da escravidão das classes”.

Nessa edição de 15 de novembro permaneceria a série “A Revolução vitoriosa” apresentando, por exemplo: várias tropas acantonadas no Rio de Janeiro; a posse de Batista Luzardo na Chefia de Polícia; a chegada do coronel Aristarco Pessoa, “comandante das tropas montanhesas”, vindo de Minas

¹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

Gerais; a movimentação de populares no dia 24 de outubro; o embarque de Juarez Távora em um avião, rumo “ao Norte”; manifestações de “massas populares” em Pernambuco. “Palácio do Catete” mostrava um registro de Vargas junto de alguns de seus Ministros. “Ministério da Viação” apresentava a posse de Juarez Távora nessa pasta. “A vida diplomática da Revolução” trazia Vargas recebendo embaixadores estrangeiros. Também foi divulgada, sob o título “Jóquei Clube”, a presença Vargas junto de membros do governo, para assistir o “Grande Prêmio Presidente da República”. Já em “Teatro Lírico”, aparecia um grupo organizado no “Festival da homenagem da mulher brasileira às tropas revolucionárias”, cuja bilheteria reverteria em parte para a dívida do Brasil. Uma das abordagens tradicionais da *Careta* voltada à cobertura da vida praiana também se voltou às questões revolucionárias, como em “Copacabana”, apresentando banhistas que esperavam as manifestações do Forte homônimo; em tom jocoso, mostrando crianças e descrevendo “a alegria da meninada revolucionária no Posto 6”; e trazendo uma cena do mesmo Posto “na manhã da Revolução”.

8

Careta

15 - 11 - 1930

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA

CASA DO SOLDADO



Organizada pela Associação Christã de Moços, para Recreio das Tropas.

15-11-1930

Careta

9

A Revolução Victoriosa



I — 8º Batalhão de Caçadores, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, ao centro o Padre Claudio Maxarello o heroe do Batalhão.
II — 8º Batalhão de Caçadores, São Leopoldo do Rio Grande do Sul, acantonado na Light.



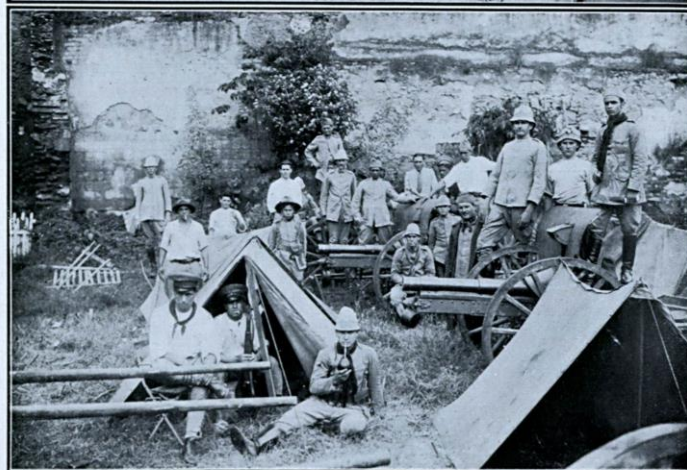
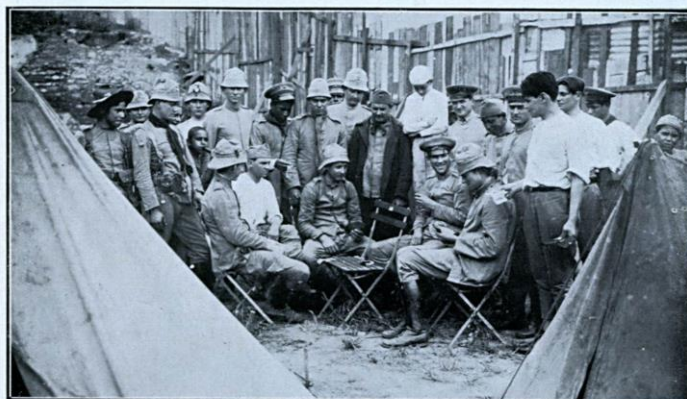
15 - 11 - 1930

Careta

11

A Revolução Victoriosa

CAMPO DO BOXING CLUB NA RUA RIACHUELO



Acampamento do 4º Grupo de Artilharia a Cavallo de Sto. Angelo do Rio Grande do Sul.

12

Careta

15 - 11 - 1930

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



Grupo feito na posse do Dr. Baptista Luzardo nomeado Chefe de Policia pelo Governo Revolucionario.

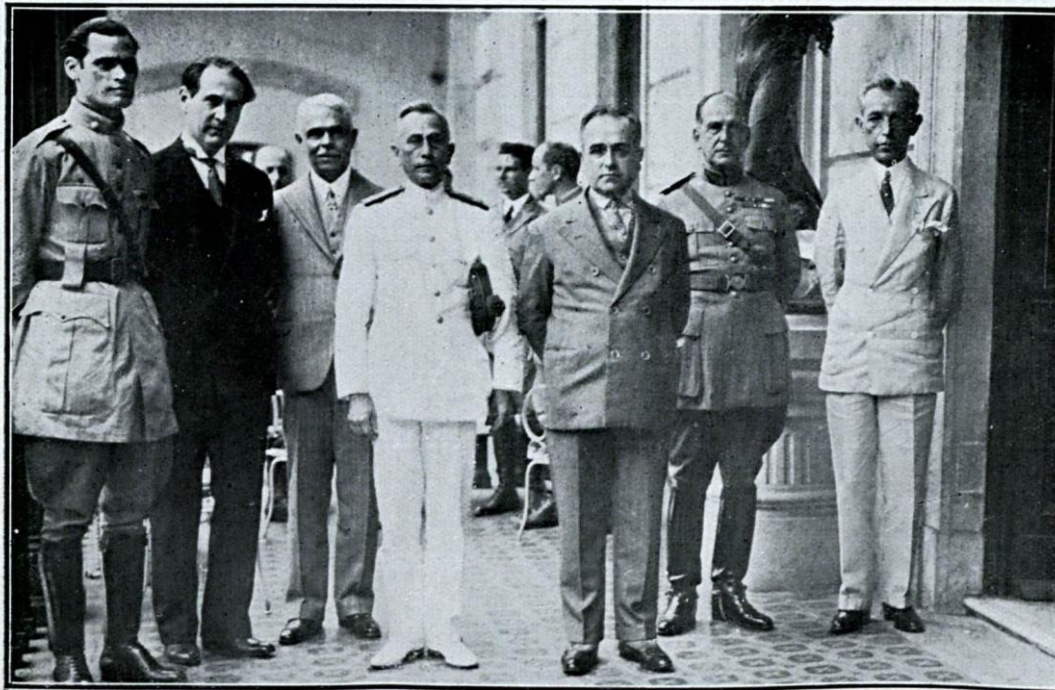
.....

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



Instantaneo do desembarque do Coronel Aristarcho Pessoa, commandante das tropas montanhezas.

PALACIO DO CATETE



Grupo feito após a primeira conferencia do Presidente Getulio Vargas com o Ministerio.

15 - 11 - 1930

Careta

15

MINISTERIO DA VIAÇÃO



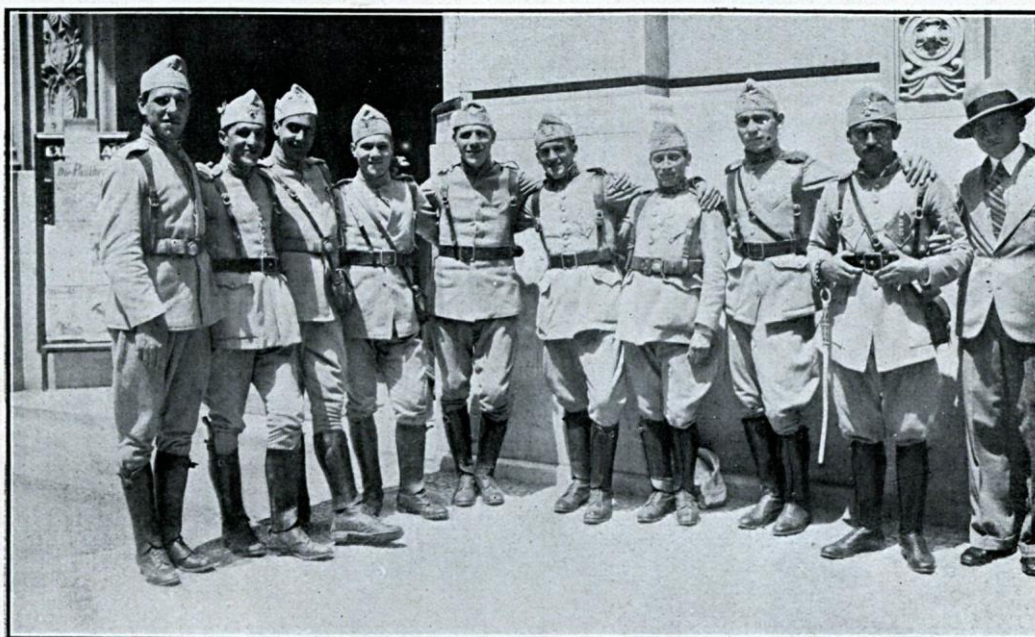
A posse do General Juarez Tavora.

16

Careta

15 - 11 - 1930

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



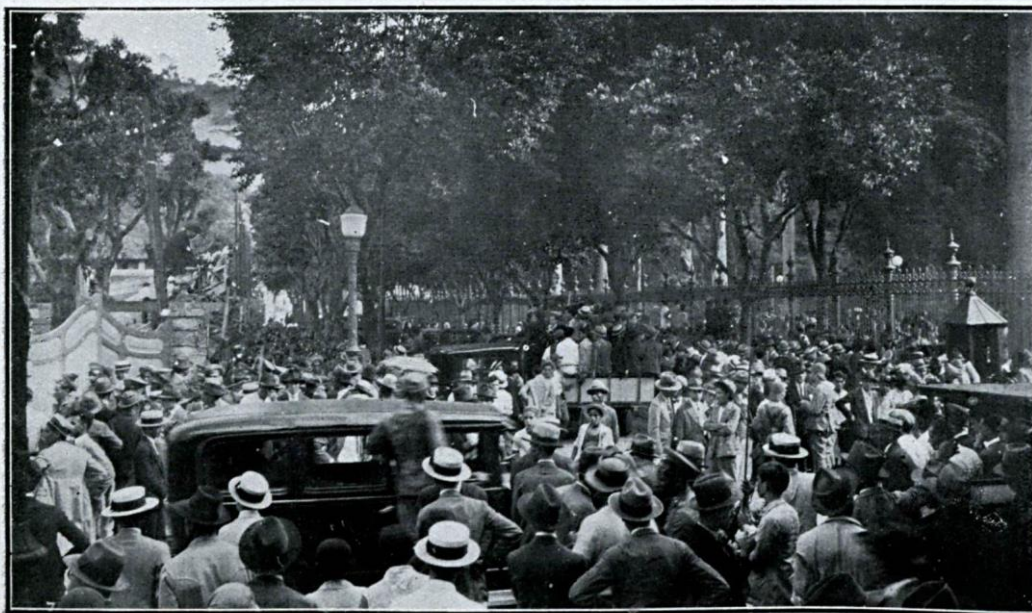
Reservistas da Revolução do 2º Batalhão da Brigada Militar, do Pelotão de Metralhadoras do Rio G. do Sul, fazendo Avenida.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



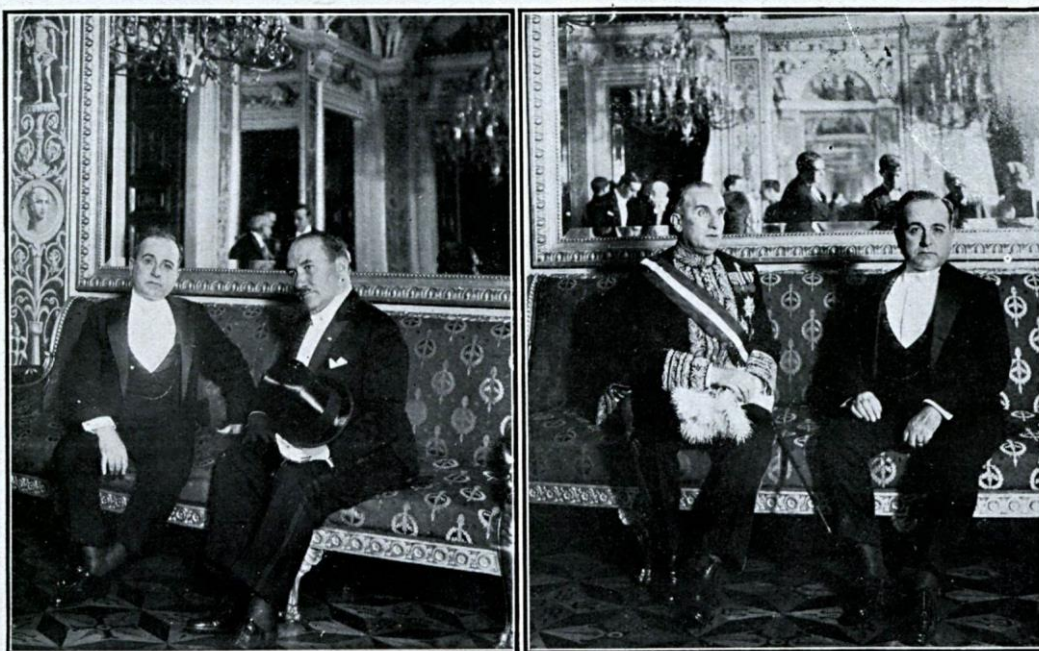
O 4.º Batalhão de Reserva de Porto Alegre, acantonado no Campo de Exposição de Pecuária.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



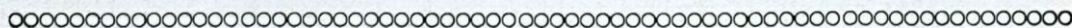
Em frente ao Palácio Guanabara no dia histórico de 24 de Outubro.

A VIDA DIPLOMATICA DA REVOLUÇÃO



I — O Ministro do Equador, o primeiro que entregou as Credenciaes ao Presidente Getulio Vargas.

II — O Embaixador da Italia, que fez a entrega das suas na mesma cerimonia.



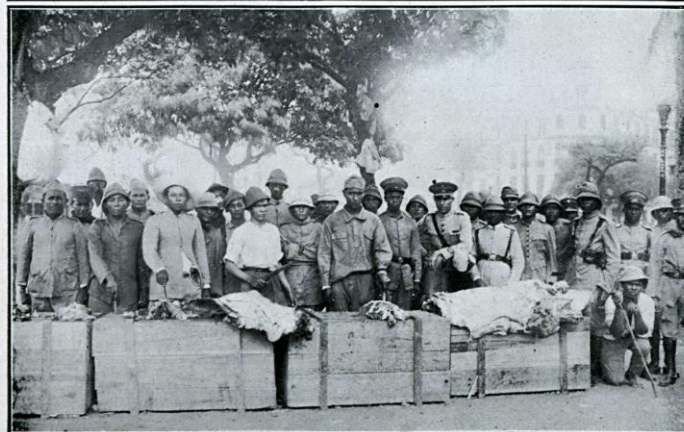
JOCKEY CLUB



O Dr. Getulio Vargas e alguns membros do Governo no Grande Premio Presidente da Republica.

A Revolução Victoriosa

SENADO FEDERAL — PALACIO MONROE



Acampamento da Columna do Norte — preparando a boia.

15-11-1930

Careta

23

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA

O EMBARQUE DO GENERAL JUÁREZ TAVORA



Em cima — Avião pilotado pelo Cte. Petit, no qual partiram os Ctes. Maynard, Barata e Ttes. Cavalcanti e F. Navarro. Em baixo — Photographia tirada as 4 horas da madrugada, por ocasião do embarque de Juarez Tavora para o Norte.

THEATRO LYRICO



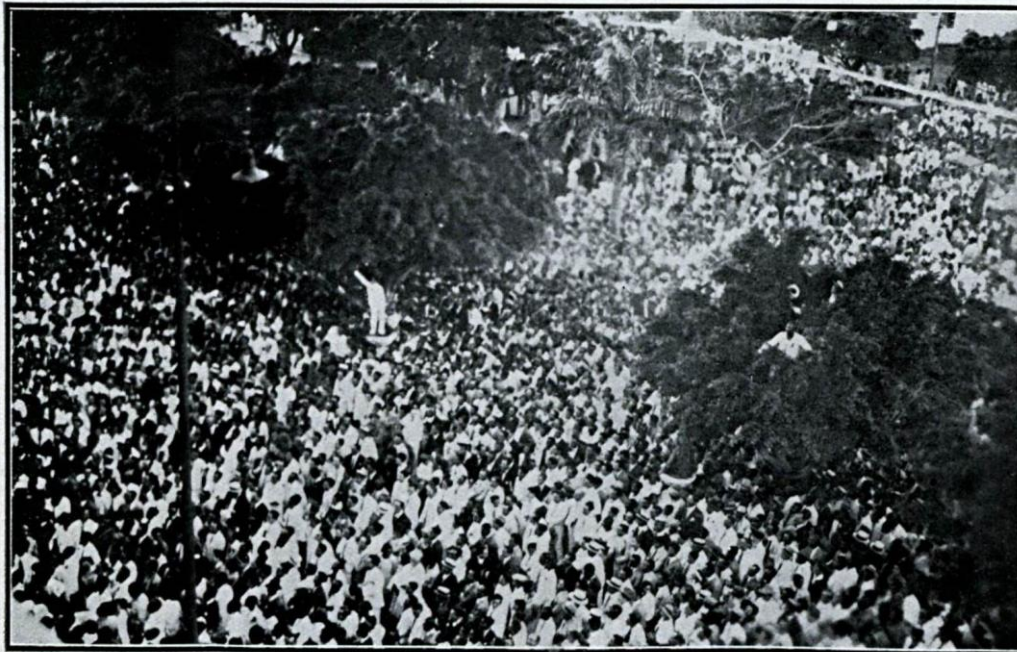
Grupo feito no festival da homenagem da Mulher Brasileira às Tropas Revolucionarias — revertendo parte para a dívida do Brasil.

COPACABANA



O Posto 6 — Os banhistas esperam as manifestações da Fortaleza de Copacabana.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



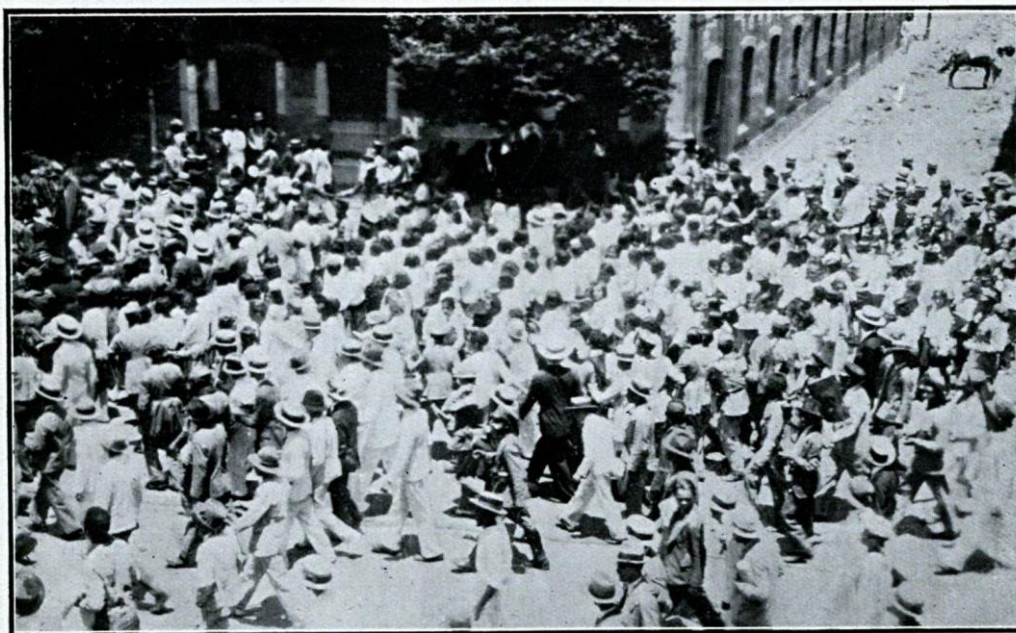
Em Pernambuco — A massa popular fazendo demonstrações de solidariedade ao Presidente Dr. Carlos de Lima Cavalcanti, na tarde de 12 de Outubro, em frente ao Palacio no Recife.

15 - 11 - 1930

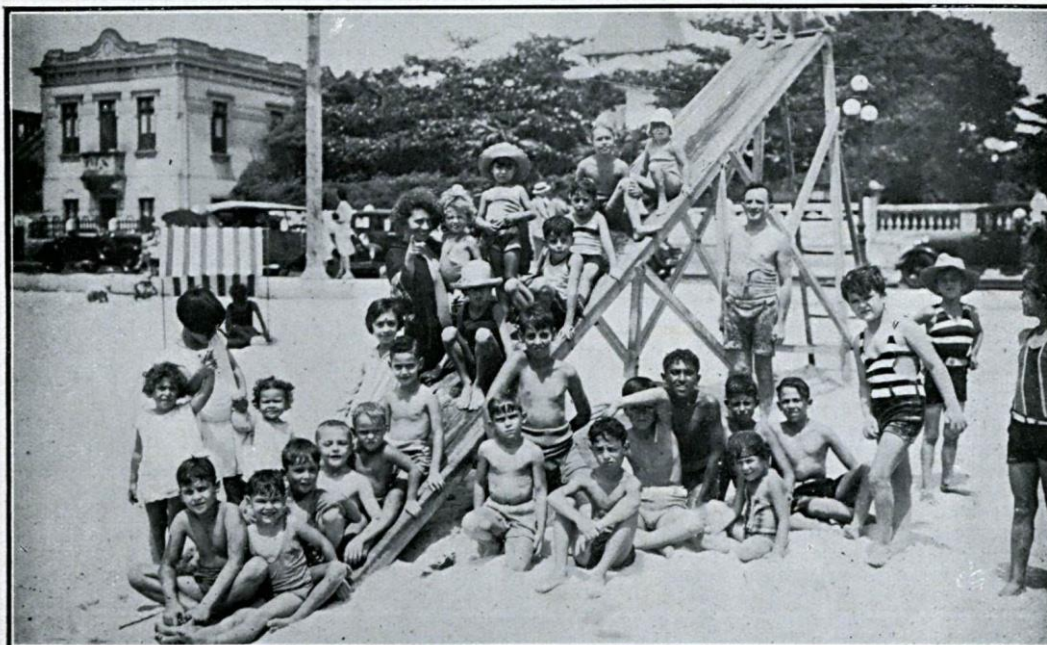
Careta

31

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



No Recife — Parte do cortejo levado a efeito pelos alumnos da Escola Normal Official, quando faziam o enterro do «barbado», no dia historico 24 de Outubro.



COPACABANA — A alegria da meninada revolucionária no Posto 6.

COPACABANA



O Posto 6 na manhã da Revolução.

Por meio da matéria editorial “Os gestos revolucionários”, a *Careta*, na edição de 22 de novembro de 1930¹¹, defendia que a ação do movimento rebelde deveria aprofundar-se. Segundo a publicação, a Revolução não acabara, pois “apenas começou”, de modo que “o acabamento foi do seu primeiro episódio”, de maneira que, “para que ela se desenvolva em toda a sua extensão”, seriam necessários “alguns anos, ou, pelo menos, um período preparatório de certa duração”, no qual se daria a “formação do esqueleto da nacionalidade”. Propunha assim que a Revolução prosseguisse “na sua marcha impetuosa e, da superfície das coisas, penetre no interior da nossa vida social”, sendo preciso “que a Revolução modifique a velha e crie a nova mentalidade, com a qual as gerações atuais e futuras viverão dentro da democracia que se desenha”.

Na opinião do semanário, seria impossível que os brasileiros estivessem “satisfeitos apenas com a derrubada de algumas fortunas escandalosas e de alguns figurões de cínica aventura republicana”, pois tal “balanço de posições e de interesses é insignificante”. Considerava que “a Revolução não pode pretender criar uma vida nova dentro de um corpo velho”, o que seria inviável, uma vez que o “velho corpo” fora “amputado de vários membros”, não podendo “sobreviver” e “o seu enterro tem que ser feito em túmulo profundo, em ponto de onde seja impossível exalarem-se os miasmas de sua terrível decomposição”. Destacava também que, “de alguns gestos revolucionários” o país teria de “passar aos fatos revolucionários”, de modo a construir uma outra república, “muito diferente deste sovado modelo, estreito e mesquinho”. Nesse quadro,

¹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

determinava que “o modelo revolucionário tem que abarcar e abranger todo mundo” e concluía que “os homens da Revolução estão obrigados a fazer revolução, é preciso que eles compreendam isso com amplitude e descortino”.

O material fotográfico da *Careta* no número correspondente a 22 de novembro estendia-se a outras localidades brasileiras, como Curitiba, apresentando grande mobilização popular e deslocamento de tropas, e São Paulo, com as presenças das lideranças revolucionárias João Alberto e Isidoro Dias Lopes. Houve um destaque especial para a cobertura das comemorações em homenagem ao aniversário da proclamação da República, ocorridas na semana anterior, com uma série de solenidades e desfiles, que traziam consigo as primeiras grandes presenças oficiais dos novos detentores do poder, além de demarcar, mais uma vez, uma grande mobilização popular. Também foi noticiada a chegada do Batalhão Feminino João Pessoa, um grupo de mulheres que defendera a causa rebelde em Minas Gerais. Os registros voltados às tropas permaneceram constantes, bem como a posse de autoridades públicas, além da seção “A Revolução vitoriosa” que continuava a encontrar espaço nas páginas do hebdomadário.

CURITYBA — PARANA'



Desfile do Centro Cívico «Annita Garibaldi», em plena Revolução.



A Revolução em Curityba.

22 - 11 - 1930

Careta

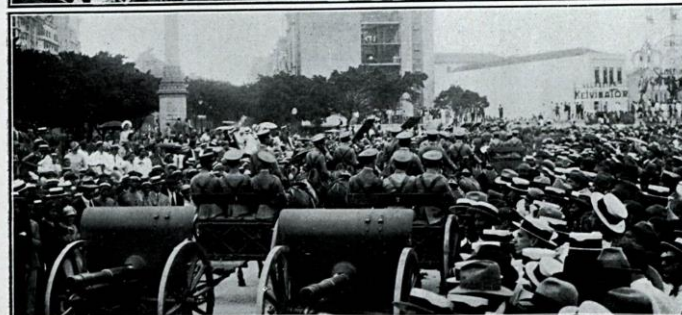
11

CURITYBA — PARANA'



As Forças Paranaenses em marcha para Itararé.

A GRANDE PARADA DE 15 DE NOVEMBRO



I — Os «Tanks» construídos no Rio Grande do Sul. II — Os Bombeiros desfilando III — A Artilharia.

22-11-1930

Careta

13

15 DE NOVEMBRO

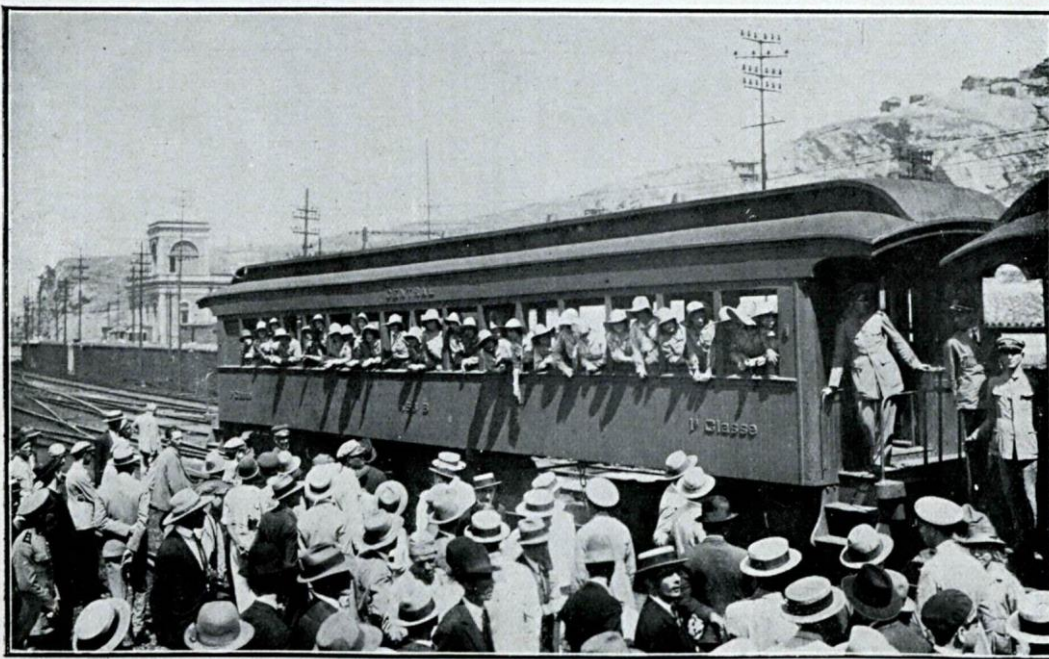


Um aspecto do desfile da Cavallaria Gaucha.



Outro aspecto do desfile da Cavallaria Gaucha.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



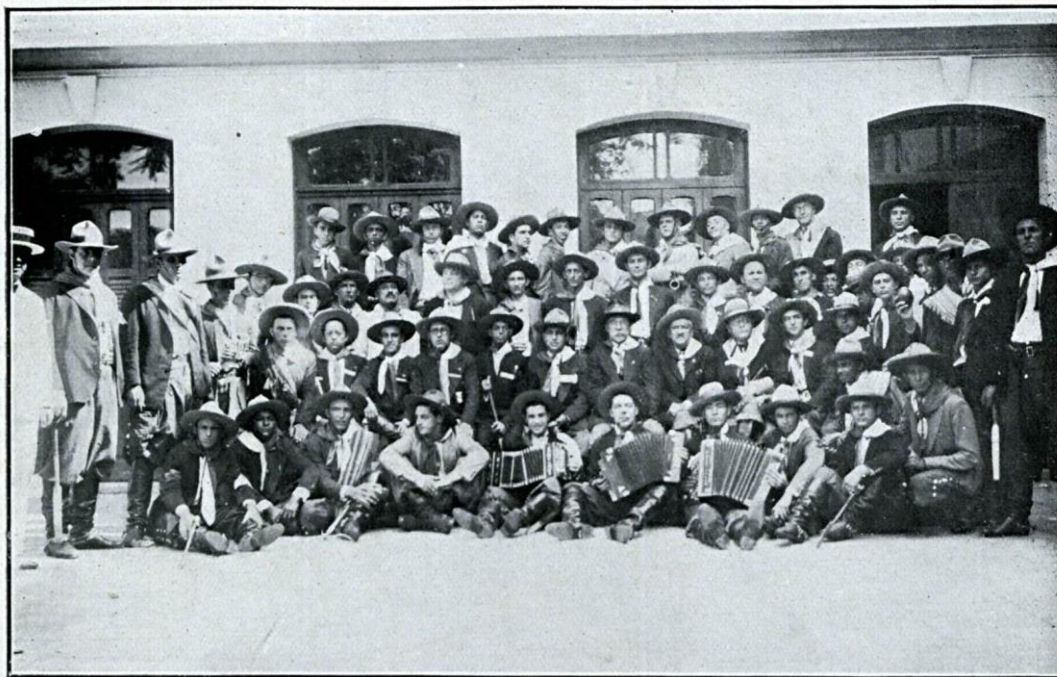
A chegada do Batalhão Feminino João Pessoa.

22 - 11 - 1930

Careta

15

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



A Legião Bento Gonçalves e sua banda de musica.

16

Careta

22-11-1930

15 DE NOVENBRO



O desfile do Collegio Militar.

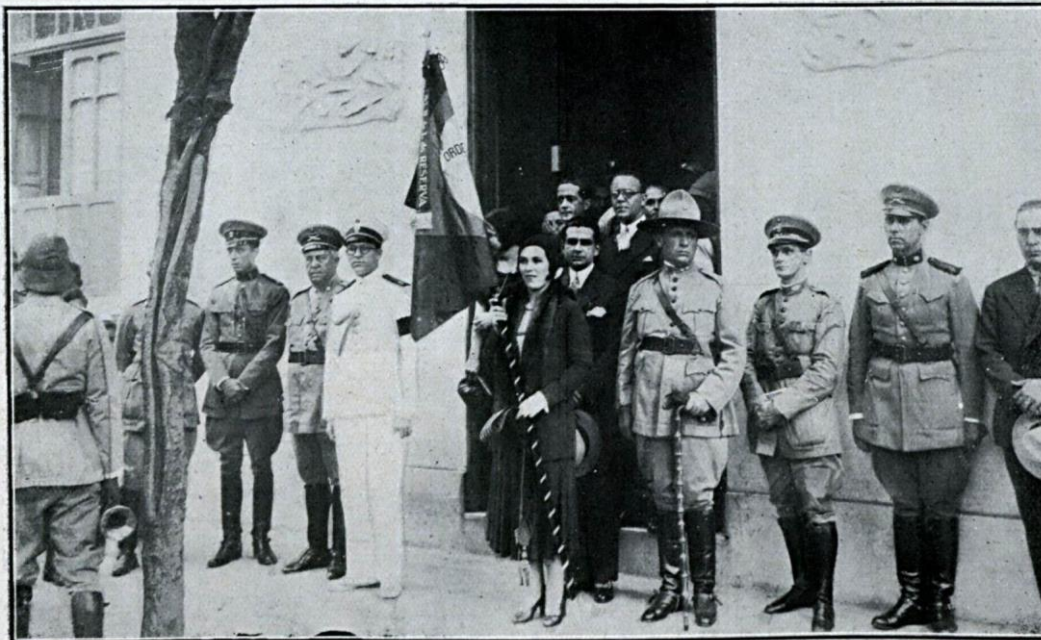


15 DE NOVEMBRO

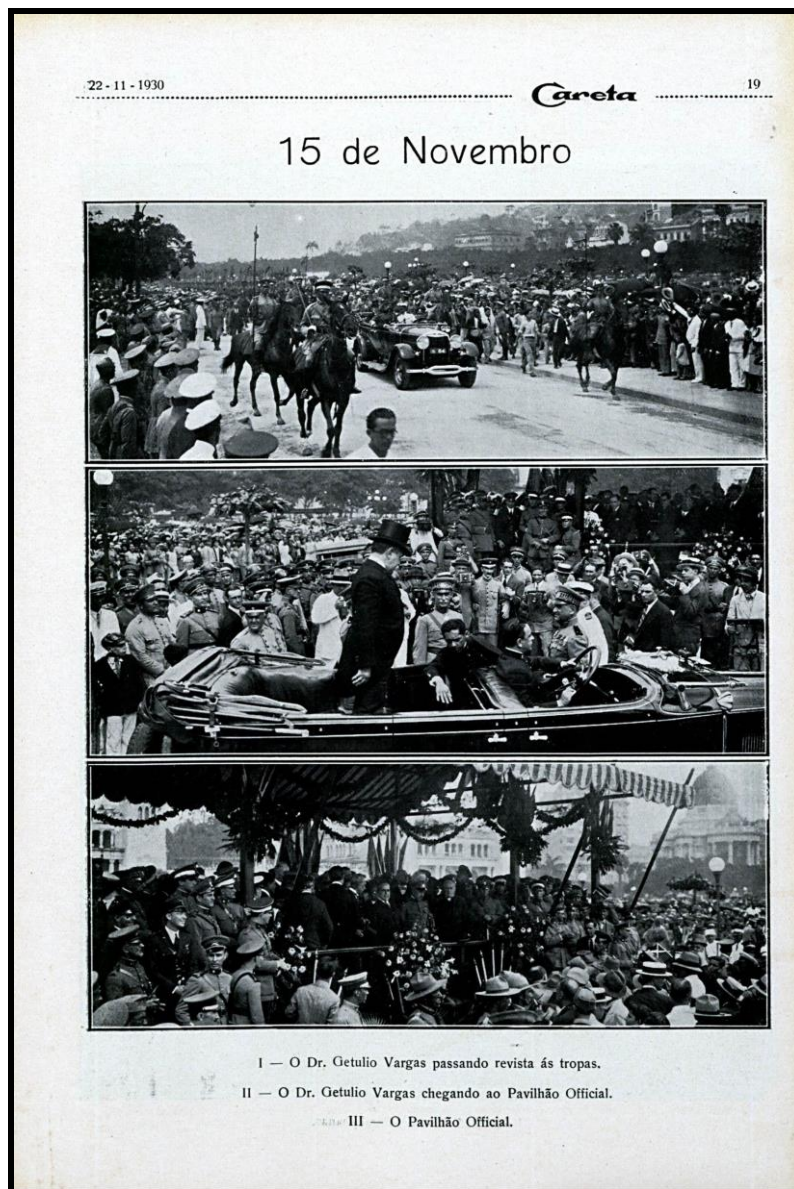


O desfile das Forças Gauchas.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



A Sra. Mario de Oliveira no momento de oferecer a Bandeira ao 4º Batalhão da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.



15 DE NOVEMBRO



O desfile do Batalhão Feminino João Pessoa.



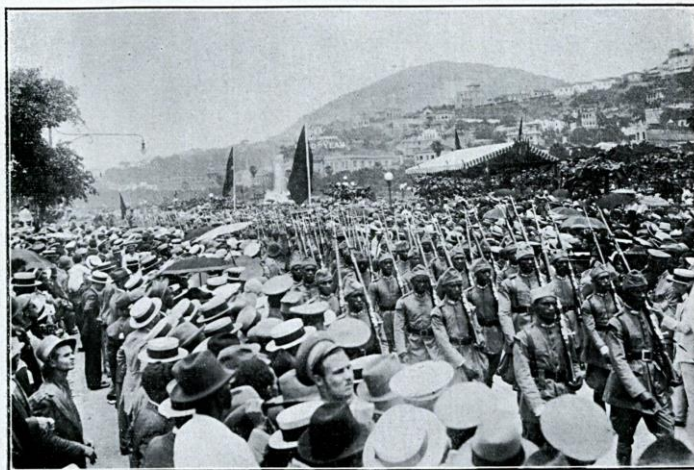
O desfile das Forças Parahybanas.

22 - 11 - 1930

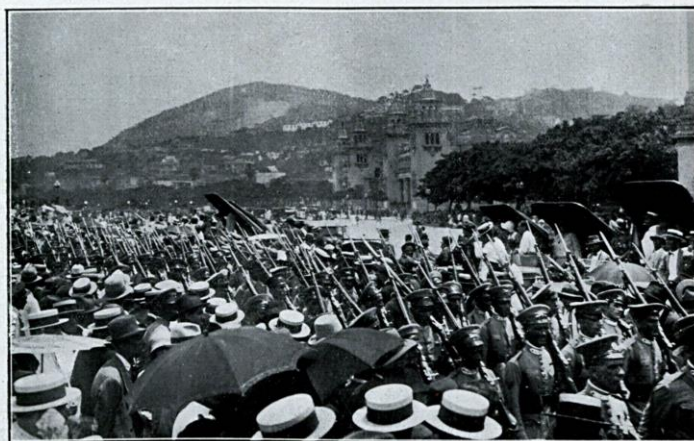
Careta

21

15 DE NOVEMBRO



O desfile das Forças de Pernambuco.



O desfile das Forças Mineiras.

15 DE NOVEMBRO

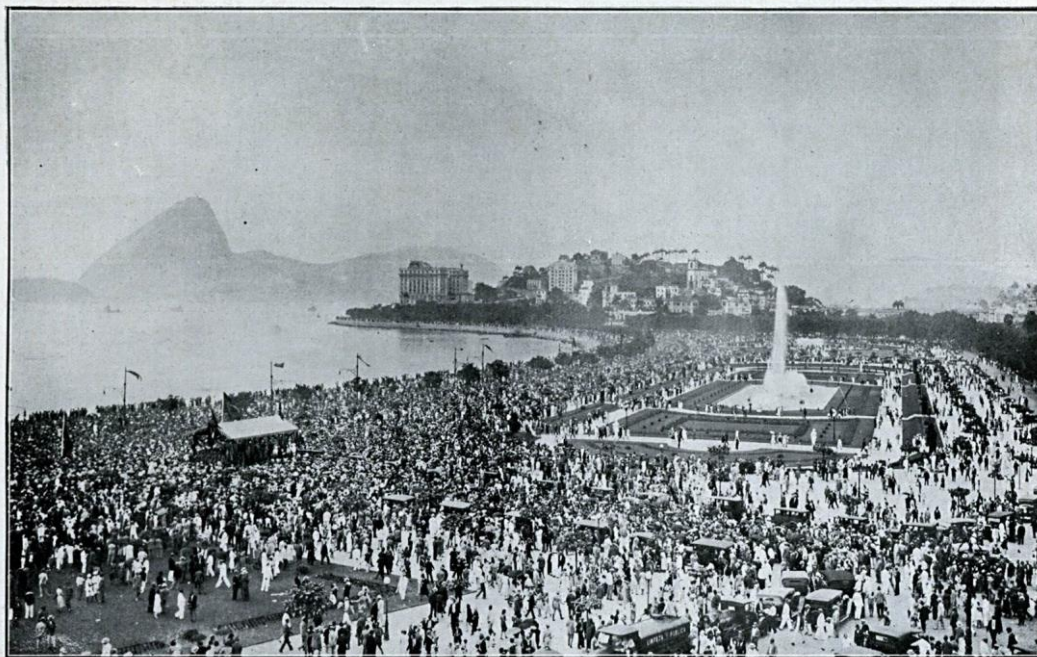


Aspecto da assistencia na parada militar.



Venda do Hymno do Capitão Chevalier para o monumento dos 18 do Forte de Capacabana.

15 DE NOVEMBRO



Aspecto geral tomado no local da formatura das tropas na parada em comemoração á data da Republica.

15 DE NOVEMBRO



O desfile das Forças de São Paulo.

15 DE NOVEMBRO



O desfile das Forças do Norte.

15 DE NOVEMBO



O desfile da Escola Militar.



O desfile da Escola Naval.

15 DE NOVEMBRO



Aspecto das evoluções de um avião da esquadrilha.

SÃO PAULO



João Alberto photographado no salão nobre dos Campos Elysios.

MINISTERIO DA JUSTIÇA



O Dr. Oswaldo Aranha dando posse ao Dr. Belizario Penna, novo Director da Saude Publica.

2ª REGIÃO MILITAR — SÃO PAULO



O General Izidoro Dias Lopes.

A REVOLUÇÃO VICTORIOSA



O General João Francisco e seu estado maior, no Hotel Gloria.

Sob o título “Às claras”, o editorial da edição de 29 de novembro de 1930¹² da *Careta* se referia à possibilidade de Osvaldo Aranha sair do Ministério da Justiça, considerando que a ausência da “grande alma civil da Revolução” poderia trazer prejuízos aos destinos da pauta revolucionária. A revista insistia na questão da apuração da “responsabilidade de todos aqueles que contribuíram para a ruína do país e para a desmoralização do regime”, pois teria sido “essa divisa inscrita na bandeira desfraldada” e que provocara “o entusiasmo, mesmo entre os mais frios e os mais descrentes na possibilidade de uma revolução punitiva”. Apontava que “só com a continuação de Aranha no governo, a responsabilidade ficaria em evidência, em ação”, vindo a saudar o desmentido do boato, com a garantia de tal permanência, destacando que, “com ele, tudo terá que vir à tona do lamaçal em que vivíamos durante os derradeiros governos”. Além disso, o semanário pedia medidas mais firmes na busca de soluções para a crise financeira que assolava o Brasil, pois julgava que “a situação do país é a de uma massa falida”.

As reproduções fotográficas do número de 29 de novembro traziam várias questões administrativas, como a mudança no Ministério da Viação, com a saída de Juarez Távora e a ascensão de José Américo de Almeida; a posse de Francisco Campos no Ministério da Educação; e uma reunião do Departamento Nacional de Saúde Pública. Houve também a preocupação em abordar fatos ligados aos decaídos do poder, como ao mostrar Washington Luís saindo do

¹² CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.

Forte de Copacabana, sob a guarda de vários militares e executando “os últimos momentos antes do embarque” para o exílio. Ainda apareciam registros da “Festa da bandeira”, reportando às comemorações do 19 de Novembro daquele ano, evidenciando a presença de Getúlio Vargas e, mais uma vez, a participação popular. O papel da mulher também era destacado, com a organização de atividades categorizadas como uma “cruzada feminina no Novo Brasil”. Outro tópico em realce foram as solenidades em preito à memória de João Pessoa, contribuindo com o processo crescente em busca de heroicizar tal personagem. Também foram abordados pela fotografia temas como uma manifestação popular direcionada a Vargas e uma recepção organizada pela primeira dama ao corpo diplomático estrangeiro.

O novo Ministro da Viação



Desembarque do General Juarez Tavora e do Dr. José Americo, Ministro da Viação.
Photographia tirada a bordo vapor «Almirante Alexandrino», às 10 horas da noite.

29-11-1930

Careta

9

MINISTERIO DA JUSTIÇA



O Sr. Francisco Campos no momento de tomar posse do cargo de Ministro da Educação lendo o agradecimento ao Dr. Oswaldo Aranha.



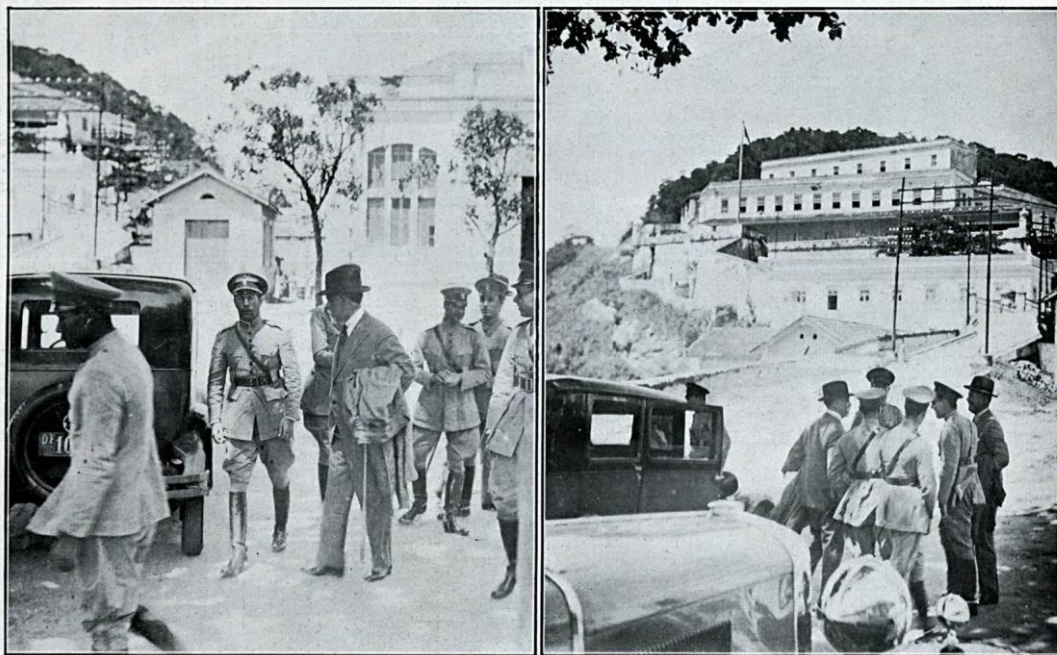
Reunião no Departamento Nacional de Saúde Pública para tratar da Prophylaxia dos Quartéis.

A DEPORTAÇÃO DO EX-PRESIDENTE



O Sr. Washington sahindo do Forte de Copacabana em companhia do Cte. Pradel, commandante do Forte.

A DEPORTAÇÃO DO EX-PRESIDENTE

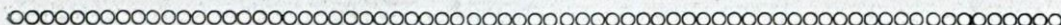


I — Na Fortaleza de São João, ao tomar o auto que o levou á Polícia Marítima. II — Fortaleza de São João — Os ultimos momentos antes do embarque.

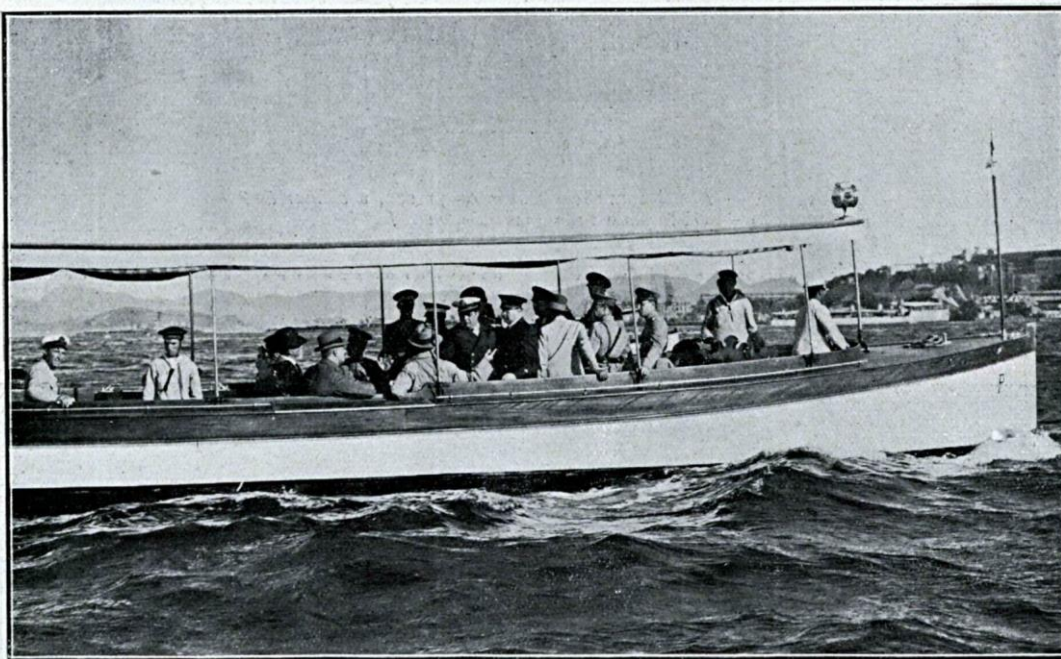
A DEPORTAÇÃO DO EX-PRESIDENTE



O Sr. Washington Luiz e o Sr. Prado Junior, no momento que saíam da Fortaleza de S. João, para a lancha que os conduziu a bordo do vapor «Alcantara» em companhia dos commandantes do Forte de Copacabana, da Fortaleza do S. João e 4.º Delegado auxiliar.



A DEPORTAÇÃO DO EX-PRESIDENTE



O Sr. Washington Luiz e sua comitiva na lancha da Polícia Marítima.

FESTA DA BANDEIRA



O Sr. Getúlio Vargas no momento de içar o Pavilhão

29 - 11 - 1930

Careta

15

FESTA DA BANDEIRA



O Presidente Getúlio Vargas despedindo-se do Prefeito Bergamini.

16

Careta

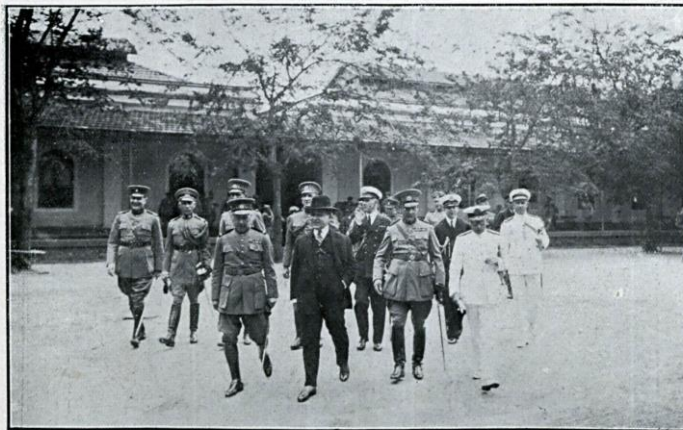
29-11-1930

FESTA DA BANDEIRA



Aspecto da solennidade no Pateo da Prefeitura.

ESCOLA MILITAR



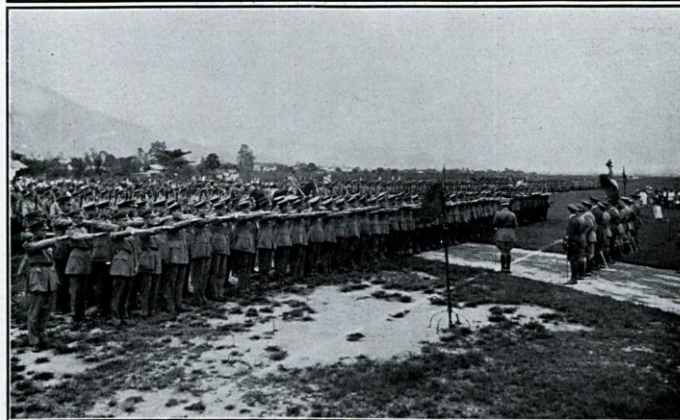
O Dr. Getúlio Vargas, o Ministro e altas patentes da Guerra chegando à Escola para a solennidade do compromisso à Bandeira.

29 - 11 - 1930

Careta

17

Escola Militar



I — Aspecto da assistência á cerimonia do Compromisso á Bandeira pelos novos Aspirantes.

II — O Compromisso á Bandeira dos novos Aspirantes.

29 - 11 - 1930

Careta

19

CRUZADA FEMININA DO NOVO BRASIL



Grupo feito no chá oferecido ao Batalhão Feminino João Pessoa.

PAVILHÃO DO DERBY CLUB



Grupo feito no Chimarrão Dansante oferecido pelo 8º R. de Cavallaria Independente a Sociedade Carioca.

Á MEMORIA DE JOÃO PESSOA



Inauguração das Placas da Praça João Pessoa antiga dos Governadores.

29-11-1930

Careta

31

CEMITERIO S. JOÃO BAPTISTA



Homenagem a João Pessoa — A Banda de Musica do Paraná fazendo um concerto no seu tumulo.

PALACIO DO CATTETE



Manifestação do Povo do E. do Rio ao Dr. Getulio Vargas.

PALACIO DO CATTETE

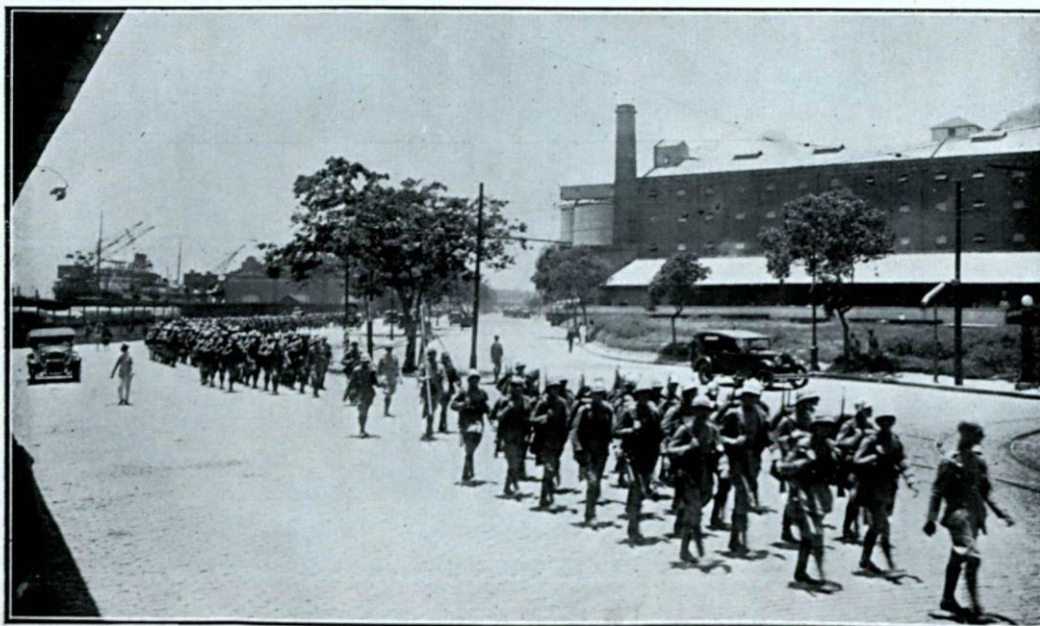


Recepção da Sra. Getulio Vargas ao Corpo Diplomático estrangeiro.

O editorial do número de 6 de dezembro de 1930¹³ da revista ilustrada e humorística versava sobre “A revisão da Constituição”. Logo na abertura, o artigo questionava “porque não continua como está abolida a Constituição, que, aliás, nunca foi posta em execução?”. E, em seguida, tecia a consideração de que “o tempo que passamos sem ela” estaria a provar “bem que é desnecessário esse sovado alcorão político, que fanatiza os nossos divertidos democratas e serve de trincheira aos contrabandistas republicanos quando perseguidos pelo clamor público”. De acordo com a matéria editorial, “a Constituição abolida pela cavalaria gaúcha é uma obra-prima de jesuitismo e puritanismo”, de modo que “ela não podia ficar como estava”, já que “a República mudou com os seus homens e as suas coisas”. Nessa linha, o periódico explicitava que, “apesar da profunda apatia da Nação por essa mentira genial, sente-se que é preciso outro direito, outra forma, outra fé, outra lei, outros deveres que reajam contra o irrevogável determinismo histórico que nos envolve”. As cenas fotográficas captadas pela *Careta* já escasseavam, trazendo o embarque de tropas de volta ao seu ponto de origem e a partida dos exilados políticos, em específico, “o ex-futuro Presidente” Júlio Prestes.

¹³ CARETA. Rio de Janeiro, 6 dez. 1930.

CA'ES DO PORTO



O embarque dos Voluntarios do Paraná.

6-12-1930

Careta

15

CÃES DO PORTO



O embarque dos Voluntários do Paraná no vapor «Almirante Alexandrino».

OS EXILADOS POLITICOS



O ex-futuro presidente ao sair da Polícia Marítima a caminho do exílio.

Na edição de 13 de dezembro de 1930¹⁴, o editorial da *Careta* comentava “A mecânica governamental”, traçando vários paralelos entre o funcionamento dos maquinismos e as práticas governamentais. Segundo a coluna, “a vitória da Revolução trouxe consigo a necessidade do conserto geral na máquina de fazer governo”, opinando que, no caso da “máquina republicana herdada da pátria sul-americana dos patriotas auriverdes”, não seria “a máquina de fazer governo” que andava, pois, “quem anda é quem se faz governar”, ou seja, “iria mesmo sem a máquina”. O artigo especificava que “o governo prevê preliminarmente que os governados são passivos”, de modo que “não precisa mais nada”, pois, “para que a máquina ande, basta ficar parada, visto como os governados não distinguem entre uma rodagem que segue e uma inércia que estaca”. Mantendo a analogia entre as ações dos maquinários e as governativas, a matéria propunha a necessidade de uma maior mobilização popular para aperfeiçoar a “mecânica governamental”.

Os registros fotográficos desse número de 13 de dezembro traziam uma homenagem a um comandante revolucionário de 1924, revelando a revalorização dos atores sociais que lideraram os movimentos tenentistas; o embarque de dois líderes revolucionários e membros do governo, Osvaldo Aranha e Juarez Távora para uma estação de repouso; a visita de homens públicos às instalações do Forte de Copacabana, também em alusão ao tenentismo, no caso a lembrança dos 18 do Forte; uma reunião-almoço dos generais que compuseram a Junta Pacificadora; o desembarque da família do

¹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.

Chefe de Polícia, Batista Luzardo; um quadro pitoresco na Praia do Leblon, mostrando vários gaúchos banhando-se nas águas do balneário, junto de sua cavalhada; as manifestações públicas também estavam em pauta, com a presença de “um grupo dos sem trabalho antes do comício” e a mobilização dos “sem trabalho” no próprio ato; mais uma vez havia a presença feminina, com a reunião de senhoras, jovens e meninas na intenção de arrecadar fundos “pró-resgate da dívida interna”; e, finalmente, era registrada a posse de Lindolfo Collor no Ministério do Trabalho.

10

Careta

13-12-1930

CLUB NAVAL



O jantar oferecido ao Commandante Cascado, revolucionario de 1924.

VIDA POLITICA



Embarque do Dr. Oswaldo Aranha e Juarez Tavora para uma estação de repouso.

CASA FORTE DE COPACABANA



O Dr. Antonio Carlos, ex-presidente de Minas, no Cubiculo 21 da 10ª galeria.

13 - 12 - 1930 *Careta* 15

CASA FORTE DE COPACABANA



Visita do Dr. Adolpho Bergamini ao presídio dos 18 do Forte. Ao lado do Capitão Chevalier, F. Barreto, Nelson Guillobel e outros.

... ..

VIDA POLITICA



O almoço aos Generaes da Junta Pacificadora no 1º Regimento de Cavallaria.

VIDA SOCIAL



Desembarque da família do Dr. Baptista Luzardo.

13-12-1930

Careta

19

Praia do Leblon



O banho da Cavalhada Oaucha.

OS SEM TRABALHO



Um grupo dos sem trabalho antes do Comício.

13-12-1930

Careta

31

OS SEM TRABALHO



Comício no Largo de S. Francisco de Paula

32

Careta

13—12—1930

O DIA DA PATRIA



Pro resgate da dívida interna.

MINISTERIO DA JUSTIÇA



O Sr. Lindolpho Collor, novo Ministro do Trabalho, tomando posse do cargo.

O título do editorial do número referente a 20 de dezembro de 1930¹⁵ da *Careta* era “Aspectos esquecidos” e tratava da “liberdade de consciência”, lamentando que a mesma tivesse sido “apenas arrepiada pela insurreição, quando ela devia ser sacudida, violentada no seu entorpecimento secular”, de modo que, “no abismo aberto”, se “pudesse sepultar toda a vilania estratificada em camadas políticas, literárias, financeiras, ortodoxas, legais, econômicas” a partir das quais teriam se erguido “as eminências do regime, os marechais da nobreza, os camareiros do legalismo e os podestades da justiça”. De acordo com a matéria, havia “um pudor incrível em desvendar a nossa vilania nacional”, de maneira que, “antes da investida de outubro, quando alguém dizia que os nossos homens de governo eram ladrões, surgiam bandos de vilões opinativos”, indignando-se com o “atrevimento dos que diziam essas coisas desprestigiadas e dissolventes”. Perante tal circunstância, a coluna editorial demarcava que a Revolução mostrara “que realmente vivíamos sob o domínio de Ali-Babás e dos quarenta ladrões”. Na manutenção da linha de pensamento voltada a exigir medidas mais duras em relação aos decaídos do poder, surgia o argumento de que seria necessário mais do que “um porão de navio” para aprisionar tais “gatunos” e “vilões”.

A reportagem fotográfica da revista trazia registros da ação de Maurício Lacerda, que exerceria a função de embaixador no Uruguai, inclusive com a presença de Vargas; o Presidente da República apareceria também em uma “festa da gratidão”, promovida na “Casa dos artistas”; foi ainda mostrada mais

¹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.

uma aglomeração de populares na Praça da República, para assistência de atividades esportivas; também compôs o quadro das fotografias um “chá de despedida da oficialidade das tropas revolucionárias do Rio Grande do Sul”; no sentido da apuração dos atos anteriores à Revolução, foi montado um Tribunal Revolucionário, cuja primeira reunião foi registrada; e, em “Ecos da Revolução”, foi apresentada a partida de mais um exilado político.



Aspecto da Inauguração da Estação Sebastião de Lacerda, no momento que discursava Mauricio de Lacerda.

LEGAÇÃO DO URUGUAY

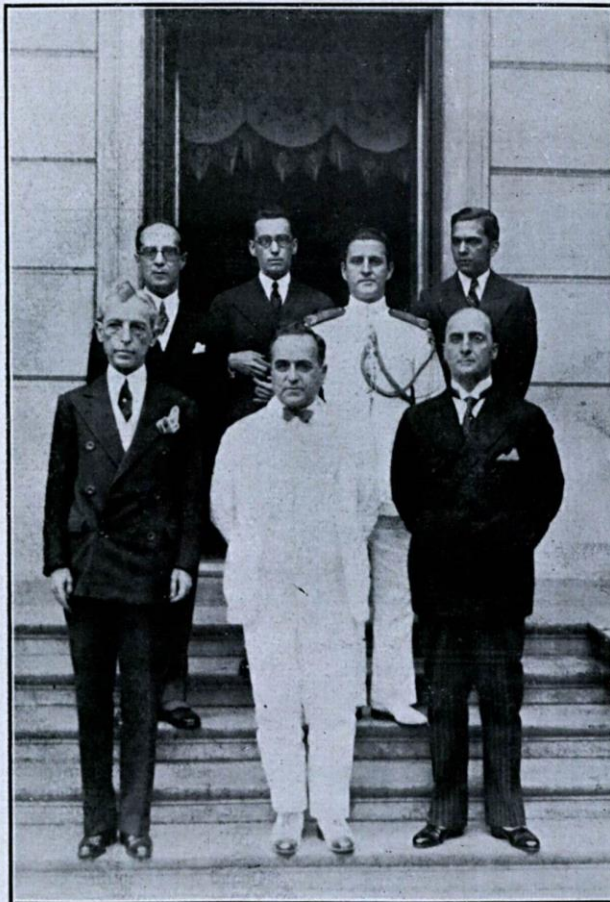


Almoço oferecido pelo Ministro do Uruguay aos membros da Embaixada Brasileira que vae a Montevidéo, chefiada por Mauricio de Lacerda.

Careta

29

PALACIO DO CATTETE



O Presidente Getulio posando com a Embaixada chefiada por Mauricio de Lacerda que foi ao Uruguay.



Grupo feito no embarque de Mauricio de Lacerda, chefe da Embaixada do Brasil nas festas do Uruguay.

20 - 12 - 1930

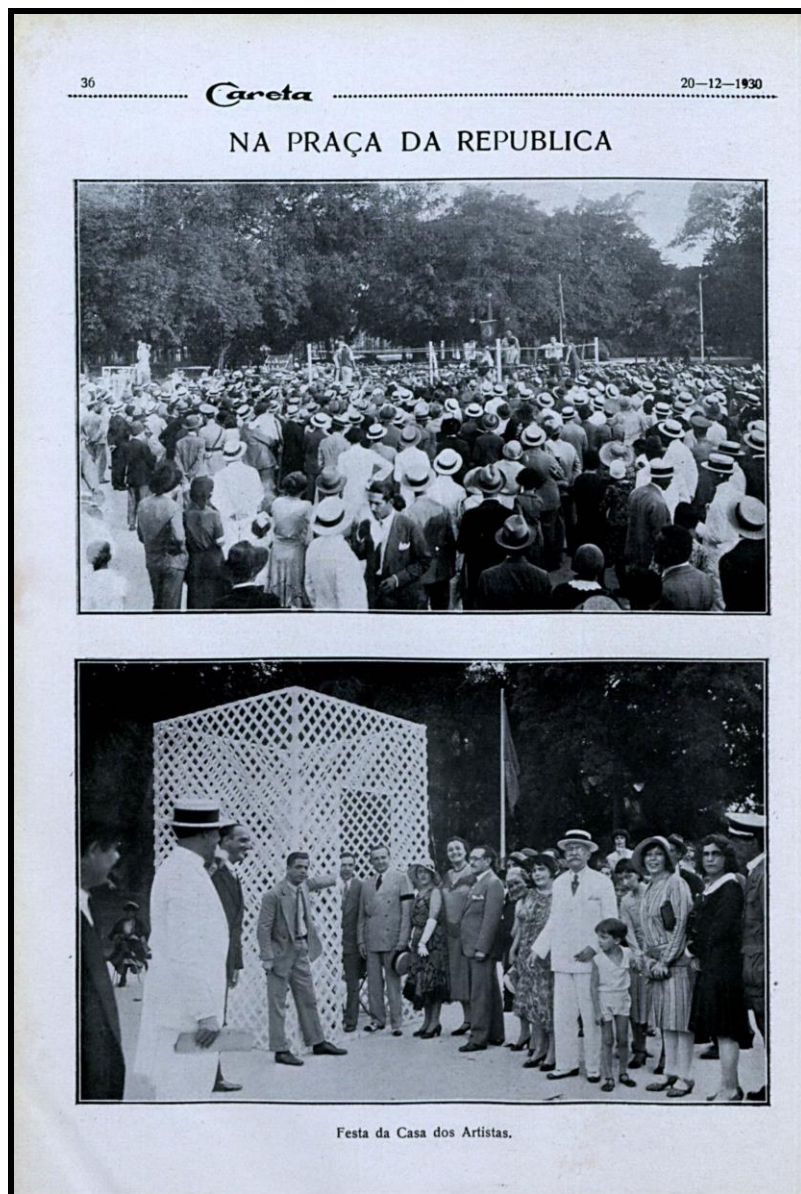
Careta

35

CASA DOS ARTISTAS



Festa de gratidão.



ÉCOS DA REVOLUÇÃO



Chá de despedida da officialidade das tropas revolucionarias do Rio Grande do Sul.

40

Careta

20—12—1930

PALACIO MONROE



A 1ª Reunião do Tribunal Revolucionário.



ÉCOS DA REVOLUÇÃO



O embarque do sr. Carvalho de Britto para o exílio.

Na última edição de 1930, correspondendo a 27 de dezembro¹⁶, o editorial da *Careta* intitulava-se “Literatura revolucionária”, opinando que “a Revolução de Outubro trouxe à literatura uma contribuição de lirismo político que contrasta vivamente com o caráter positivo e prático que a vida nacional tomou nestes últimos meses”. Lançando um olhar crítico sobre tal circunstância, o artigo defendia que, “incapazes de se verem a si mesmos no reflexo dos outros homens, os líricos da Revolução” teriam passado “a ver os seus semelhantes entre os seus dessemelhantes”, ficando, “como moralistas, juízes de uma partida desigual e injusta”. Mantendo o tom de censura, a matéria apontava que “o mal que o lirismo e o fabulismo produziram em tantas gerações” trouxera consigo o “reacionarismo”, o qual gerara um “crepúsculo desesperado”.

Foram poucos os últimos registros fotográficos estampados nas páginas da revista ilustrada e humorística referente ao derradeiro número publicado em 1930. Era o reflexo de que o movimento revolucionário já não era a pauta do dia, passando os comentários cada vez mais a se concentrarem nas ações do Governo Provisório. Tais fotografias mostravam a presença do militar Isidoro Dias Lopes, um dos líderes da Revolução, em seu regresso do Rio de Janeiro para São Paulo; o embarque de tropas sul-rio-grandenses de volta ao seu Estado natal; a maquete de um monumento em homenagem aos 18 do Forte, que seria erigido na Praia de Copacabana; e uma cena com os participantes de um almoço oferecido aos jornalistas pelo Estado Maior do Presidente da República, realizado no Palácio do Catete.

¹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.

27-12-1930

Careta

15

VIDA POLITICA



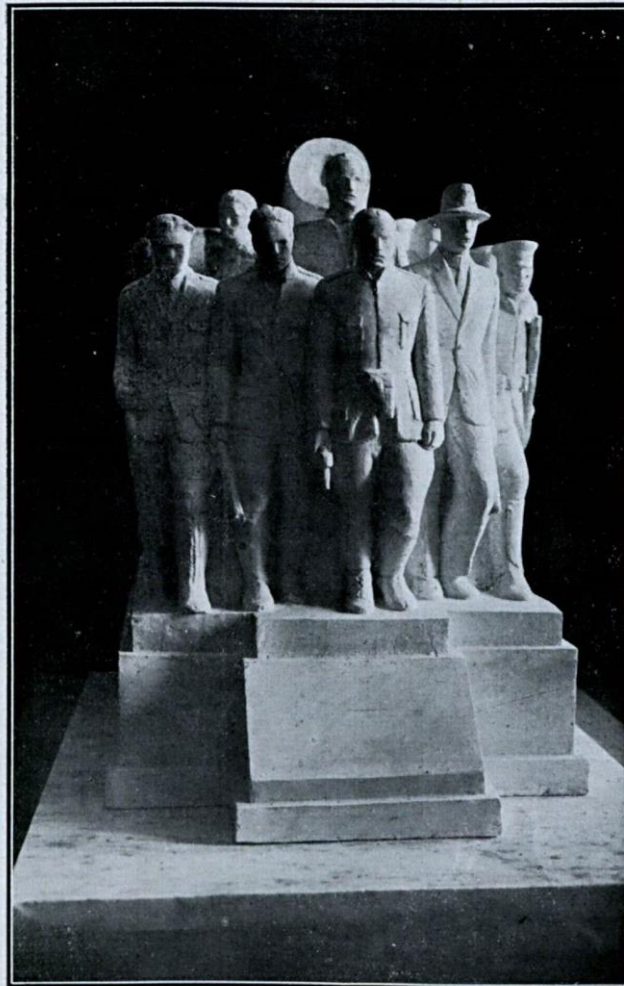
O General Izidoro Dias Lopes ao sair do Palace Hotel para regressar a S. Paulo.

A BORDO DO PARÁ



Embarque de forças Gauchas.

OS 18 DO FORTE

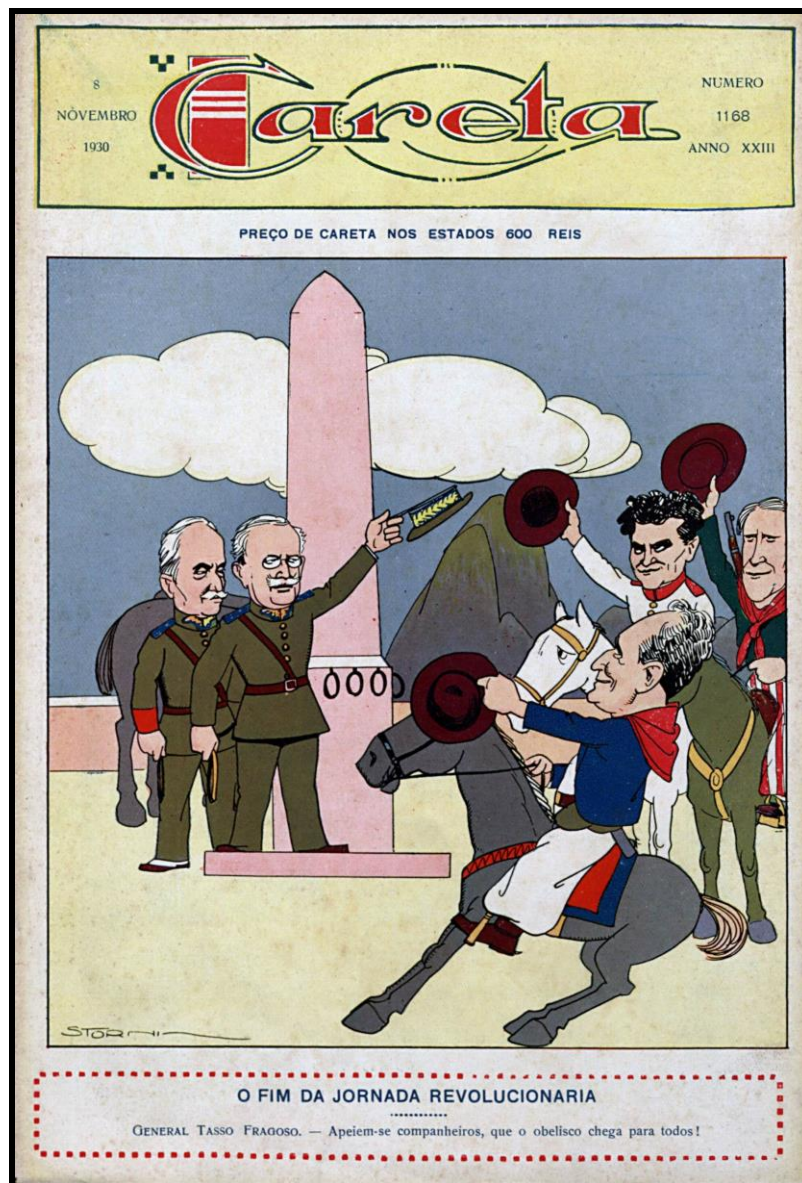


Maquette no Monumento a ser erigido na Praia de Copacabana.



PALACIO DO CATTETE — Almoço oferecido aos Jornalistas pelo Estado Maior do Dr. Getulio Vargas.

REPRESENTAÇÕES CARICATURAIS



Nos últimos dois meses do derradeiro ano da década de 1920, a Revolução de 1930, seus líderes e novos detentores do poder foram os protagonistas nas representações caricaturais expressas pela *Careta*. Já na capa da primeira edição de novembro daquele ano, a revista de caricaturas fazia uso do imaginário, ao mesclar dois momentos históricos que não ocorreram concomitantemente na realidade, ou seja, o evento dos gaúchos amarrando os cavalos no obelisco e o da passagem do poder da Junta Militar Governativa aos revolucionários. A representação mostrava dois dos membros da Junta que derrubara Washington Luís, com um deles tirando o quepe para saudar os rebeldes. Os revolucionários que chegavam a cavalo repetiam o gesto de saudação, entretanto, eram eles, as próprias lideranças do movimento, ou seja, Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha e, além deles, Juarez Távora, que nem gaúcho era. O obelisco, monumento edificado na capital federal, carregava uma simbologia que se associa à ascensão, “por causa de sua posição ereta e da ponta piramidal que o arremata”¹⁷, trazendo a perspectiva da vitória revolucionária. A questão de fundo ficava evidente no que tange ao ápice da rebelião, ao denominar a ilustração de “O fim da jornada revolucionária” e mostrava um cortês general Tasso Fragoso, figurativamente, passando o poder para os articuladores da Revolução, ao dizer: “Apeiem-se companheiros, que o obelisco chega para todos!”¹⁸.

¹⁷ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 421.

¹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

NA VESPERA DO CASAMENTO



JULINHO — Foi-se embora e me deixou!...

No mesmo número, a revista humorística fazia pilhéria com os derrotados pela Revolução, mostrando o candidato que teria vencido as eleições, sem ter conseguido chegar ao poder, impedido pelo movimento de 1930, restando-lhe apenas o exílio. Na gravura, Júlio Prestes aparecia choroso em um quarto que poderia ter sido o das suas núpcias, retirando de uma caixa o véu de uma suposta noiva, identificada como a “Presidência da República”, que o político acabara por perder. Tal peça do vestuário “pode transformar-se num simples sinal destruidor da realidade”, ainda mais “quando o traje é apenas um uniforme, sem ligação com a personalidade”. Além disso, o véu pode ser encarado como o utensílio “que separa duas coisas”¹⁹, em alusão à transição à época ocorrida da República Velha à Nova. No caso da caricatura em questão, o véu de noiva trazia o sentido do poder, que Prestes deixara de conseguir usufruir. Entre lamentos, o Presidente que não tomou posse, identificado, com um menosprezo jocoso, como “Julinho”, dizia: “Foi-se embora e me deixou!...”²⁰

¹⁹ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 947 e 950.

²⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.



A respeito dos deportados, o periódico apresentava dois deles, que eram representados como reles cargas, aparecendo amarrados e sendo transportados por meio de um guindaste, operado pela polícia. As figuras apareciam presas por uma corda, na perspectiva de uma “natureza quase imaterial”, a qual “não provém nem do peso, nem da duração, nem de uma ponta acerada”, pois “ela vem de uma tensão”²¹, ou seja, além da perda dos poderes políticos, os indivíduos eram tratados como malfeitores, associando-se a eles as mazelas que teriam sido promovidas à época da preeminência do regime oligárquico. O desenho, denominado pejorativamente como “Os clandestinos”, trazia por legenda a frase: “Uma carga de contrabando que foi retirada em tempo”²².

²¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 285.

²² CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

O TRIGO ROXO DA REVOLUÇÃO

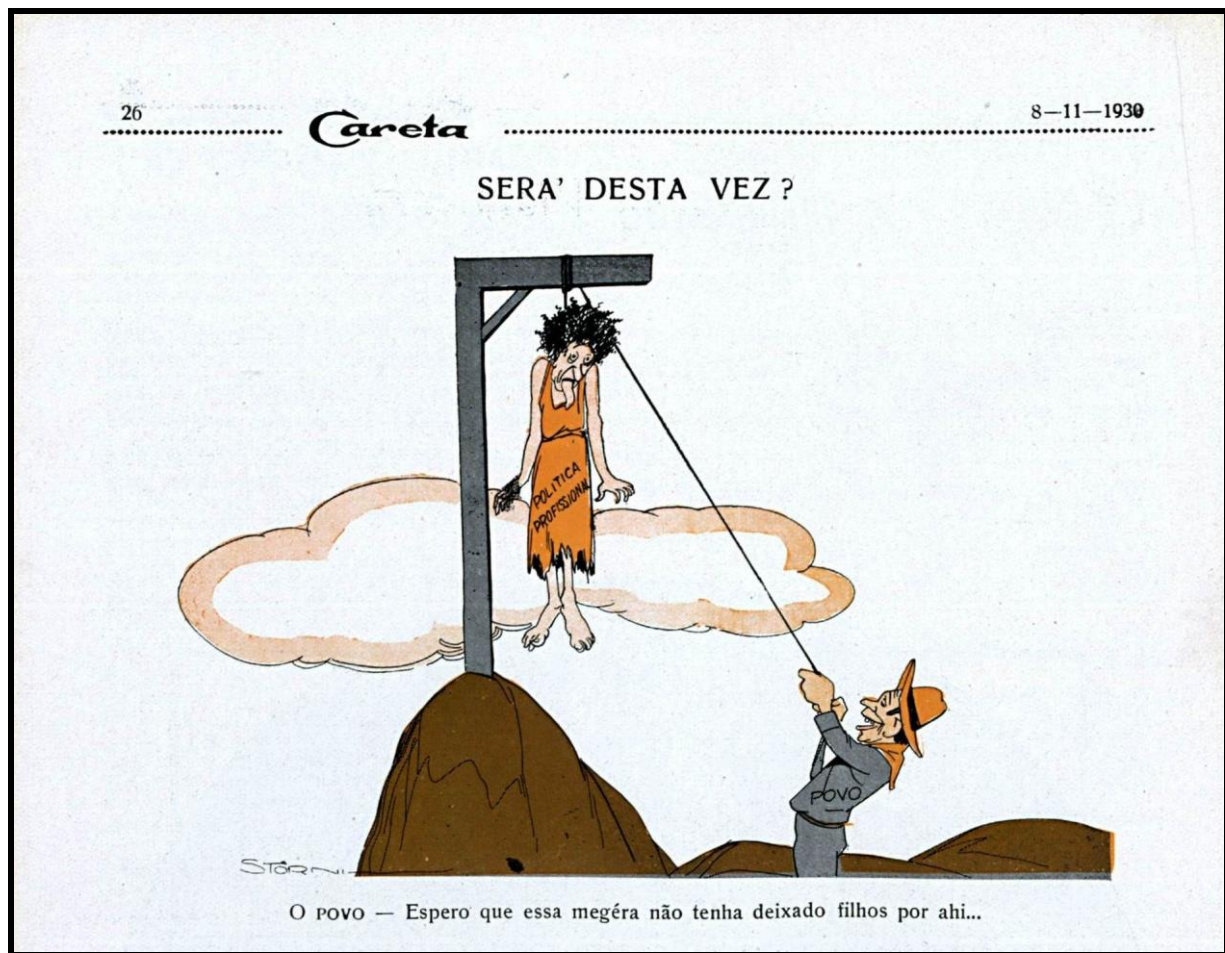


Não adianta espantar os ratos, senão elles voltam...

A perspectiva da denúncia contra a corrupção esteve também entre as representações caricaturais da *Careta*, ao mostrar as dificuldades dos novos governantes em combater os malfeitos junto à coisa pública. Nessa linha, sob o título “O trigo roxo da revolução”, apresentava uma figura feminina identificada como a Junta Governativa, de vassoura em punho, tentando expulsar os ratos das repartições públicas. Tais roedores traziam consigo o significado da roubalheira e da degradação do Estado e têm sido utilizados pela caricatura com tal sentido, desde as origens dessa arte até a contemporaneidade. Simbolicamente, o rato carrega consigo a ideia de um animal “esfomeado, prolífico e noturno”, aparecendo “também como uma criatura temível” e “até infernal”, sendo ainda “tido como impuro” e “como uma imagem da avareza, da cupidez, da atividade noturna e clandestina”, bem como chega a ser “considerado como um ladrão”²³. Assim, apresentava-se como uma sinonímia do indivíduo corrupto. A legenda revelava o quão difícil seria a empreitada dos novos governantes, no sentido de debelar os atos corruptos, explicitando que os mesmos sempre retornavam à pauta: “Não adianta espantar os ratos, senão eles voltam...”²⁴.

²³ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 770-771.

²⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

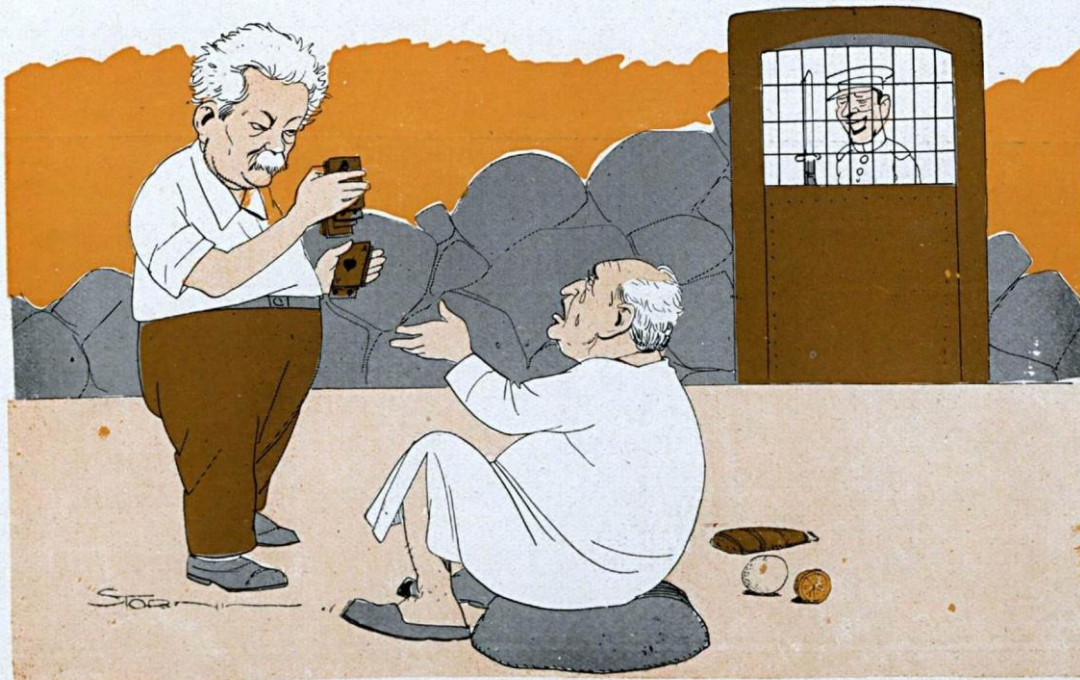


Ainda na edição de 8 de novembro, a *Careta* mostrava a expectativa de encerramento das mazelas de cunho político, apontando para a possibilidade de eliminação daquilo que denominava como “política profissional”, em clara alusão a uma politicalha praticada até então, mormente a partir do modelo oligárquico predominante. A representação do povo, que naquele período adquiria uma nova roupagem, com a indumentária lembrando a dos revolucionários, encontrava-se enforcando uma mulher desgrenhada, com o vestido em farrapos, lembrando uma espécie de “velha política”, a qual seria preeminente até então. A figura enforcada pode trazer consigo a representação “da derrota e da impotência total”²⁵, em correlação com o regime decaído. Ainda que idealizasse tal morte, o periódico não deixava de manifestar alguma dúvida, ao questionar no título: “Será desta vez?” e, no mesmo sentido, na legenda, o “povo” dizia: “Espero que essa megera não tenha deixado filhos por aí...”²⁶.

²⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 371.

²⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

NA GELADEIRA



AZEREDO — Se jogássemos um poker *mano a mano* ?...

LOPES GONÇALVES — Será possível? Até aqui você quer me passar um *bluff* ?...

Os apeados do poder voltavam à baila nas caricaturas da *Careta* na edição inicial de novembro, mostrando duas figuras aprisionadas, sofrendo como os rigores da cadeia, como a falta de qualquer tipo de conforto, a escassez de alimentos e a vigilância constante, com a presença de uma sentinela à porta, tendo à mão uma espingarda com baioneta à ponta e que aparecia com um sorriso aos lábios, compondo um olhar jocoso sobre os vigiados. Os prisioneiros conversavam entre si, e um deles propunha realizar um jogo de baralho, ao que o outro respondia com desconfiança, referindo-se às práticas enganosas comumente utilizadas no manuseio das cartas. Era uma referência às trapaças políticas da época da República Velha, afinal, “combate, sorte, simulacro ou vertigem, o jogo é por si só um universo, no qual, através de oportunidades e riscos, cada qual precisa achar o seu lugar”²⁷. O título da gravura era uma alusão a um sinônimo da própria cadeia, ou seja, “Na geladeira”, ao passo que a legenda era composta pelo diálogo entre os dois personagens: “Azeredo – Se jogássemos um pôquer *mano a mano*?... Lopes Gonçalves – Será possível? Até aqui você quer me passar um blefe?...”²⁸.

²⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 518.

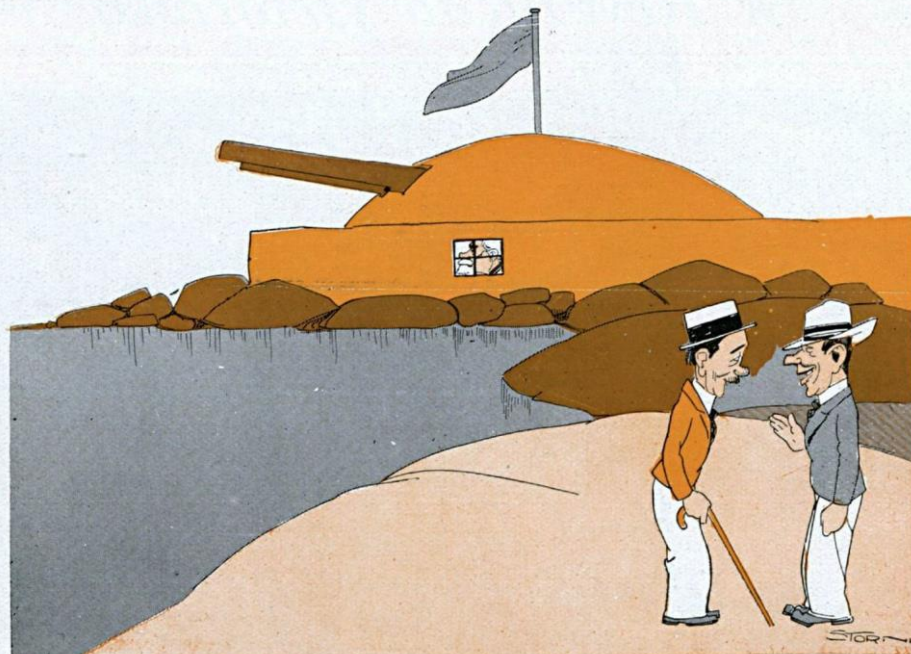
²⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

30

Careta

8 - 11 - 1930

NO FORTE DE COPACABANA



- O *barbado* deve estar bem triste de se privar do *Club dos Duzentos*.
- Em compensação passou para o *Club dos Dezoitos*...

A prisão do Presidente derrubado, Washington Luís, também foi tema de caricatura publicada a 8 de novembro. Enquanto aparecia apenas a face do político, circunspecto, atrás das grades, ao largo e em primeiro plano dois indivíduos comentavam sobre a situação, referindo-se ao *Barbado*, apelido que popularmente era atribuído àquele governante decaído. O diálogo revelava a perda do poder, o qual fora trocado pelo aprisionamento “No Forte de Copacabana”, título do desenho. Ali o ex-Presidente parecia estar absorto em pensamentos acerca da perda do poder, afinal o forte pode simbolizar o “refúgio interior do homem”²⁹. A conversa servia de legenda: “– O *barbado* deve estar bem triste de se privar do *Clube dos Duzentos*. – Em compensação passou para o *Clube dos Dezoitos*...”³⁰.

²⁹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 448.

³⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.



O encontro de Washington Luís com outros políticos sul-americanos foi a temática de outra caricatura da *Careta*. Sem ter o que fazer, os personagens buscavam achar algum motivo de entretenimento, fosse costurando ou manuseando brinquedos. O brasileiro já absorvera o espírito, com um violão à mão, pronto para seguir a atitude dos demais. O destaque era também o lugar no qual apareciam os políticos, uma ilha deserta e isolada em meio a um curso de água, em alusão ao isolamento do exílio, uma vez que “a ilha evoca o refúgio”, de modo que a ilha “deserta, desconhecida ou rica em surpresas” tornou-se “um dos temas fundadores da literatura, dos sonhos, dos desejos”³¹. A gravura denominava-se “A confraternização sul-americana” e a legenda era uma frase atribuída ao ex-Presidente brasileiro: “o *Barbado* – Da licença, macacada! Eu sou da fuzarca!”³².

³¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 502.

³² CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

A LEI SECCA REVOLUCIONARIA



O PÁU D'AGUA — Não ha duvida ! Vou fazer a contra revolução !

A comédia de circunstâncias cotidianas também fez parte das caricaturas publicadas pela revista a 8 de novembro, ao mostrar um adepto do consumo de álcool que se mostrava bastante insatisfeito com a proibição da comercialização de bebidas, determinada pelo Governo Provisório. Sob o título “A lei seca revolucionária”, o desenho mostrava o indivíduo lendo a determinação governamental, que dizia “De ordem da polícia, fica terminantemente proibida a venda de bebidas alcóolicas”, diante do que ficava profundamente indignado, prometendo ingressar nas forças contrarrevolucionárias. A caricatura apresentava o conteúdo da bebedeira sob um prisma humorístico, uma vez que ela “evoca certas obras em que a embriaguez nada mais é, em suma, do que um pretexto para exercícios de linguagem”³³. Diante disso, na legenda, “O Pau d’água” estaria a dizer: “Não há dúvida! Vou fazer a contrarrevolução!”³⁴.

³³ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 127.

³⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1930.

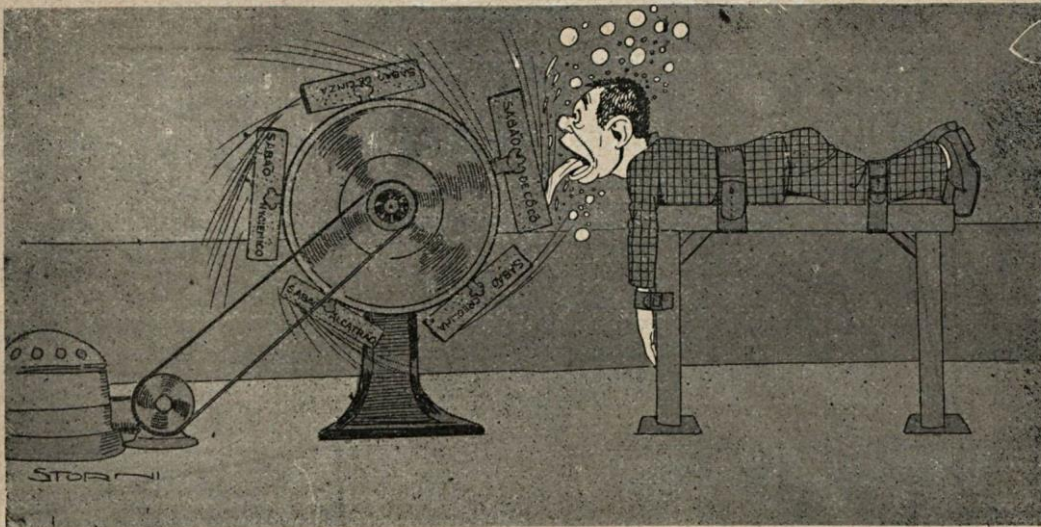


A próxima edição da *Careta* coincidia com a data alusiva à efeméride da proclamação da República. Tal invocação já se fazia presente na capa desse número, a qual mostrava o prédio do Congresso Nacional abandonado e colocado para aluguel, em referência à desintegração do parlamento, promovida a partir da instauração do modelo ditatorial concernente ao Governo Revolucionário. Os antigos parlamentares apareciam em seus trajes de gala, com casaca e cartola, entretanto os mesmos se encontravam em frangalhos, rasgados e remendados, em referência ao suposto desemprego que estaria assolá-los, já que “a roupa é um símbolo exterior da atividade espiritual, a forma visível do homem interior”³⁵. Ao ver os políticos como se fossem mendigos, o “Jeca”, representando o povo, em trajes de revolucionário, mostrava-se bastante satisfeito com a tal situação. Nesse sentido, a figura denominava-se “15 de Novembro de 1930” e a legenda correspondia a uma fala do “Jeca Revolucionário – Eis a República dos meus sonhos!...”³⁶.

³⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 947.

³⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

Os inventos da "Careta" para a censura da policia durante o sitio



A machina de "Lamber Sabão". Para uso dos politicos proficionaes, prejudicados no novo regimen..

No mesmo número, a revista apresentava “Os inventos da *Careta* para a censura da polícia durante o sítio”, em alusão a um possível tratamento que deveriam receber os “políticos profissionais”, ou seja, aqueles que atuaram durante a República Velha. Na caricatura, o indivíduo encontrava-se preso a uma estrutura, em ato de tortura, no qual ele tinha de lamber vários tipos de sabão, como o “higiênico”, o de “alcatrão”, o de “creolina”, e o “de coco e de cinza”. O periódico imaginava uma máquina rotativa que expunha o torturado aos diferentes tipos saponáceos, levando em conta que “o simbolismo das máquinas baseia-se na forma de seus elementos e no rito e direção de seu movimento”, havendo uma “analogia com o fisiológico”, determinando “o sentido mais geral do referido simbolismo, relacionado com ingestão, digestão e reprodução”³⁷. A legenda explicava o funcionamento do maquinário: “A máquina de ‘*Lamber Sabão*’. Para uso dos políticos profissionais, prejudicados no novo regime”³⁸.

³⁷ CIRLOT, p. 372.

³⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

14

Careta

15 - 11 - 1930

LIMPEZA PUBLICA...



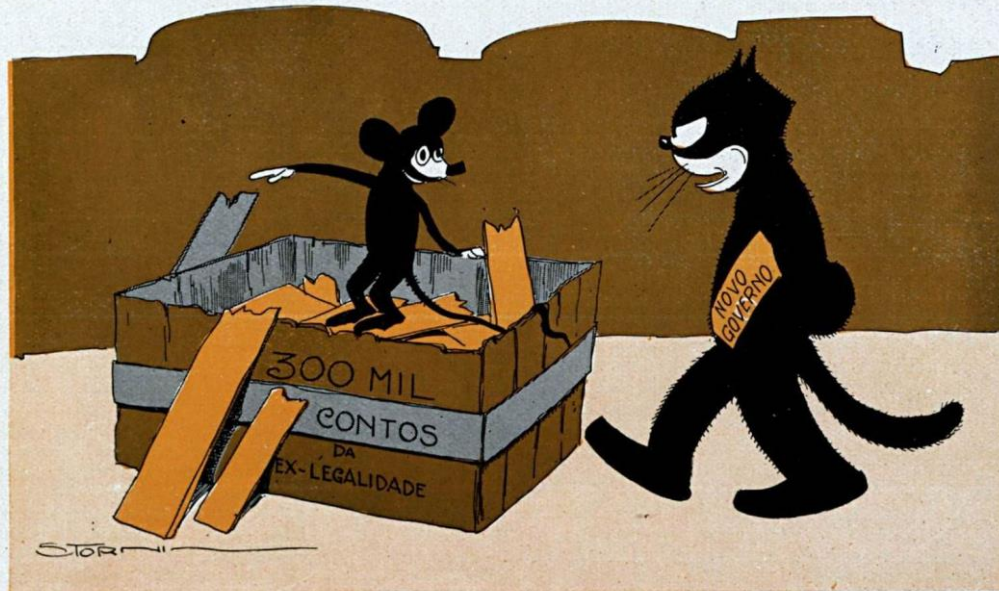
O FUNCIONARIO — Vamos Sr. Whitacker, dê uma boa vassourada nos direitos adquiridos do funcionalismo relapso...

Em outra caricatura na edição de 15 de novembro, o personagem central era o Ministro da Fazenda recém-empossado, José Maria Whitaker, que era identificado pelo envelope que aparecia atrás de si, com a inscrição “Pasta da Fazenda”. Ele era interpelado por um funcionário público que o incitava a eliminar do serviço estatal os servidores relapsos. O Ministro portava ao ombro uma enorme vassoura, desproporcional à altura dos próprios personagens, em referência ao tamanho da empreitada que lhe aguardava e para a qual ele era invocado. Ainda que “humilde utensílio doméstico na aparência, nem por isso a vassoura é menos signo e símbolo de poder”, ao atuar no sentido “de eliminar do chão todos os elementos que do exterior vieram sujá-lo, e essa tarefa só pode ser executada por mãos puras”³⁹. A legenda correspondia à incitação de parte do interlocutor do Ministro: “Vamos Sr. Whitaker, dê uma boa vassourada nos direitos adquiridos do funcionalismo relapso...”⁴⁰.

³⁹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 932.

⁴⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

Um **ex-governador** devolveu o dinheiro...



O GATO Então *seu bandido*, você também?

O RATINHO — Não fiz nada não senhor! Estava vendo si os cobres aderiam... a revolução

A partir da invocação de que “Um ex-governador devolveu o dinheiro...”, o semanário caricato referia-se mais uma vez aos desmandos em relação às verbas públicas, e a uma possível solução que poderia advir dos novos governantes. O desenho trazia o tradicional confronto entre gato e rato, no qual o primeiro, tradicionalmente associado a atos corruptos, era encontrado em posição suspeita, sobre um cofre arrombado, contando com dinheiro público em seu interior, identificado pela inscrição “300 mil contos da ex-legalidade”. O gato, representando o “novo governo”, fiscalizava a ação do rival, imputando-lhe o peso da culpa, ao passo que o rato buscava defender-se, sob o argumento de que a situação não correspondia ao que aparentava. Ao passo que o rato aparecia como useiro e vezeiro da corrupção, conforme visto anteriormente, o gato poderia trazer um significado de oposição em relação àquele, por ser o seu predador natural, entretanto, revelando a desconfiança do periódico para com os políticos em geral, “o simbolismo do gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e as maléficas, o que se pode explicar pela atitude a um só tempo terna e dissimulada do animal”⁴¹. A legenda trazia um diálogo entre os dois antagonistas: “O gato – Então *seu bandido*, você também?; O ratinho – Não fiz nada não senhor! Estava vendo se os cobres aderiam... à revolução”⁴².

⁴¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 461.

⁴² CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

O GIGANTE ACORDOU !



Povo — V. Ex. teve a virtude de acordal-o. E agora o gigante, consciente da sua força precisa ser tratado com muito jeito...

Ainda no seio da edição correspondente a 15 de novembro de 1930, a *Careta* fazia referência ao conjunto de montanhas do Rio de Janeiro, conhecido como Gigante Adormecido, tendo em vista que a composição montanhosa pode ser vista como a silhueta de um homem deitado. No caso da representação caricatural, sob o título “O gigante acordou!”, a figura montanhosa adquiria as feições do “Jeca Revolucionário” – criado pelo caricaturista a serviço do periódico – o qual começava a levantar-se, já aparecendo sentado e com a espingarda à mão. Simbolicamente, a montanha pode ser encarada a partir de sua altura, pois, “na medida em que ela é alta, vertical, elevada, próxima ao céu, participa do simbolismo da transcendência”⁴³. A legenda equivalia a uma fala do “Povo” proferida ao Presidente do Governo Provisório, Getúlio Vargas: “V. Ex. teve a virtude de acordá-lo. E agora o gigante, consciente de sua força precisa ser tratado com muito jeito...”⁴⁴.

⁴³ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 616.

⁴⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.



Também no número referente a 15 de novembro⁴⁵, o humor ocorria em dois formatos que se referiam a desmandos administrativos. Um deles era uma pequena historieta intitulada “O antro do Banco do Brasil”, na qual um “cavalheiro”, com “uma fitinha vermelha” na lapela, em alusão a um apoiador da Revolução, propunha que se fizesse uma “devassa no Banco do Brasil”. Em contrapartida um dos interlocutores protestava, argumentando que “Aquilo é uma casa séria. Como querem meter lá dentro uma devassa?”, ao que o primeiro responde: “Pois é isso mesmo, só uma devassa pode falar a sério da devassidão do antro das finanças bernadescas, wahingtonianas e epitacistas”, em clara referência aos nomes dos três últimos Presidentes da República, Artur Bernardes, Washington Luís e Epitácio Pessoa. Por outro lado, aparecia uma caricatura denominada “O sonho do Mè Leviano”, o qual aparecia em trajes de presidiário e lastimava que suas intenções tinham se desfeito a partir da vitória do movimento revolucionário, perdendo um cargo que considerava certo no Judiciário. Nessa linha, com tristeza, o personagem lamentava: “Vice-versa – Não era esta a toga com que eu sonhava...”, pois com a inversão no poder, vira seu sonho desfeito, ficando “despedaçado entre seus desejos, suas aspirações e suas dúvidas”⁴⁶.

⁴⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

⁴⁶ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 850.



Na caricatura “Polícia de caráter”, igualmente publicada a 15 de novembro, o político gaúcho Batista Luzardo aparecia, de cassetete à mão, impedindo a entrada de um indivíduo no Palácio do Catete, símbolo do poder presidencial. O líder rebelde assumira a Chefia da Polícia no Rio de Janeiro e, no desenho, incorporara para si as funções próprias da instituição como um todo, ao cuidar da segurança do Presidente da República. O personagem que completava o quadro era identificado com o “adesismo” e trazia um sorriso amarelo, o chapéu à mão e um buquê de flores para presentear Getúlio Vargas. A função de Luzardo, como aliado de Vargas e alocado em um cargo de confiança do governante era exatamente evitar o assédio dos adesistas, ou seja, elementos que não estiveram vinculados à Revolução, mas, observando a nova situação, buscavam mostrar-se como convictos partidários dos novos detentores do poder, procurando submeter-se à nova ordem das circunstâncias, ainda mais tendo em vista a oferenda que levava para a autoridade pública presidencial, que trazia consigo o sentido “do princípio passivo”⁴⁷. A legenda era composta pelo diálogo entre ambos. Enquanto Luzardo perguntava: “Quem vem lá?”; o “adesista” respondia: “É uma homenagem ao novo governo”; ao que o primeiro arrematava: “Então está preso”⁴⁸.

⁴⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 437.

⁴⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

AS VACCAS MAGRAS...



O REVOLUCIONARIO — Vamos, «patriotas», ajudem a subscrição para o pagamento da dívida...

Sob o título “As vacas magras...” a abordagem da *Careta* mais uma vez voltava-se ao apeados de poder, os quais apareciam atrás das grades, observando impassíveis a ação de um revolucionário, que intentava amortizar a “dívida do Brasil”, a partir de uma ação em busca de “subscrição nacional”, ou seja, apelando à coleta de fundos para resolver o problema do endividamento brasileiro. O pedinte solicitava o apoio também aos aprisionados, os quais, ironicamente, eram denominados de “patriotas”, aparentemente sem obter melhores resultados. O detalhe marcante está vinculado ao fato de que o saco que representava a dívida estava repleto, ao passo que o das contribuições, vazio. Tal característica carrega consigo “uma ideia abstrata, em contraposição ao ‘nada místico’, que é a realidade inobjetiva, informal, na qual se encontra, porém, todo o germe”⁴⁹. A legenda trazia a fala do “revolucionário”: “Vamos, ‘patriotas’, ajudem a subscrição para o pagamento da dívida...”⁵⁰.

⁴⁹ CIRLOT, p. 592-593.

⁵⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

SANEAMENTO PUBLICO...

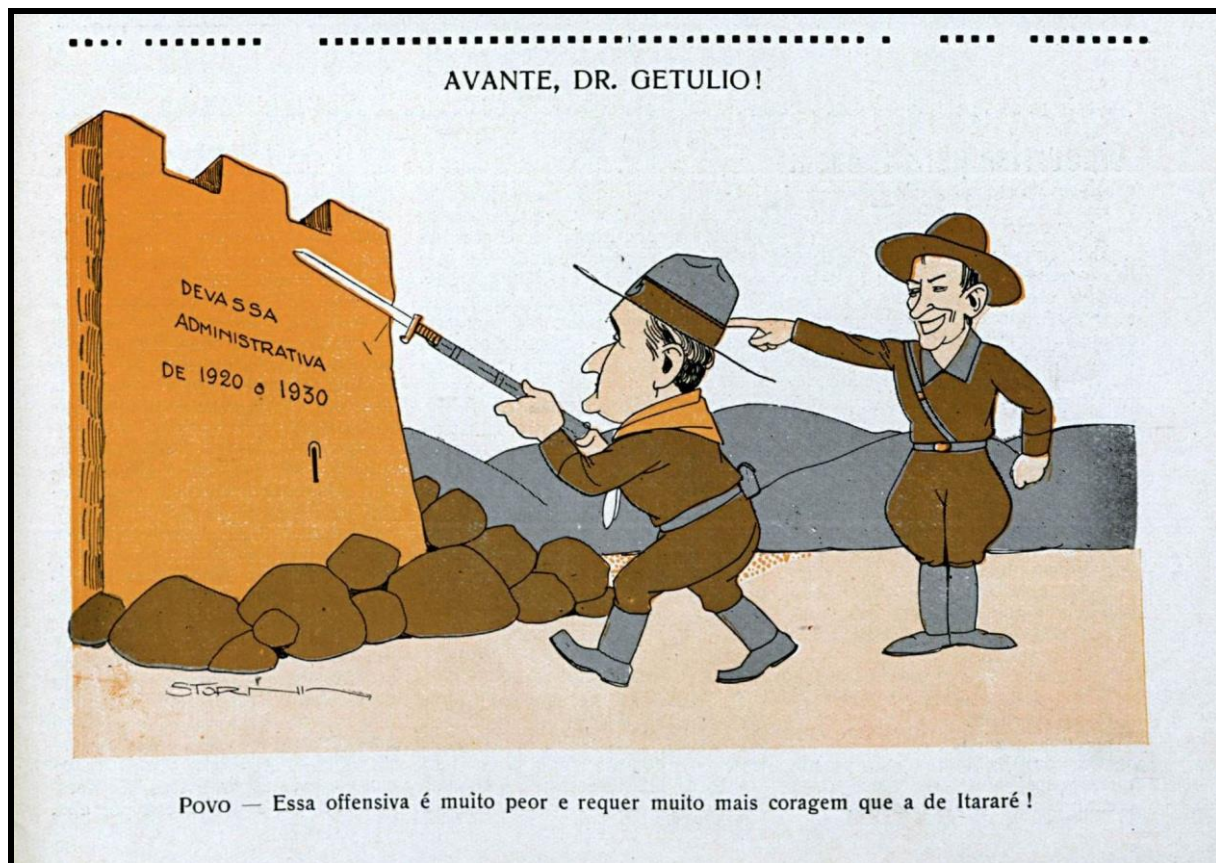


Povo — Aguentem firmes, senhores ministros, e tratem de manejar a vassoura como manearam a espada!

A vassoura, como instrumento simbólico para promover a limpeza da coisa pública, foi mais uma vez utilizada pela revista humorística na edição de 15 de novembro, em caricatura intitulada “Saneamento público...”. A ideia era novamente utilizar o utensílio doméstico como a ferramenta para combater a corrupção, já que a vassoura, além de fazer “desaparecer a poeira”, pode “também machucar e por em fuga”⁵¹ os malfeitores em geral. Como na outra oportunidade, as vassouras apareciam em tamanho proporcionalmente superior ao dos personagens, sendo a referente ao Ministério da Viação, ainda maior, tendo em vista que tal pasta envolvia mais intensa circulação de verbas públicas. A gravura trazia como protagonistas os Ministros da Justiça, Osvaldo Aranha, e da Viação, Juarez Távora, em primeiro plano, enquanto, ao fundo, o “Jeca Revolucionário”, representando o “povo”, incitava-os a serem tão empenhados no combate aos malfeitos, quanto teriam sido durante o processo revolucionário: “Aguentem firmes, senhores Ministros, e tratem de manejar a vassoura como manejaram a espada!”⁵².

⁵¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 932.

⁵² CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.



A comparação do combate à corrupção com a luta armada promovida à época dos movimentos bélicos da Revolução voltava a ser abordada na *Careta*, ao mostrar o próprio Getúlio Vargas com a arma de fogo e a baioneta em riste, marchando firmemente em direção a uma muralha, ao receber o estímulo do “povo”. A muralha tem o papel “de limitar o domínio que ela encerra”⁵³ e, no caso no desenho, era identificada com uma “devassa administrativa de 1920 a 1930”, ou seja, a execução de uma apuração nas contas públicas brasileiras nas últimas Presidências da República, na busca de apontar os malfeitos de tal época. O tom de invocação aparecia já no título – “Avante, Dr. Getúlio” – e na legenda, na qual o “Jeca Revolucionário”, no papel do povo, dizia: “Essa ofensiva é muito pior e requer muito mais coragem que a de Itararé!”, em referência a um dos cenários da guerra civil promovida durante o movimento revolucionário⁵⁴.

⁵³ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 626.

⁵⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

NO BANCO DO BRASIL



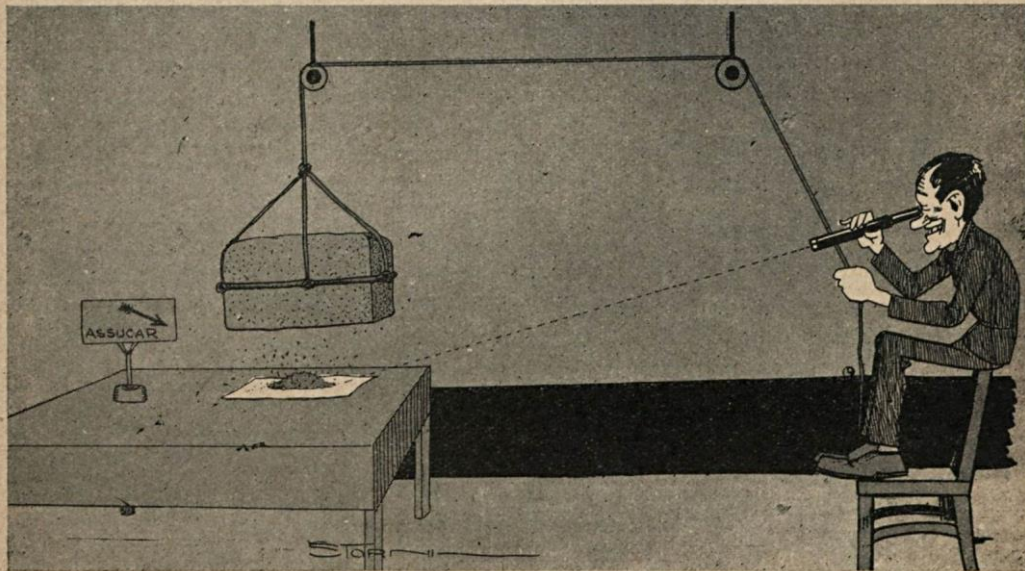
O POVO — Nada de humorismo, fique de mau humor seu Manso, para com todos os velhacos!

O tema da corrupção foi uma constante na edição de 15 de novembro, como a denunciada “No Banco do Brasil”. Na caricatura, um indivíduo encontrava-se sentado em um banco altíssimo, designando a instituição bancária em questão e, como um assento, equivalia a “um símbolo de autoridade”; além de trazer à mão uma pena identificada pelo seu nome e com o sentido do poder. A figura que tinha a austeridade em xeque, encontrava-se à frente de um cofre, em alusão ao “tesouro material”, ou seja, a riqueza depositada no banco em pauta⁵⁵. O “povo”, representando por um homem com o lenço simbólico da revolução ao pescoço, dizia ameaçadoramente: “Nada de humorismo, fique de mau humor seu Manso, para com todos os velhacos!”⁵⁶.

⁵⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 95, 262 e 725.

⁵⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

Os inventos da "Careta" para a censura da policia durante o sitio



Apparelho interessante para apanhar moscas. Pode ser aproveitado para passatempo dos politicos asylados.

A sessão “Os inventos da *Careta* para a censura da polícia durante o sítio” tinha mais uma presença no número correspondente ao 15 de novembro de 1930⁵⁷, mostrando dessa vez um “Aparelho interessante para apanhar moscas. Pode ser aproveitado para passatempo dos políticos asilados”. No desenho um punhado de açúcar servia para atrair moscas, as quais ficavam à mercê de serem exterminadas a partir da queda de uma enorme pedra, amarrada em um sistema de corda e roldanas, controlado por um indivíduo, que observava os insetos por meio de uma luneta. Os políticos que foram apeados do poder eram comparados às moscas, que, por sua vez, representam “o pseudo-homem da ação, ágil, febril, inútil e reivindicador”, que podem reclamar “seu salário, sem nada ter feito, além de imitar os trabalhadores”⁵⁸.

⁵⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

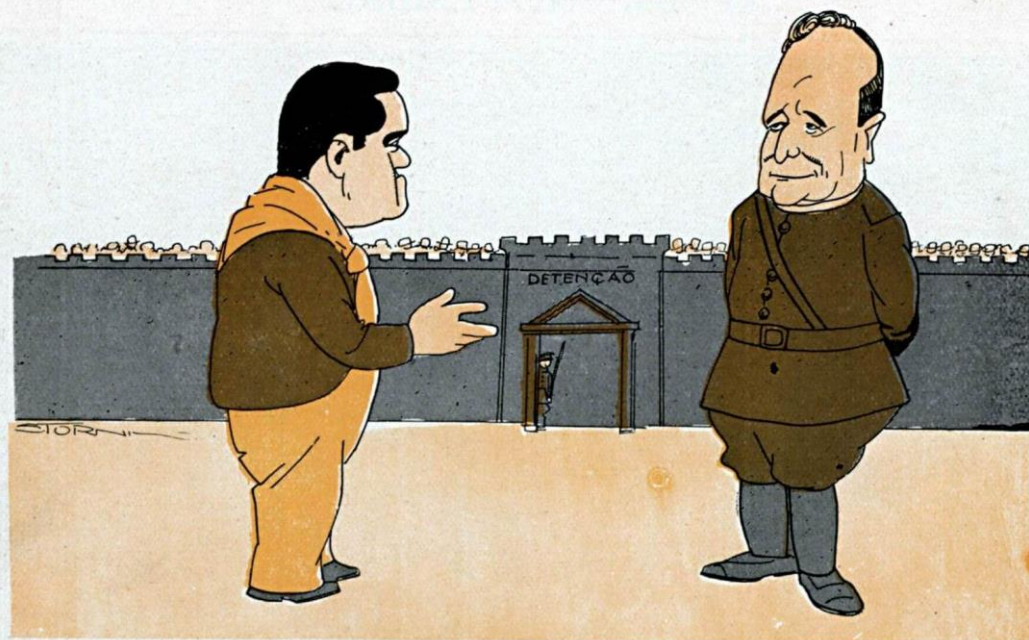
⁵⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 623.

A edição de 22 de novembro de 1930 da *Careta* mostrava a equipe governamental, todos com o lenço vermelho simbolizando a revolução, providenciando uma profunda limpeza. O Presidente Vargas cuidava da base, ou seja, do piso, com uma enceradeira; enquanto o Ministro da Justiça usava um espanador para retirar as teias de aranha – alusão ao próprio sobrenome de Osvaldo Aranha, que tomavam conta de um quadro com a figura feminina que simbolizava a sua pasta; o Chefe de Polícia arrumava uma mesa; o Ministro da Guerra remodelava um quadro referente aos seus encargos, promovendo “reformas”; o Ministro do Trabalho trazia as ferramentas para realizar os consertos; ao passo que o Ministro da Agricultura auxiliava na faxina, com esfregão e balde às mãos. “O novo governo”, como se chamava a caricatura, promovia então o asseio do recinto, ou seja, o “espaço cercado”, expressando “a necessidade de proteção e autolimitação”⁵⁹, em analogia ao fato de ser o grupo de governantes que estariam a promover a reforma das estruturas de poder, eliminando os indícios da República Velha, para implantar a “Nova”. A legenda era sucinta: “A turma gaúcha fazendo uma limpeza em regra”⁶⁰.

⁵⁹ CIRLOT, p. 492.

⁶⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

O NUMERO DE CULPADOS



LUZARDO — Senhor Presidente, a Detenção está abarrotada, não ha mais lugar. Tenho receio...

GETULIO — Receio de que ?

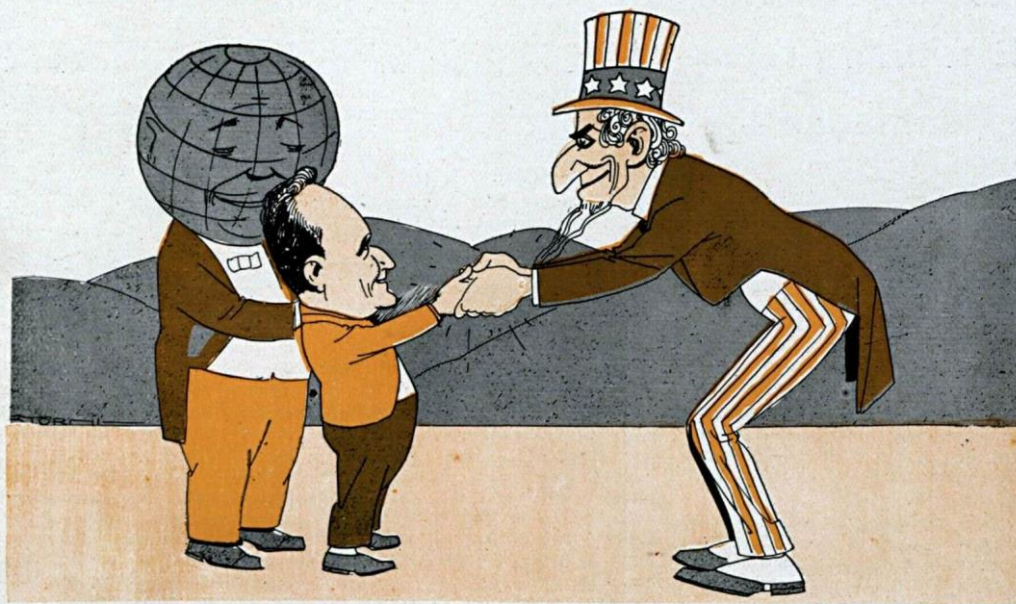
LUZARDO — De que, se continuarem as prisões, o Brasil fique despovoado...

Ainda que Getúlio Vargas tenha abandonado o uniforme militar assim que chegou ao Rio de Janeiro, na *Careta*, com a liberdade criativa e imaginativa que a caricatura possibilitava a si mesma, o personagem retornava a tais vestes e, com o seu tradicional ar de tranquilidade, com as mãos para trás das costas, conversava com o Chefe de Polícia, o também gaúcho Batista Luzardo. Ambos se encontravam em frente ao local onde estavam os prisioneiros políticos, vinculados ao regime anterior, o qual era vigiado por uma sentinela e cercado por um alto muro, expressando “a ideia de detenção, resistência, situação, limite”⁶¹. A gravura intitulava-se “O número de culpados” e versava sobre a quantidade crescente de detentos políticos. A legenda apontava para tal preocupação, através de um diálogo entre os dois personagens. Enquanto Luzardo dizia: “Senhor Presidente, a Detenção está abarrotada, não há mais lugar. Tenho receio...”; diante do que Vargas questionava: “Receio de que?”, ao que o primeiro respondia: “De que, se continuarem as prisões, o Brasil fique despovoado...”⁶².

⁶¹ CIRLOT, p. 396.

⁶² CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

OS ESTADOS UNIDOS E O GOVERNO REVOLUCIONARIO



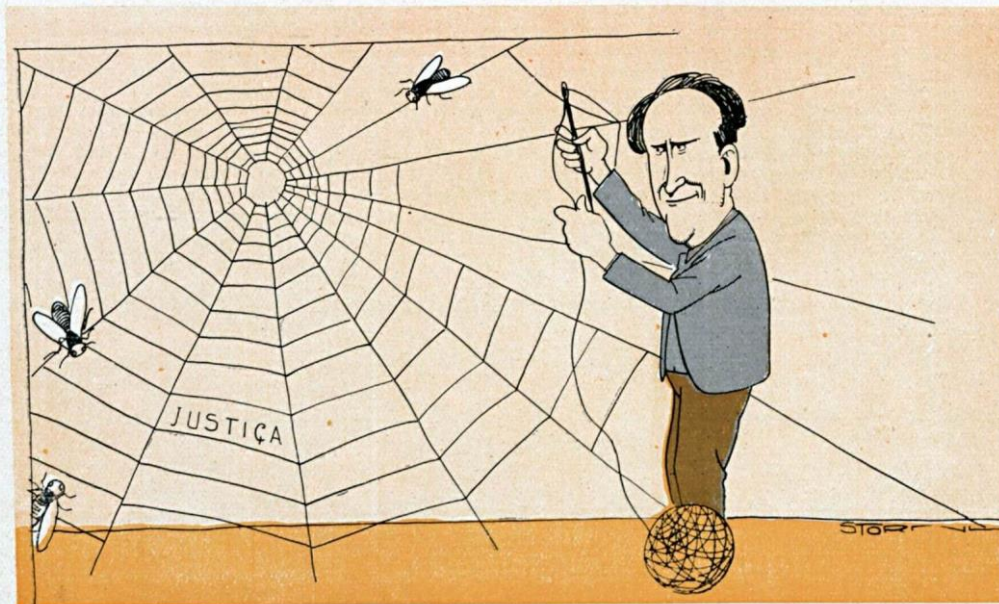
Oh ! Meu grande amigo ! Desculpe não tel-o reconhecido logo no primeiro momento, Eu móro tão longe, e pelas informações que recebi pensei que a revolução fosse *morganatica*...

A política externa era o assunto em pauta em outra caricatura publicada na edição de 22 de novembro, mostrando uma figura com um corpo humano e a cabeça representada por um globo terrestre, como “uma totalidade” e “substrato simbólico das imagens que coincidem com esse sentido dominante, desde a ideia de centro à do mundo”⁶³, a qual encaminhava Getúlio Vargas, com a mão sobre seu ombro, apresentando-lhe ao Tio Sam, tradicional representação dos Estados Unidos da América. A questão abordada se relacionava ao reconhecimento dos norte-americanos para com a nova situação instaurada no Brasil a partir de 1930. O Tio Sam mostrava nos atos tal aceitação, ao cumprimentar efusivamente o Chefe do Governo Provisório. O título da ilustração era “Os Estados Unidos e o Governo Revolucionário” e a legenda trazia uma fala do personagem estadunidense, que lamentava não ter providenciado o encontro mais cedo, por considerar que o movimento revolucionário brasileiro seria uma espécie de casamento de um nobre com uma pessoa de status inferior, excluída da qualidade de morganático, ou, em síntese, era a alusão a uma revolução que não teria trazido tantas transformações no cenário brasileiro. A frase do Tio Sam era: “Oh! Meu grande amigo! Desculpe não tê-lo reconhecido logo no primeiro momento. Eu moro tão longe, e pelas informações que recebi pensei que a revolução fosse *morganática*...”⁶⁴.

⁶³ CIRLOT, p. 277.

⁶⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

A FIAÇÃO E A TECELAGEM REVOLUCIONARIA



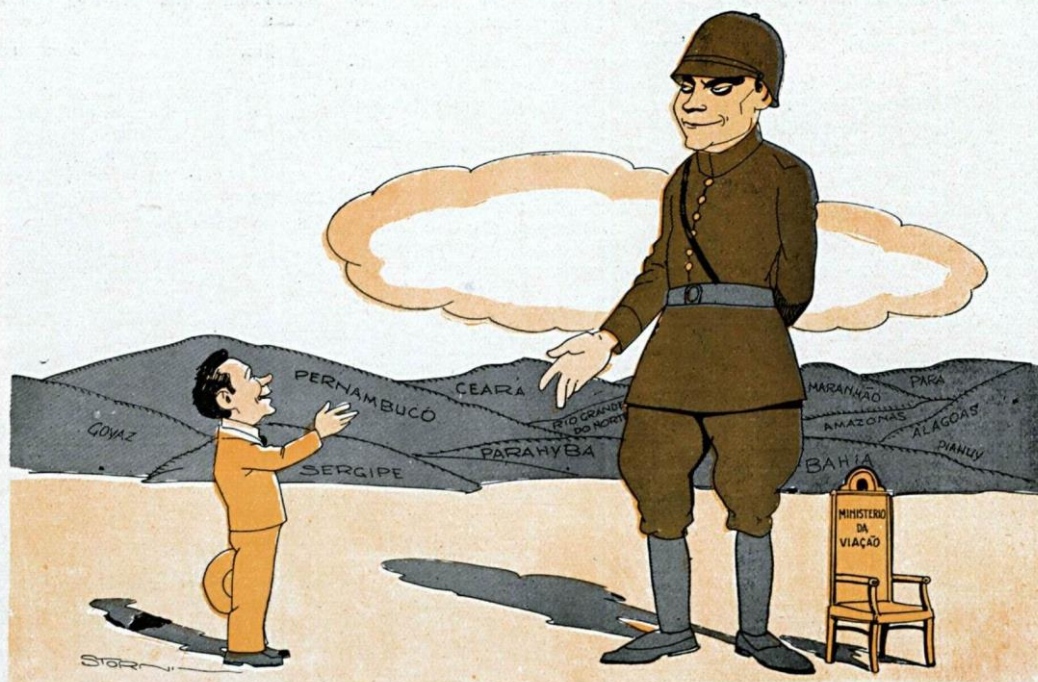
Tecendo a malha da Justiça ou a teia de aranha, para apanhar as *moscas* sabidas...

Outra gravura caricatural tinha a figura de Osvaldo Aranha como protagonista e intitulava-se “A fiação e a tecelagem revolucionária”. Em referência ao sobrenome do Ministro da Justiça, coincidente com o animal que tece a teia, o quadro iconográfico era dominado por tal estrutura que, “por sua forma espiral, apresenta a ideia de criação e desenvolvimento, de roda e de centro”, trazendo consigo também “a destruição e a agressão”⁶⁵. Assim, simbolicamente, o Ministro Aranha estaria a montar uma armadilha para as moscas, que designavam os inimigos políticos, representantes do regime decaído, observados pejorativamente, ao ser apresentados como moscas, inseto cuja representação simbólica pode ser bastante negativa, conforme visto anteriormente. A legenda era autoexplicativa: “Tecendo a malha da Justiça ou a teia de aranha, para apanhar as *moscas* sabidas...”⁶⁶.

⁶⁵ CIRLOT, p. 555.

⁶⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

O GIGANTE NORDESTINO



Povo — Porque não se senta?

JUAREZ TAVORA — Por causa da cadeira, que é um tanto pequena para o meu tamanho! Prefiro andar.
Eu sou da viação...

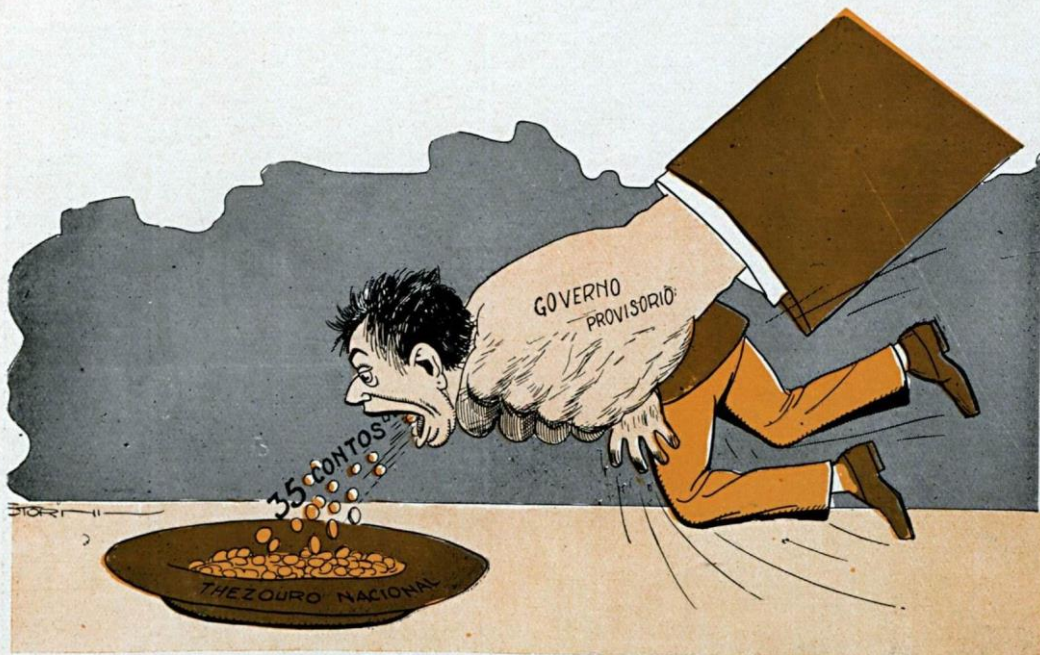
Juarez Távora, considerado uma das principais lideranças revolucionárias, aparecia em representação de grande magnitude e destaque, em desenho que fazia referência ao tal tamanho descomunal – “O gigante nordestino”. Ao contrário de outros ministros representados na revista, cuja designação do posto dava-se por meio da figura de pastas, no caso de Távora aparecia um trono, o qual “tem a função universal de suporte da glória ou de manifestação da grandeza humana”⁶⁷. Ainda assim, o assento era pequeno demais para o protagonista, cuja altura era também dispar em relação ao representante do “Povo”, o qual perguntava: “Porque não se senta?”; ao que o militar rebelde e novo membro do governo respondia: “Por causa da cadeira, que é um tanto pequena para o meu trabalho! Prefiro andar. Eu sou da viação...”. Ao fundo, as montanhas traziam os nomes de diversos Estados do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste. Além do trocadilho com o nome do Ministério ocupado por Távora, a alusão àquelas regiões, trazia o sentido da influência que o político-militar exercia nas mesmas, não é para menos que ele em seguida deixaria o Ministério e ocuparia uma função administrativa que popularmente ficaria conhecida como a de “Vice-Rei” do Norte, o que viria a coincidir com o trono alocado na figura⁶⁸.

⁶⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 910.

⁶⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

UMA PHRASE QUE SE APLICA

(Os pseudo deputados e senadores de Minas e Parahyba que entraram «pela janella» serão obrigados a restituir 35 contos por cabeça)



«Cuspindo no prato, o que comeu»...

Políticos aproveitadores eram o alvo de mais uma caricatura editada no número de 22 de novembro, na qual uma manopla, que “exprime as ideias de atividade, ao mesmo tempo que as de poder e de dominação”⁶⁹, designando o Governo Provisório, esganava um daqueles indivíduos, fazendo com que ele regurgitasse de volta ao prato do “Tesouro Nacional” o dinheiro que havia se apropriado indevidamente. Na abertura do desenho, intitulado “Uma frase que se aplica”, era apresentada uma explicação: “Os pseudo-deputados e senadores de Minas e Paraíba que entraram ‘pela janela’ serão obrigados a restituir 35 contos por cabeça”. A legenda retomava o título e fazia uma pequena, mas cheia de sentido, alteração no axioma popular, trocando o “em” pelo artigo “o”, ou seja: “Cuspindo no prato, o que comeu...”⁷⁰.

⁶⁹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 589.

⁷⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

OS "GIGOLÔS" DA VELHA REPUBLICA



A NOVA REPUBLICA — Não chore, mamãe, que destes estamos livres...

Os decaídos do poder voltavam a constituir foco de atenção da *Careta*, a qual mostrava um barco que se afastava da costa brasileira, carregado de indivíduos identificados com os “exilados políticos”. Nas pedras litorâneas encontravam-se duas figuras femininas, representando a república. A forma de governo republicana simbolizada pela mulher atingiu uma designação praticamente universal e no Brasil não seria diferente. A mulher-símbolo carrega em si “o encontro de uma aspiração humana à transcendência e de um instinto natural”, em que se manifestam “o vestígio mais experimental do domínio dos indivíduos por uma corrente vital extremamente vasta”, bem como “uma energia eminentemente apta a aperfeiçoar-se e enriquecer-se de mil matizes”, reportando-se, “em pensamento, para múltiplos objetos”. Assim, “o feminino simboliza a face atraente e unitiva dos seres”⁷¹. As figuras femininas designavam a República Velha e a Nova. A primeira era apresentada como uma anciã, desgrenhada, desesperançada e em plena inação, ao encontrar-se sentada, sustentando a cabeça com a mão direita e tendo em seu vestido a inscrição “República de 1889”. Por outro lado, a outra era uma jovem exuberante, exibindo a indumentária que a revista utilizara para designar os revolucionários, trazendo na roupa a identidade de “República de 1930” e mostrava-se em clara ação, ao expulsar os emigrados políticos, identificados com a prostrada companheira⁷².

⁷¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 421.

⁷² CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.

34

Careta

22 - 11 - 1930

OS EXILADOS...



Cavando a vida em Paris!...

Eram novamente os expatriados políticos, vinculados ao regime derrubado que figuravam na última caricatura apresentada na edição de 22 de novembro. Sob o título “Os exilados”, esses indivíduos eram apresentados em situação difícil de existência, tendo de buscar alternativas para sua sobrevivência. Nesse quadro, um deles pedia esmolas, de pires à mão, outro tocava um instrumento de sopro, enquanto o outro, travestido e seminu, ensaiava uns passos de dança, em prol de obter alguns trocados. O fato de apresentar um dos políticos como fantasiado, ou ainda, como um “travesti”, que “tem sua forma fundamental na troca dos trajes correspondentes aos dois sexos”⁷³, trazia consigo uma recorrente tradição das representações caricaturais, ao buscar menoscabar um adversário, ao representá-lo em vestes tipicamente femininas. A legenda era bastante sucinta: “Cavando a vida em Paris!...”⁷⁴.

⁷³ CIRLOT, p. 578.

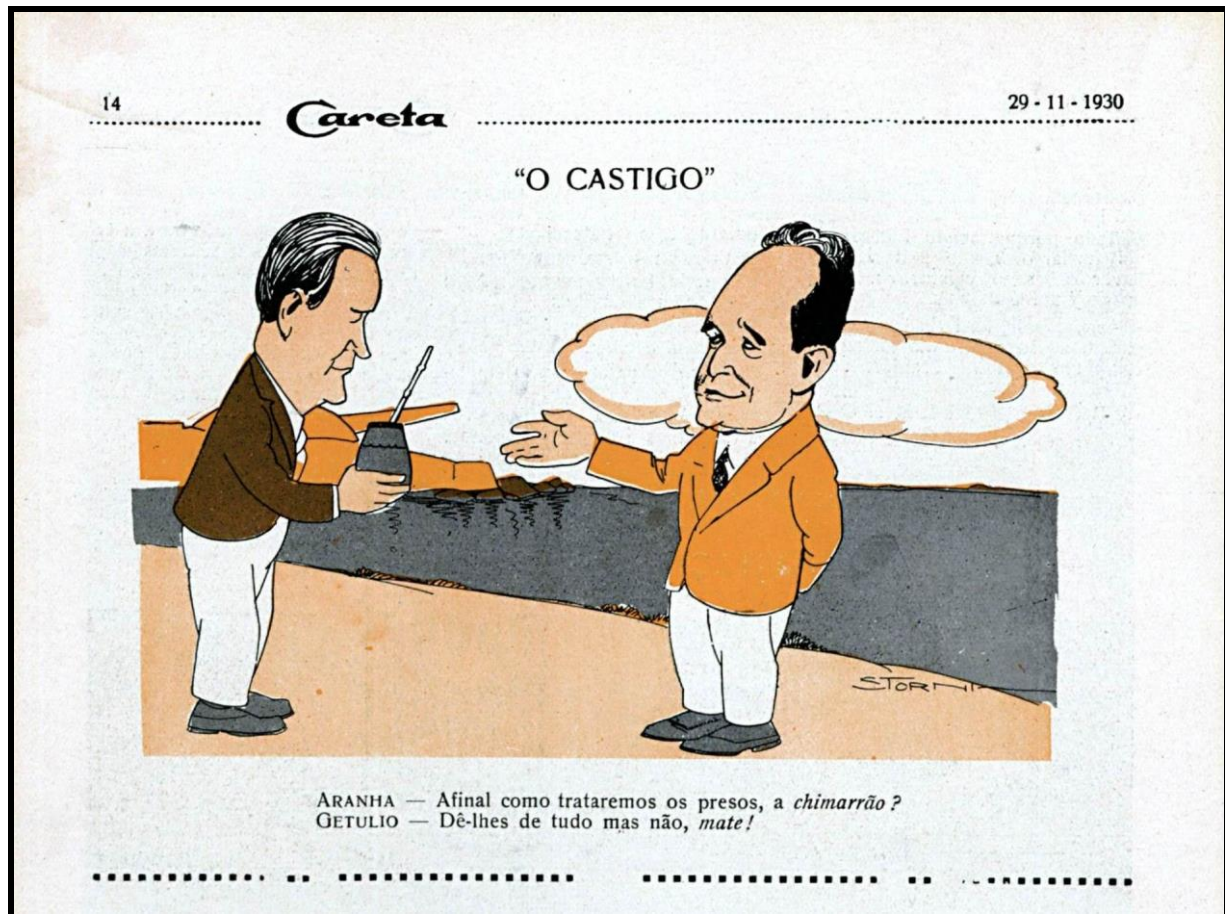
⁷⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 22 nov. 1930.



A edição de 29 de novembro de 1930 da *Careta* já contava com a temática da Revolução na capa, a qual mostrava uma cena que se passava no convés de uma embarcação. O barco representava o próprio país, como demonstrava a inscrição “Brasil”, na boia, e o pavilhão nacional na popa do navio. Os instrumentos de bordo eram manejados pelos revolucionários, depois governantes, que utilizavam a bússola para orientar os caminhos, e dominando o leme que dava direção ao barco. Nesse sentido, o leme é um “símbolo de responsabilidade, tal como o timão”, de maneira que “significa a autoridade suprema e a prudência”⁷⁵, o que se refletiria na confiança da tripulação, aparecendo Getúlio Vargas em trajes de comandante e Osvaldo Aranha, de marinheiro, cuidando do leme, ao passo que, à frente deles, Juarez Távora não deixava de ser representado em seu uniforme original. Perante a possibilidade de mau tempo, o capitão dizia confiar em sua equipe, em referência à pilotagem de Aranha e à atenção de Távora para com os estados do Norte/Nordeste, como sintetizava a legenda: “– E se houver temporal? – Não se impressione. Há braço forte no leme e olho vivo no Norte...”⁷⁶.

⁷⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 543.

⁷⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.

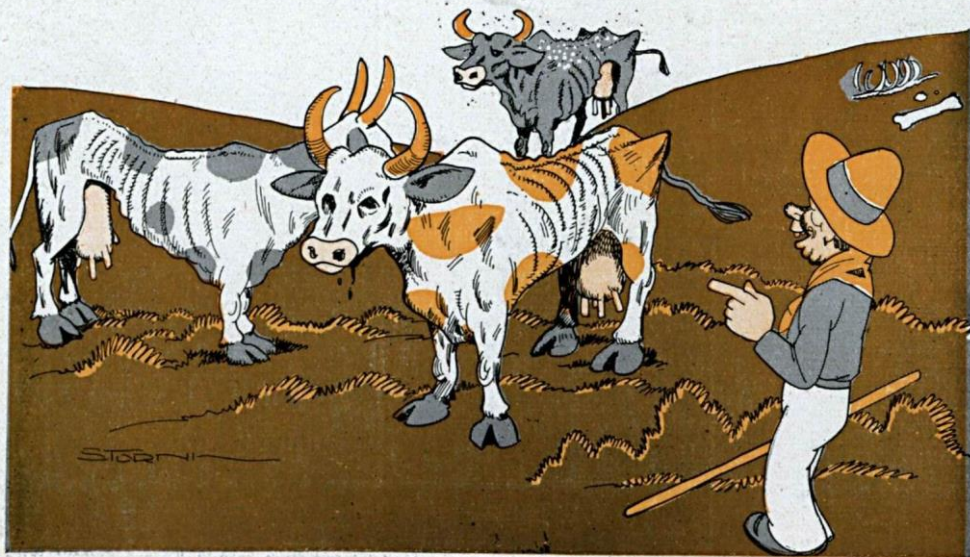


Um encontro entre Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha marcava a primeira caricatura publicada no número de 29 de novembro, sob o título “O castigo”. O tema mais uma vez eram os prisioneiros políticos, de modo que o Presidente e o Ministro da Justiça, em frente ao Forte de Copacabana, onde se encontravam os presos, debatiam sobre o tratamento que deveria ser dispensado aos mesmos. Aranha levava à mão a cuia e a bomba, contendo a bebida típica dos sul-riograndenses, compartilhando-a com Vargas, de modo a reproduzir um hábito comum entre os gaúchos, constituindo um ato que “tem todas as aparências de um rito de comunhão”⁷⁷. O nome da infusão servia como mote que dava sentido ao humor incutido na conversa entre ambos, havendo um trocadilho, entre o “mate” e o verbo “matar”, no sentido de que os aprisionados só não deveriam ser mortos. Nessa linha, a legenda trazia a pergunta de Aranha: “Afiml como trataremos os presos, a *chimarrão*?; ao que Vargas respondia: “Dê-lhes de tudo mas não, *mate!*”⁷⁸.

⁷⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 231.

⁷⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.

OS TEMPOS MUDAM...



JECA — Chiiii! Como ficaram as vacas dos políticos profissionaes

Os políticos tradicionais, vinculados ao modelo oligárquico da República Velha, em relação à ação dos quais a revista tinha a expectativa de ver eliminada, foram mais uma vez o alvo das críticas do semanário. Dessa vez, o “Jeca”, como representação do povo, observava algumas vacas magérrimas, com os ossos à mostra por baixo do couro. O animal em questão traz a ideia de maternidade, de calor vital⁷⁹, além disso, “a vaca, produtora de leite, é o símbolo da Terra nutriz”, sendo também associada “à abundância”⁸⁰. Nesse aspecto, há um detalhe na gravura pelo qual, por mais desnutridas que estivessem tais figuras bovinas, suas tetas continuavam em destaque, em clara alusão aos indivíduos que se aproveitavam das “tetas da nação”, ou seja, das verbas públicas. Acreditando na edificação de uma nova realidade quanto à corrupção, a *Careta* apontava que “Os tempos mudam”, ao passo que o “Jeca” comentava: “Chiiii! Como ficaram as vacas dos políticos profissionais”⁸¹.

⁷⁹ CIRLOT, p. 591.

⁸⁰ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 926.

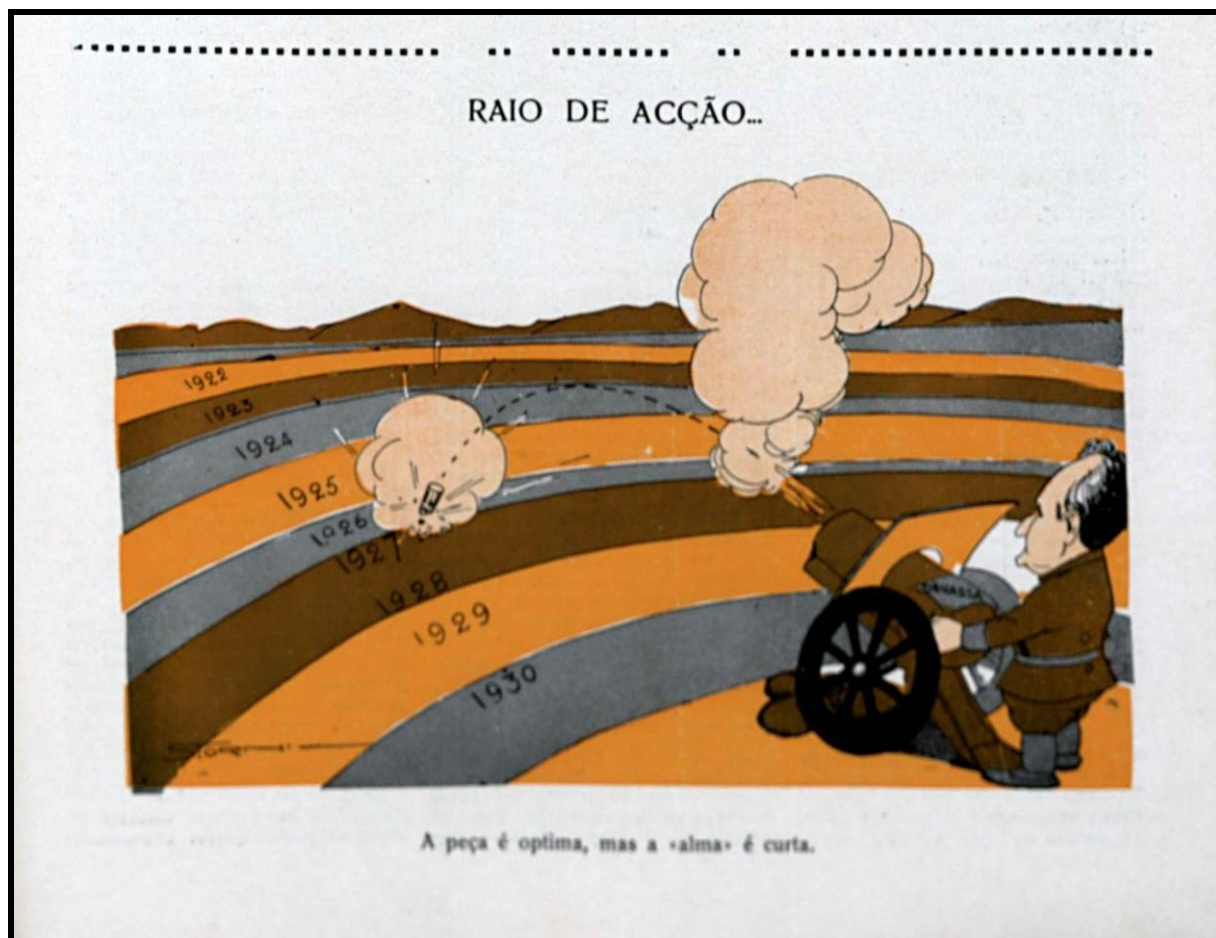
⁸¹ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.



Os indivíduos ligados ao regime decaído voltavam às páginas da *Careta*, na edição de 29 de novembro, com a caricatura “Quem tem pescoço...”. Na ilustração dois deles mostravam-se profundamente preocupados com aquela parte de seus corpos que sustentava a cabeça, a qual, simbolicamente, representa “a sede da primeira das articulações do corpo humano”, além de possibilitar “a comunicação da alma com o corpo”, de modo que “o pescoço tem lugar de eleição no corpo humano, quer seja ele sinal da vida, da alma, ou da beleza”⁸². Eles pareciam espavoridos com a aproximação de um político gaúcho, que levava no pescoço o lenço dos revolucionários. Uma das possíveis razões de tamanho temor poderia advir de uma prática rio-grandense, que ficara em maior evidência com a Revolução Federalista, ou seja, a degola. Na frase da legenda o político era chamado de “João Francisco”, quando na verdade se tratava de Joaquim Francisco de Assis Brasil, que compusera o quadro rebelde, vindo a ocupar o Ministério da Agricultura. Tal erro no nome do personagem poderia advir tanto do pânico que tomava conta da situação, quanto de uma possível falta de conhecimento mais preciso da identidade dos novos detentores do poder – ainda mais aquele grupo que partira do extremo-sul – de parte dos tradicionais políticos da República Velha⁸³.

⁸² CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 714-715.

⁸³ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.



Getúlio Vargas aparecia solitário na caricatura “Raio de ação...”, na qual disparava com um canhão em diversos alvos, que representavam o passar do tempo, com a marcação dos anos desde 1930, retrogradando até 1922. O canhão, como uma arma “é o antimonstro que, por sua vez, se torna monstro”, que é “forjada para lutar contra o inimigo”, podendo “ser desviada de sua finalidade e servir para dominar o amigo, ou simplesmente o outro”, além disso “a arma materializa a vontade dirigida para um objetivo”⁸⁴. O canhão era identificado com a palavra “devassa”, em referência à apuração dos malfeitos em administrações passadas, entretanto a bala só atingia o ano de 1927, para insatisfação do periódico, o qual pretendia que a investigação fosse mais profunda e retrogradasse mais no tempo. Nesse sentido, a legenda dizia: “A peça é ótima, mas a ‘alma’ é curta”⁸⁵.

⁸⁴ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 80.

⁸⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.



As inter-relações da República Nova no Brasil com o exterior serviam de mote de mais uma caricatura denominada “O grande partido nacional”, na qual um impávido indivíduo, ostentando o tradicional uniforme dos revolucionários, marchava levando ao ombro a bandeira com a inscrição “Legionários de outubro”. A bandeira é o “símbolo de proteção, concedida ou implorada” e o “portador de uma bandeira” ergue-a “acima de sua cabeça”, lançando, “de certo modo, um apelo ao céu”, criando “um elo entre o alto e o baixo, o celeste e o terreno”⁸⁶. O porta-bandeira no caso da ilustração representava os grupos que começavam a agremiar-se em legiões para defender os denominados princípios da Revolução, bem como para garantir a continuidade do grupo que recém-ascendera ao poder. O caminho do legionário passava por duas elevações, uma identificada com o fascismo, aparecendo Mussolini, com sua camisa negra; e a outra, demarcada pelo comunismo, contava com um russo em trajes típicos. Ambas as figuras estendiam as mãos para o brasileiro, como que a buscar atraí-lo para as respectivas vertentes ideológicas. O semanário alertava para que o soldado da legião seguisse em frente, sem deixar-se influenciar por nenhum daqueles ideários, ao afirmar: “Cuidado, legionário! Trata de passar incólume entre os dois...”⁸⁷.

⁸⁶ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 118.

⁸⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.

A CONQUISTA SOCIALISTA...



O FUNCIONARIO — Qual! Perdi a fé no novo governo. Tambem esta, não é a republica que eu sonhava!
A ESPOSA — Será possivel! Você que ajudou a queimar jornaes e que ficou rouco de tanto dar vivas?
O FUNCIONARIO — Pois então posso me conformar com as *sete horas de trabalho*?

Um homem representando o clássico apoiador da Revolução, contando com o lenço vermelho ao pescoço, bem como com quadros em sua casa, um com os 18 do Forte, em alusão ao primeiro movimento tenentista, e outro com o retrato do líder rebelde Juarez Távora, além de mostrar o punho cerrado, como “símbolo da habilidade humana”⁸⁸ e mesmo de adesão a uma causa, compunha o cenário de outro desenho. Entretanto, o indivíduo, ao conversar com a mulher, mostrava-se de certo modo desiludido com a bandeira que decidira defender, mormente pelo motivo de não ver seus interesses como servidor público atendidos pelos novos detentores do poder. A caricatura se intitulava “A conquista socialista” e a legenda era composta de um diálogo, no qual o funcionário dizia: “Qual! Perdi a fé no novo governo. Também esta não é a república que eu sonhava!”; ao que a esposa rebatia: “Será possível! Você que ajudou a queimar jornais e que ficou rouco de tanto dar vivas?”; vindo em seguida a tréplica do marido: “Pois então posso me conformar com as *sete horas de trabalho?*”⁸⁹.

⁸⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 747.

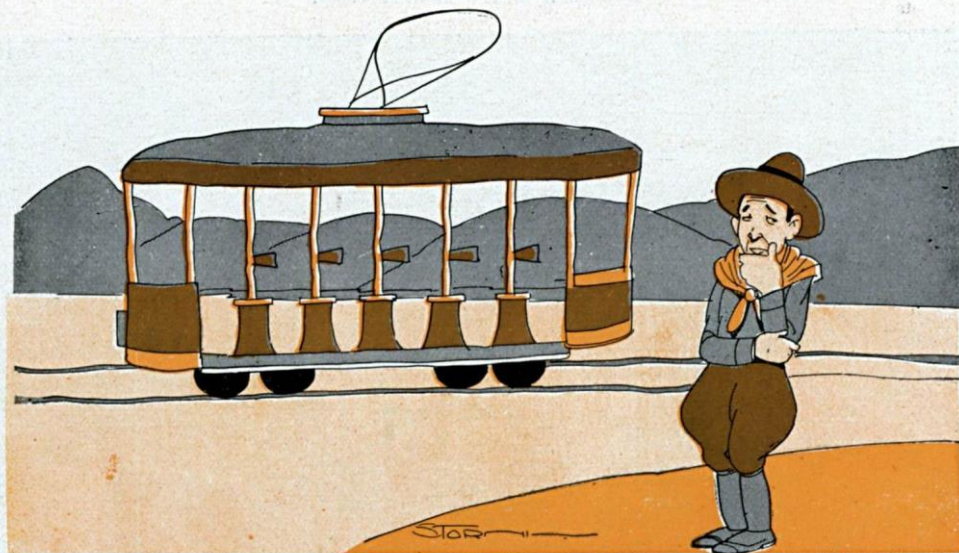
⁸⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.

34

Careta

29 - 11 - 1930

DOLOROSA INTERROGAÇÃO...

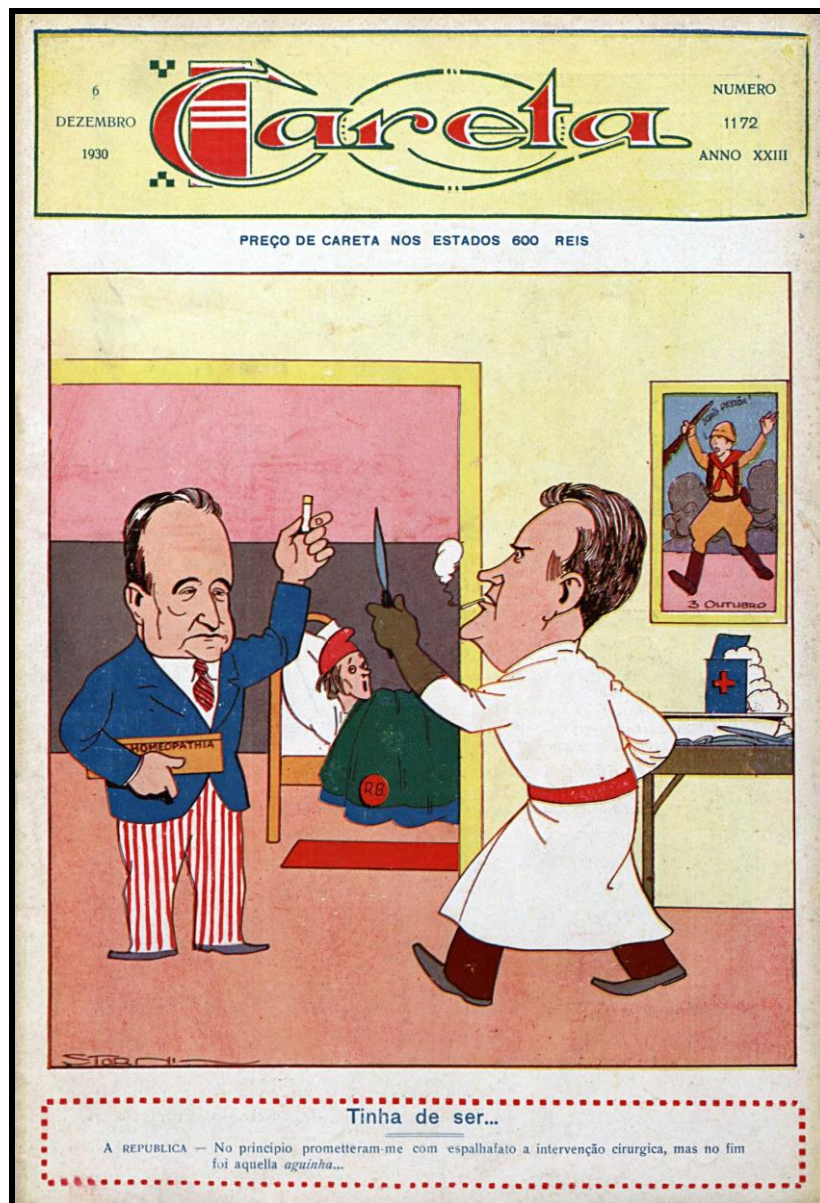


Povo — Si Minas e Rio Grande não compraram o *bonde*, quem foi então o *paca* ?

Um meditaundo “Jeca Revolucionário” observava um bonde parado nos trilhos e sem passageiros na última caricatura publicada na edição de 29 de novembro de 1930, denominada “Dolorosa interrogação...”. O carro de transporte urbano de passageiros, normalmente formado por uma única composição e movido por energia elétrica, para circular sobre trilhos, traz em si um “caráter individual”, concernente “à própria existência”, ou coletivo, referindo-se “à vida em coletividade”. Tal “veículo descreve o modo do movimento vital, sua rapidez ou lentidão”, bem como “seu caráter regular ou irregular”⁹⁰. A reflexão da figura que representava o povo brasileiro acerca do bonde carregava o sentido figurado dos próprios destinos do movimento rebelde recém-vitorioso, como ficava identificado na frase proferida pelo personagem: “Se Minas e Rio Grande não compraram o *bonde*, quem foi então o *paca*?”⁹¹.

⁹⁰ CIRLOT, p. 594.

⁹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 29 nov. 1930.

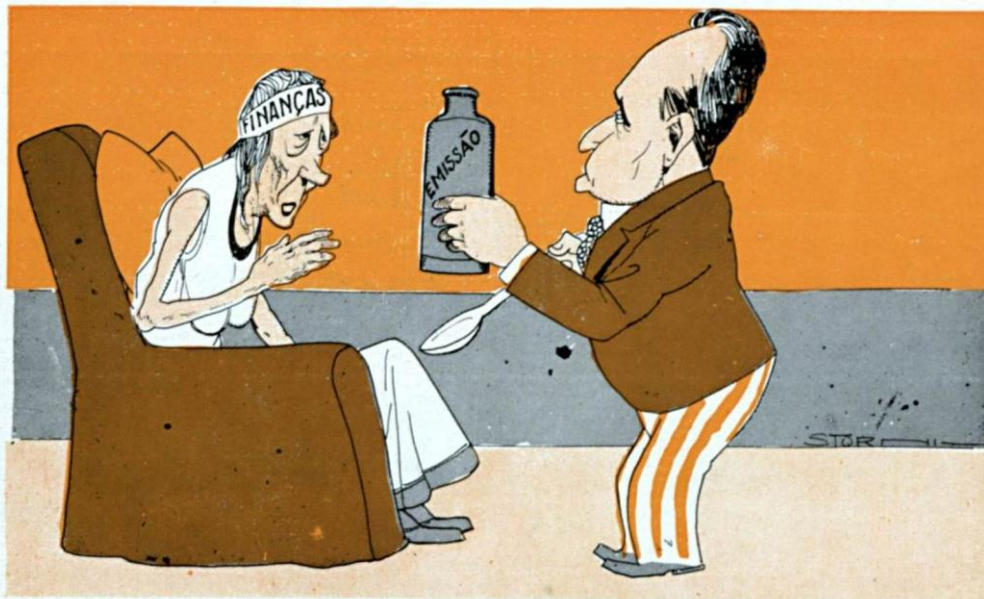


A capa da edição de 6 de dezembro de 1930 da *Careta* revelava uma certa decepção para com os destinos da Revolução, refletindo a expectativa de algumas transformações mais profundas no país. Na cena, a “República Brasileira”, representada por uma mulher de barrete frígio – símbolo do republicanismo –, padecia deitada em seu leito. Em primeiro plano, enquanto Osvaldo Aranha, de bisturi em punho, parecia pretender realizar medidas mais radicais no tratamento da doente, Getúlio Vargas, mais moderado, preferia a utilização de homeopatia. Figurativamente, os políticos estariam a praticar a medicina, no sentido da “força essencial que preside à aquisição da sabedoria do corpo e do espírito”, em “busca que constitui o objetivo essencial da vida”⁹², no intento de eliminar, ou ao menos amenizar, os males que afligiam a “mulher-república”. De certo modo lembrando o espírito revolucionário, que poderia estar sendo esquecido, o periódico acrescia à ilustração um quadro, no qual aparecia um revolucionário, em pleno ataque, bradando o nome de João Pessoa e com referência à data da origem da Revolução. O título da caricatura era “Tinha de ser...” e a legenda trazia uma fala da República, referindo-se a certas esperanças desperdiçadas: “No princípio prometeram-me com espalhafato a intervenção cirúrgica, mas no fim foi aquela *aguinha*...”⁹³.

⁹² CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 600.

⁹³ CARETA. Rio de Janeiro, 6 dez. 1930.

QUE REMEDIO!

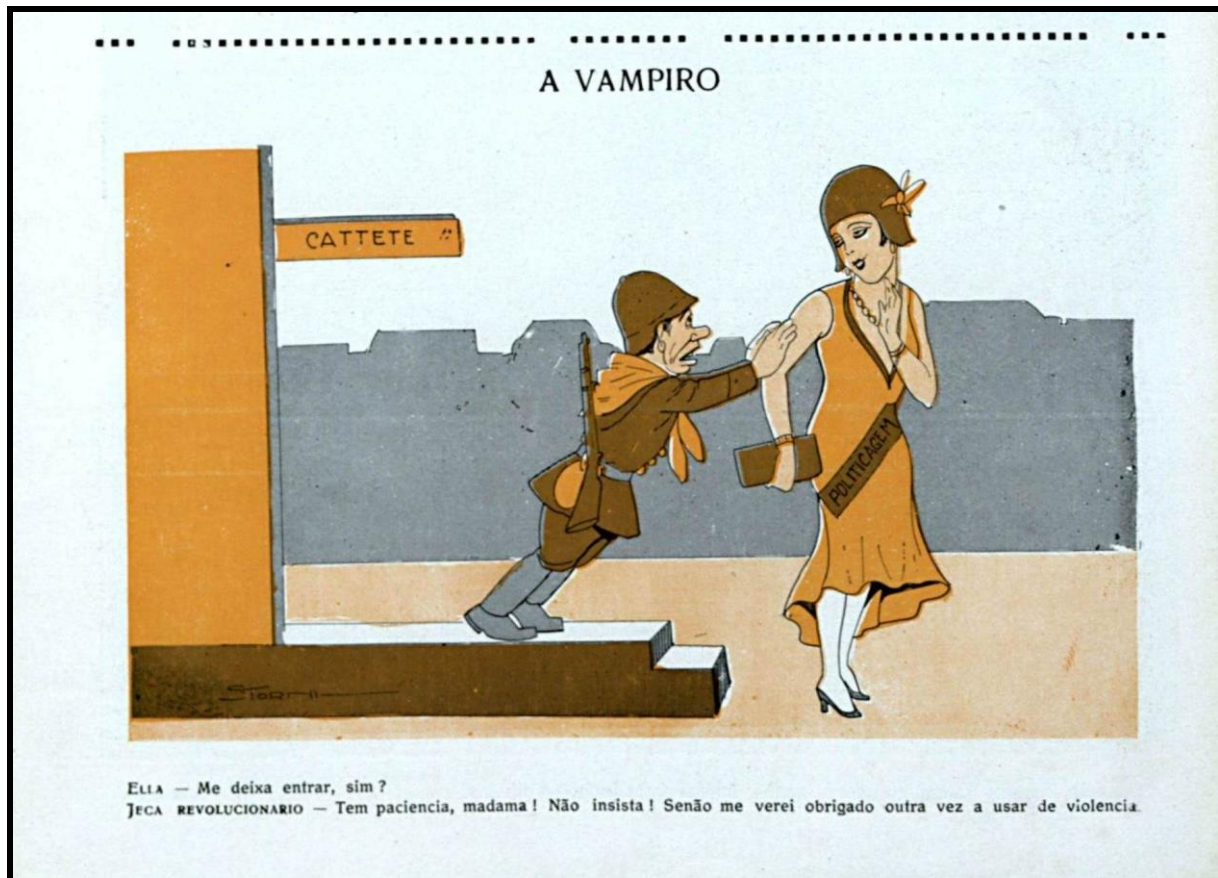


A DOENTE — Ora bolas! Mudou o medico, mas o xarope é o mesmo!

O tema da doença das estruturas nacionais voltava a constituir a abordagem da primeira caricatura do número de 6 de dezembro. A doente, dessa vez era uma anciã, identificada com as finanças públicas, que sofria com os males advindos da velhice, a qual “se trata de uma prefiguração da longevidade, um longo acúmulo de experiência e de reflexão, que é apenas uma imagem imperfeita da imortalidade”⁹⁴ e dos maus tratos que recebera de parte dos governantes anteriores. Com o título “Que remédio!”, a cena mostrava Getúlio Vargas tentando cuidar da senhora, que se encontrava prostrada em uma poltrona, utilizando um elixir denominado “emissão”, em relação à política econômica que o Governo Provisório pretendia empreender. A decepção vinha na voz da “velha-finanças públicas”, ao não perceber grandes alterações nas práticas governamentais, dizendo: “Ora bolas! Mudou o médico, mas o xarope é o mesmo!”⁹⁵.

⁹⁴ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 934.

⁹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 6 dez. 1930.



As críticas ao regime decaído voltaram à representação caricatural da *Careta* de 6 de dezembro, mostrando a tentativa de uma cocote entrar no Palácio do Catete, símbolo do poder presidencial brasileiro. A figura feminina era identificada pelo título como “A vampiro”, ou seja, um “morto que supostamente sai do túmulo para vir sugar o sangue dos vivos”, matando-os ao tirar “a sua substância”, só conseguindo “sobreviver graças à sua vítima”. Mas a mulher aparecia também como sinônimo da “politicagem”, ou ainda, a má política que teria caracterizado a República Velha. O “Jeca Revolucionário” se esforçava para que a moça não adentrasse o Catete, evitando que ela subisse a escada, “o símbolo por excelência da ascensão e da valorização, ligando-se à simbólica da verticalidade”⁹⁶, chegando a ameaçá-la fisicamente. A mulher trazia consigo também uma certa inspiração na prostituição, de modo que ela poderia estar pretendendo levar aquilo que se poderia considerar como hábitos impuros para dentro do centro do poder da República Nova. Na legenda, enquanto ela pedia para entrar, o “Jeca” alertava: “Tem paciência, madama! Não insista! Se não me verei obrigado outra vez a usar de violência”⁹⁷.

⁹⁶ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 378 e 930.

⁹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 6 dez. 1930.

O NOVO MINISTRO DE AGRICULTURA

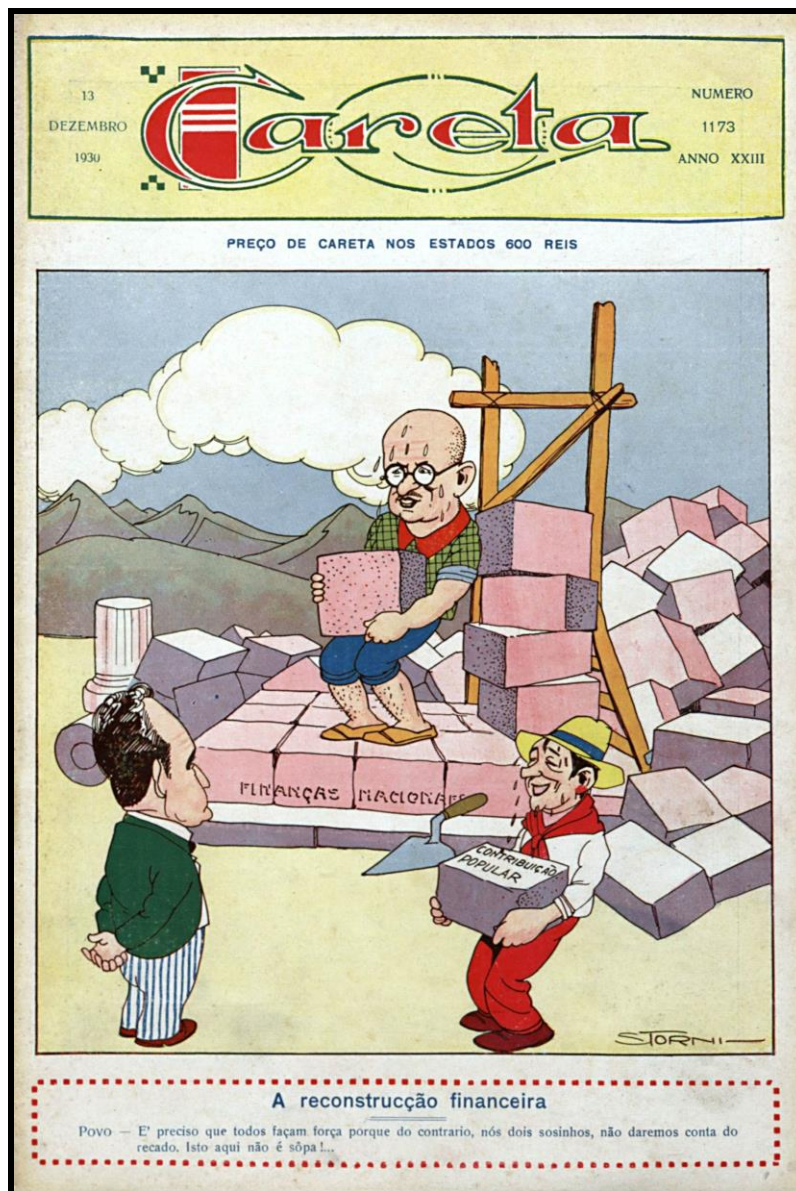


JECA — O agricultor é ótimo, mas a árvore já deu tanto...!

Na caricatura denominada “O novo Ministro da Agricultura”, o chefe da pasta, Joaquim Francisco de Assis Brasil aparecia, ainda com o lenço vermelho dos revolucionários, trazendo a enxada na mão, após ter trabalhado no plantio de um arbusto. A ilustração fazia referência a um ato efetivamente realizado pelo Ministro, o qual foi reproduzido fotograficamente em vários periódicos. A árvore é um “símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade”, contendo “também o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração”⁹⁸. Nessa linha, tal simbolismo era reforçado pelo fato de Assis Brasil ter plantado a “árvore da fartura”, em referência aos dividendos advindos da agricultura. O povo, representado pelo Jeca, entretanto, não se mostrava muito otimista, ao afirmar: “O agricultor é ótimo, mas a árvore já deu tanto...!”⁹⁹.

⁹⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 84.

⁹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 6 dez. 1930.



A gravura estampada na capa da edição de 13 de dezembro de 1930 mostrava o empenho de José Maria Whitaker, o Ministro da Fazenda, agindo como um pedreiro no sentido de reconstruir as “finanças nacionais”. O homem público era auxiliado pelo Jeca, representando o povo, lenço vermelho ao pescoço, aderindo à causa revolucionária, que carregava uma das pedras identificadas como “contribuição popular”, em referência às campanhas de subscrições para arrecadação de fundos. A cena era assistida por um impassível Getúlio Vargas, que observava sem participar do esforço. O contexto da ilustração era dominado por grandes e pesados blocos de pedra talhada, em alusão à “obra humana”, simbolizando “a ação humana que se substitui à energia criadora”, além disso, “a pedra, como elemento de construção, está ligada ao sedentarismo dos povos e a uma espécie de cristalização cíclica”¹⁰⁰. O desenho tinha por título “A reconstrução financeira” e a legenda trazia uma tirada do “Povo”, contendo uma certa cobrança em relação ao Chefe de Governo: – “É preciso que todos façam força, porque do contrário, nós dois sozinhos não daremos conta do recado. Isto aqui não é sopa!...”¹⁰¹.

¹⁰⁰ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 696.

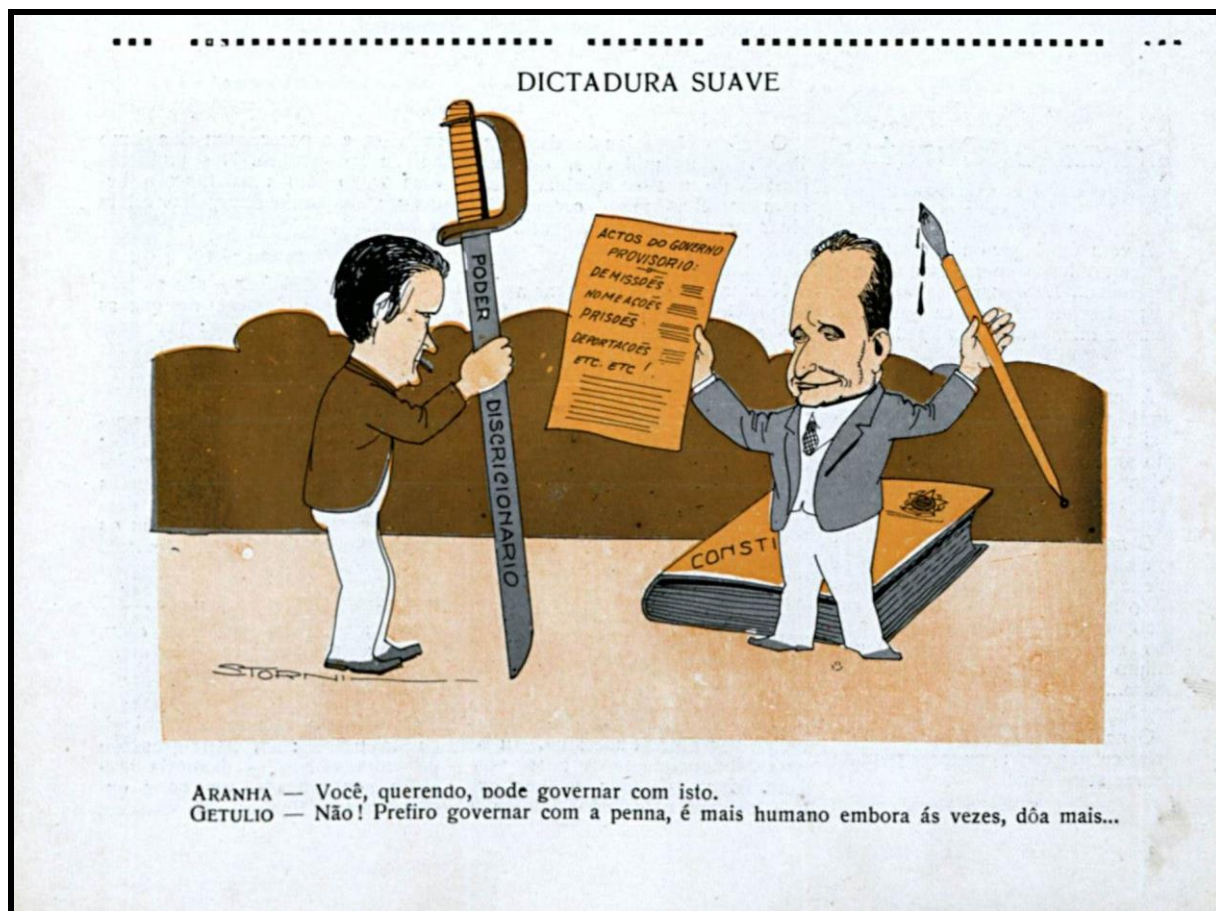
¹⁰¹ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.



Os exilados políticos brasileiros sendo recebidos em sua nova residência foram apresentados pelo semanário ilustrado e humorístico. Eles eram recepcionados por uma mulher elegante, mas envelhecida, como não poderia deixar de ser em relação ao Velho Continente – a “Europa”, que intentava mostrar-se hospitaleira. O título “Constrangimento...” e as expressões dos emigrados revelavam, entretanto, um desconforto naquela circunstância que viviam, pois, faziam o papel do estrangeiro, o qual “é visto como um rival em potencial e, embora se beneficie das leis da hospitalidade, ele pode ser tanto um mensageiro” do bem quanto do mal. Além disso, o estrangeiro “pode igualmente significar a parcela existente no homem, ainda errática e não assimilada, em busca da identificação pessoal”¹⁰². Eles haviam perdido suas posições de proeminência no país de origem, e agora teriam de se adaptar a uma nova realidade. Segundo a legenda, o constrangimento não era só dos expatriados, mas também do continente que os recebia: “A Europa recebe os ‘hóspedes’ ex-ilustres, com um encantador sorriso... amarelo!”¹⁰³.

¹⁰² CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 404.

¹⁰³ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.



As estratégias para estabelecer o poder pelos membros do Governo Provisório eram o tema de mais uma caricatura apresentada na edição de 13 de dezembro, intitulada ironicamente de “Ditadura suave”. Na cena, o Ministro da Justiça mostrava uma espada, que traz consigo o sentido do “poderio”, que “tem um duplo aspecto”, por um lado “o destruidor”, opondo-se, por exemplo, à “injustiça, maleficência e ignorância”, e, por outro, “o construtor”, que “estabelece e mantém a paz e a justiça”¹⁰⁴. A arma oferecida por Osvaldo Aranha tinha um tamanho desproporcionalmente grande em relação aos personagens e era identificada com o “poder discricionário”, característico do regime ditatorial que então vigorava no Brasil. Vargas, o outro protagonista da cena, entretanto, preferia o uso de um outro instrumento, a pena, com a qual ele poderia deixar de lado a constituição – atirada ao chão às suas costas, podendo governar por decretos, como aquele que ele trazia à mão, que valia como um “ato do Governo Provisório”, que determinava “demissões, nomeações, prisões, deportações, etc., etc.”. A legenda se estabelecia como uma conversa, na qual, Aranha dizia: “Você, querendo, pode governar com isto”, ao que Getúlio Vargas, mantendo o tom irônico do título, respondia: “Não! Prefiro governar com a pena, é mais humano embora às vezes, doa mais...”¹⁰⁵.

¹⁰⁴ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 392.

¹⁰⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.

A FORMIDAVEL DESPESA !



Alliviem o barco desse «peso», mas, com muito geito, senão vocês afundam também...

Sob o título de “A formidável despesa”, a *Careta* mostrava Getúlio Vargas ao leme de um pequeno barco que representava o Brasil, trazendo o sentido “da viagem, de uma travessia” e, levando em conta que “a vida também é uma navegação perigosa”, a embarcação constitui “um símbolo de segurança”, favorecendo “a travessia da existência”. As dificuldades impostas ao barco não advinham das condições climáticas, estando o céu sereno e o mar tranquilo, e sim de uma enorme rocha, trazendo consigo o seu “peso esmagador”¹⁰⁶. Tal pedra era identificada com o título da caricatura, perante a qual os ministros do Governo Provisório faziam intenso esforço para livrar-se de sua incômoda presença. A situação, porém, não parecia promissora, havendo a possibilidade de naufrágio da embarcação e a correspondente perda dos cargos de parte dos políticos. A legenda correspondia a uma ordem do “comandante” Vargas: “Aliviem o barco desse ‘peso’, mas, com muito jeito, senão vocês afundam também...”¹⁰⁷.

¹⁰⁶ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 121-122 e 783.

¹⁰⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.

26

Careta

13—12—1930

OS PARETROS CONFERENCIAM...

(Oswaldo Aranha, Juarez Tavora e João Alberto se reuniram na Fazenda do Linneu de Paula Machado em São Paulo, para tratar da política nacional)



O POVO — Não deixa de ser uma especie de *club dos duzentos*, embora este seja menos constitucional, porém muito mais pratico e economico!...

Ainda no número correspondente a 13 de dezembro, o periódico publicava “Os paredros conferenciam...”, em alusão a um conjunto de conselheiros ou mentores, noticiando que “Osvaldo Aranha, Juarez Távora e João Alberto se reuniram na fazenda do Lineu de Paula Machado em São Paulo, para tratar da política nacional”. Os revolucionários e agora integrantes da máquina pública do Governo Provisório conversavam tranquilamente à sombra – “símbolo de toda a ação, que só encontra sua fonte legítima na espontaneidade”¹⁰⁸ – de uma árvore, que “representa, no sentido mais amplo, a vida do cosmo, sua densidade, crescimento, proliferação, geração e regeneração”¹⁰⁹, ou seja, discutiam os destinos da vida brasileira. O “Povo”, ao largo, observava a reunião e comentava: “Não deixa de ser uma espécie de *clube dos duzentos*, embora este seja menos constitucional, porém muito mais prático e econômico!...”¹¹⁰.

¹⁰⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 842.

¹⁰⁹ CIRLOT, p. 98-99.

¹¹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.

NAS TRINCHEIRAS DA FOME...



UM DEMITTIDO — E' agora que quero ver a coragem e o patriotismo de cada um!

O desemprego era o tema de mais uma das caricaturas da *Careta*, no caso em referência ao funcionalismo público, sendo retratados alguns servidores vagando em frente a um prédio governamental, após perderem suas funções. O desenho denominava-se “Nas fronteiras da fome...”, mostrando aqueles indivíduos deparando-se com uma porta fechada, na qual constava o aviso: “Dispensados todos os funcionários desta repartição por medida de economia nacional!”. A “porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema”¹¹¹ – no caso, específico entre o emprego e o desemprego. A legenda expressava a fala de um dos demitidos: “É agora que quero ver a coragem e o patriotismo de cada um!”¹¹².

¹¹¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 734.

¹¹² CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.

A VIAGEM A MINAS



A etapa mais ingreme...

Ainda a 13 de dezembro, a revista mostrava todo o esforço do Presidente Getúlio Vargas para empreender “A viagem a Minas”, tendo de enfrentar as elevações do terreno montanhoso. A montanha representa “o encontro do céu e da terra”, constituindo o “objetivo da ascensão humana”, uma vez “vista do alto, ela surge como a ponta de uma vertical, é o centro do mundo”, e, “vista de baixo, do horizonte, surge como a linha de uma vertical, o eixo do mundo, mas também a escada, a inclinação a se escalar”¹¹³. Vencer os obstáculos montanhosos, em busca de uma ascensão ainda maior trazia o sentido das próprias condições topográficas de Minas Gerais, como um sinônimo das dificuldades a ser superadas nas tratativas com as lideranças políticas mineiras, uma vez passado o momento revolucionário. Tal perspectiva ficava demarcada na legenda: “A etapa mais íngreme...”¹¹⁴.

¹¹³ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 616.

¹¹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.



A perda do poder político voltava a ser o foco das ilustrações humorísticas do periódico, ao mostrar um “político deposto”, identificado pela pasta na qual dizia “ex-estadista”, conversando com outro indivíduo. O diálogo se dava à beira do cais, de onde se aproximava um navio para constituir o transporte do “estadista” que perdera o cargo. O navio ao fundo trazia consigo o sentido da travessia, fazendo “passar as pessoas de uma margem à outra”, e conduzindo “para além do oceano das dores, que são a vida neste mundo e o apego a esta vida”¹¹⁵, trazendo assim a perspectiva da passagem do destituído, carregando as tristezas da perda do poder. Na legenda, o “político deposto” dizia: “Oportunamente direi à Nação em manifesto...”, vindo a ser interrompido pelo outro, identificado como “o revolucionário”, que em tom censório declarava: “Deixe disso! A Nação não precisa de relatórios, ela precisa do dinheiro que você esbanjou!”¹¹⁶.

¹¹⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 121-122.

¹¹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.

INTERPRETAÇÕES

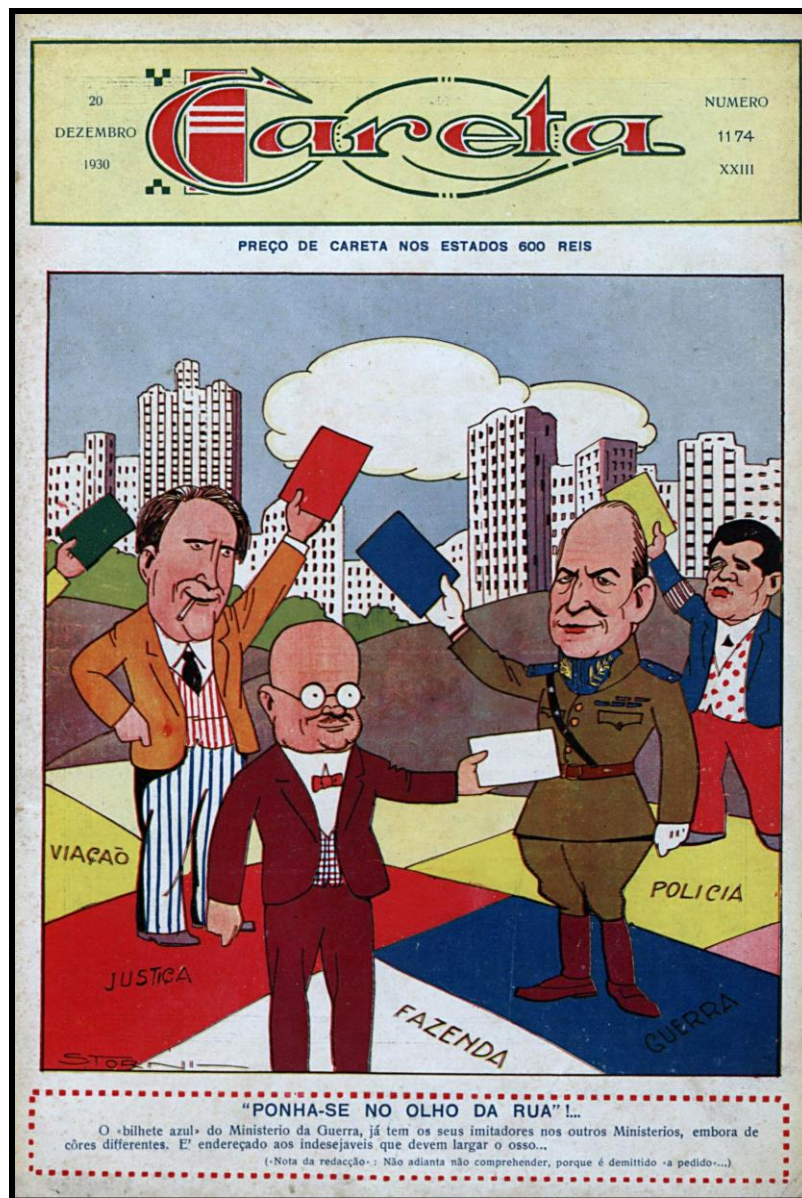


OS SEM TRABALHO — Desejamos um emprego publico no seu ministerio.
L. COLLOR — Impossivel attendel-os. O meu ministerio é de trabalho...

Outro cenário apresentado pela *Careta* mostrava o Ministro do Trabalho recebendo desempregados. Lindolfo Collor trazia à mão um martelo, o qual “representa a atividade formadora ou demiúrgica”, estando a trabalhar com uma bigorna, o “princípio passivo do qual sairão as obras do ferreiro”¹¹⁷, que era identificada com o Ministério do Trabalho. Sob o título “Interpretações”, o membro do Ministério informava que não tinha como arranjar ocupação para aqueles que procuravam o seu apoio. Na legenda, “Os sem trabalho” pediam: “Desejamos um emprego público no seu Ministério.”; obtendo por resposta de “L. Collor”, com certa carga de ironia: “Impossível atendê-los. O meu Ministério é do trabalho...”¹¹⁸.

¹¹⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 132 e 577.

¹¹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.



A possibilidade de alterações nos quadros ministeriais foi o tema da capa do semanário de 20 de dezembro de 1930, em caricatura intitulada “‘Ponha-se no olho da rua!’”. Na cena apareciam os Ministros da Justiça, da Fazenda, da Guerra, além do Chefe de Polícia e do Ministro da Viação, que ficou fora do quadro, sendo mostrada apenas a sua mão. Todos os personagens empunhavam cartões retangulares e colocavam-se em posições também demarcadas pela mesma figura geométrica, caracterizadas por cores variadas. Os retângulos simbolizam “a perfeição das relações estabelecidas entre a terra e o céu, e o desejo dos membros da sociedade de participar nessa perfeição”¹¹⁹, e no caso do desenho, relacionavam-se com a manutenção ou não de cada ocupante na administração das respectivas pastas. Além disso, havia uma referência ao “bilhete azul”, como uma expressão popular, cujo sentido pode ser associado à perda do emprego. O tom um tanto ameaçador quanto às mudanças no contexto administrativo permanecia na legenda: “O ‘bilhete azul’ do Ministério da Guerra, já tem os seus imitadores nos outros Ministérios, embora de cores diferentes. É endereçado aos indesejáveis que devem largar o osso”. Havia ainda uma complementação, na qualidade de “Nota da redação”, que reforçava: “Não adianta não compreender, porque é demitido ‘a pedido’...”¹²⁰.

¹¹⁹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 779.

¹²⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.

A avalanche dos revolucionarios historicos !

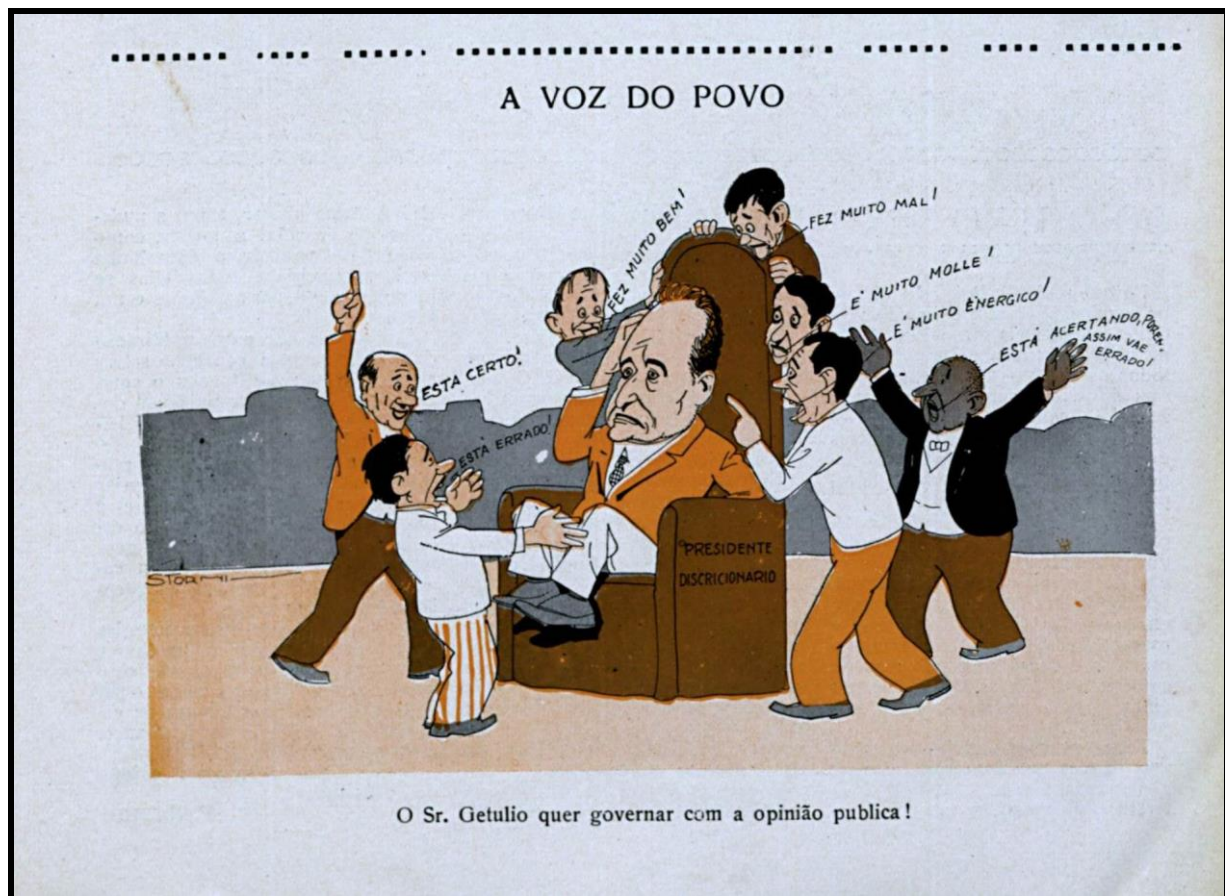


E' preciso cuidado com a super-lotação de heróis que a história não comporta !

Um cenário atabalhado constituía o conteúdo da caricatura “A avalanche dos revolucionários históricos”, dominado pela figura de um livro que possuía uma abertura por onde buscavam passar vários indivíduos extremamente apressados. O “livro é o símbolo da ciência e da sabedoria”, além de constituir, em “um grau mais elevado, o símbolo do universo”¹²¹, e, no caso dessa caricatura, representava a “História do Brasil”, na qual uma multidão de supostos revolucionários corria desenfreadamente para entrar. A poeira levantada pelo deslocamento dos rápidos passos formava a inscrição “Revolução de 1930”, enquanto uma figura feminina, identificada como “A República de 1930”, buscava acalmar os ânimos sem maior sucesso. A ilustração trazia um olhar crítico a respeito da enorme quantidade de adesistas que buscavam “passar à História”, como revolucionários de primeira hora. A legenda expressava tal pensamento, ao demarcar ironicamente: “É preciso cuidado com a superlotação de heróis que a história não comporta!”¹²².

¹²¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 554-555..

¹²² CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.



Em outra gravura, Getúlio Vargas encontrava-se na cadeira presidencial, que, tal como um trono, “simboliza a pessoa que exerce o poder”, atestando “a presença contínua da autoridade”¹²³. Especificamente quanto a esse assento, o político era identificado como “presidente discricionário”, em referência ao regime ditatorial estabelecido no país. Ainda assim, ele estaria procurando ouvir “A voz do povo”, como estampava o título, entretanto, ficava confuso diante das posições diametralmente opostas e contraditórias a ele apresentadas. Tal condição ficava marcada nas frases pronunciadas pelos “populares”: “Está errado!”, “Está certo!”, “Fez muito bem!”, “Fez muito mal!”, “É muito mole!”, “É muito enérgico!”, e “Está acertando, porém, assim vai errado!”. A perspectiva jocosa vinha na legenda: “O Sr. Getúlio quer governar com a opinião pública!”¹²⁴.

¹²³ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 911.

¹²⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.

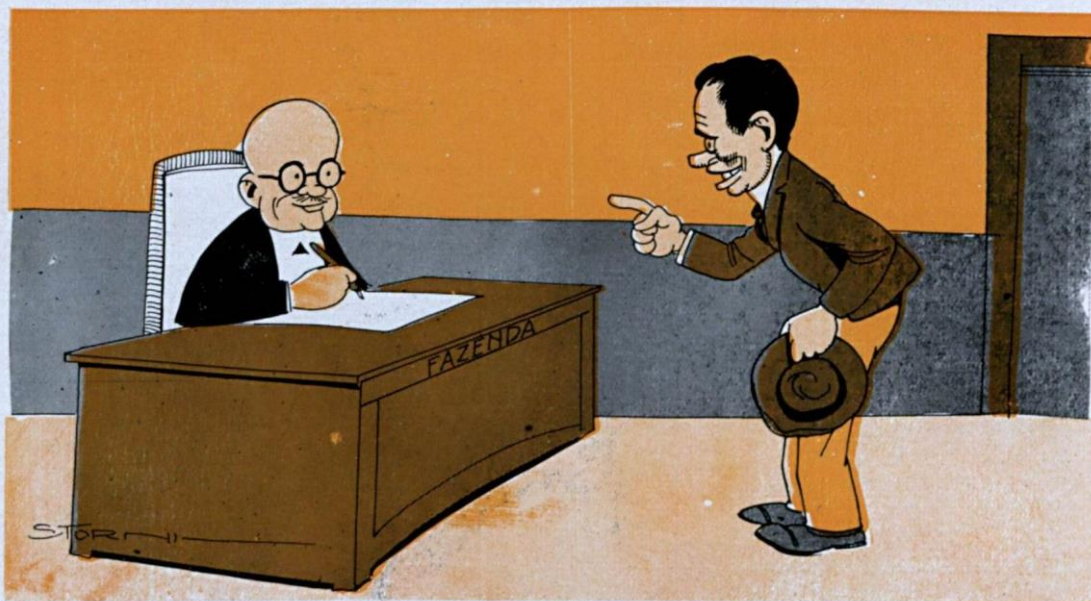


Também a 20 de dezembro, outra caricatura mostrava a insatisfação de certos servidores públicos para com a política governamental. A caricatura “O funcionário saudos...” apresentava o mesmo tocando violão e cantando, em lamento, uma música, a qual “desempenha um papel mediador para alargar as comunicações”. Ele lastimava as regras determinadas pela República Nova e se mostrava saudosos dos “velhos tempos”, observando no sol, que constitui “a fonte da luz, do calor, da vida” e “seus raios representam as influências celestes”¹²⁵, a imagem do último Presidente da República Velha, Washington Luís, conhecido popularmente como “Barbado”. O quadro informativo do desenho era complementado por um anúncio afixado em um tronco de árvore, que traduzia as razões da insatisfação do “servidor-cantor”: “Novo horário nas repartições públicas – 7 horas de trabalho!”. Além disso, a canção por ele cantada trazia o reforço do espírito saudosista: “Oh! que saudades eu tenho; Do bom tempo do *barbado!*...”¹²⁶.

¹²⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 627 e 836.

¹²⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.

UMA IDÉA!



O PATRIOTA — Proponho a V. Ex. que me dê um cargo de salvação publica.

O MINISTRO — Qual seria?

O PATRIOTA — Desejo ser nomeado «*interventor do jogo do bicho*», em cujo posto garanto pagar a dívida nacional!

Uma proposta destrambelhada para a obtenção de um emprego e, supostamente, vencer as dificuldades financeiras era apresentada na ilustração “Uma ideia”. Na caricatura, um indivíduo era recebido pelo Ministro da Fazenda, que se encontrava atrás de sua escrivaninha de trabalho, a qual era identificada com o nome da pasta que administrava, estando a autoridade pública a escrever com sua caneta tinteiro. O ato de escrever traz consigo “a preocupação com a eficácia, e não apenas uma obediência a necessidades de ordem estritamente intelectual”, permitindo “que se dê às palavras sua função de força atuante”¹²⁷, de maneira que, especificamente no caso, a escrita do Ministro continha o sentido da busca de soluções para as precariedades econômico-financeiras do país. Nesse quadro, em tom de pilhéria, o indivíduo que visitava o Ministério era chamado de “Patriota”, apesar da proposta escabrosa que descrevia: “Proponho à V. Ex. que me dê um cargo de salvação pública”; perante o que José Maria Whitaker questionava: “Qual seria?”; ficando demarcada a vigarice do “Patriota”, ao responder: “Desejo ser nomeado ‘*interventor do jogo do bicho*’, em cujo posto garanto pagar a dívida nacional!”¹²⁸.

¹²⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 386.

¹²⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.

O MAPPA BUROCRATICO...



• O SEM TRABALHO — O Doutô me desculpe. Mas isso que ta hi é muito colorido. Representa muito trabalho para o Senhô, mas não para mim...

O desemprego e a pouca eficácia das medidas burocráticas e administrativas para combatê-lo constituíam o foco da caricatura “O mapa burocrático”, na qual o Ministro do Trabalho, Lindolfo Collor, assumia ares professorais, para explicar ao desempregado a circunstância reinante. Para tanto, se utilizava de um quadro afixado à parede, contendo uma tabela que trazia o “mapa estatístico demonstrativo do número de pessoas ‘sem trabalho’ existente no Distrito Federal”, com a apresentação de vários dados, categorizados em “zonas”, “distrito”, “nacionalidade”, “idade”, “quantidade” e “número de ordem”. No sentido de promover a explicação, o homem público utilizava-se de um longo bastão – “considerado como símbolo do tutor, o mestre indispensável na iniciação”, trazendo também o significado de “soberania, de poder e de comando”¹²⁹ – para instruir o desempregado a quem se dirigia. A ação, entretanto, não estaria atingindo seu intento, como ficava exposto na legenda, segundo a qual “O sem trabalho” dizia: “O *Doutô* me *descurpe*. Mas isso que *ta hí* é muito colorido. Representa muito *trabaio* para o *Senhô*, mas não para mim...”¹³⁰.

¹²⁹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 124.

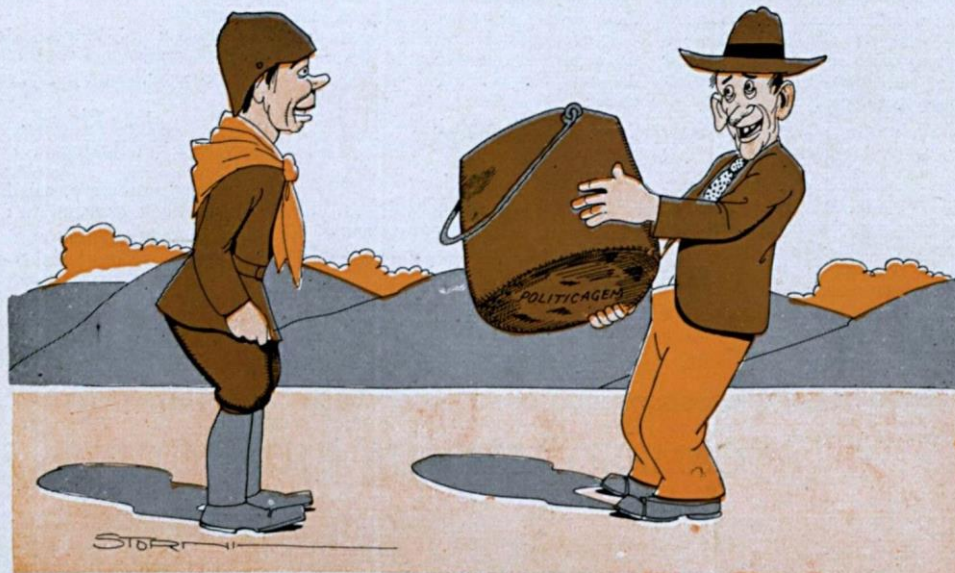
¹³⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.

34

Careta

20 - 12 - 1934

CONCERTO ?

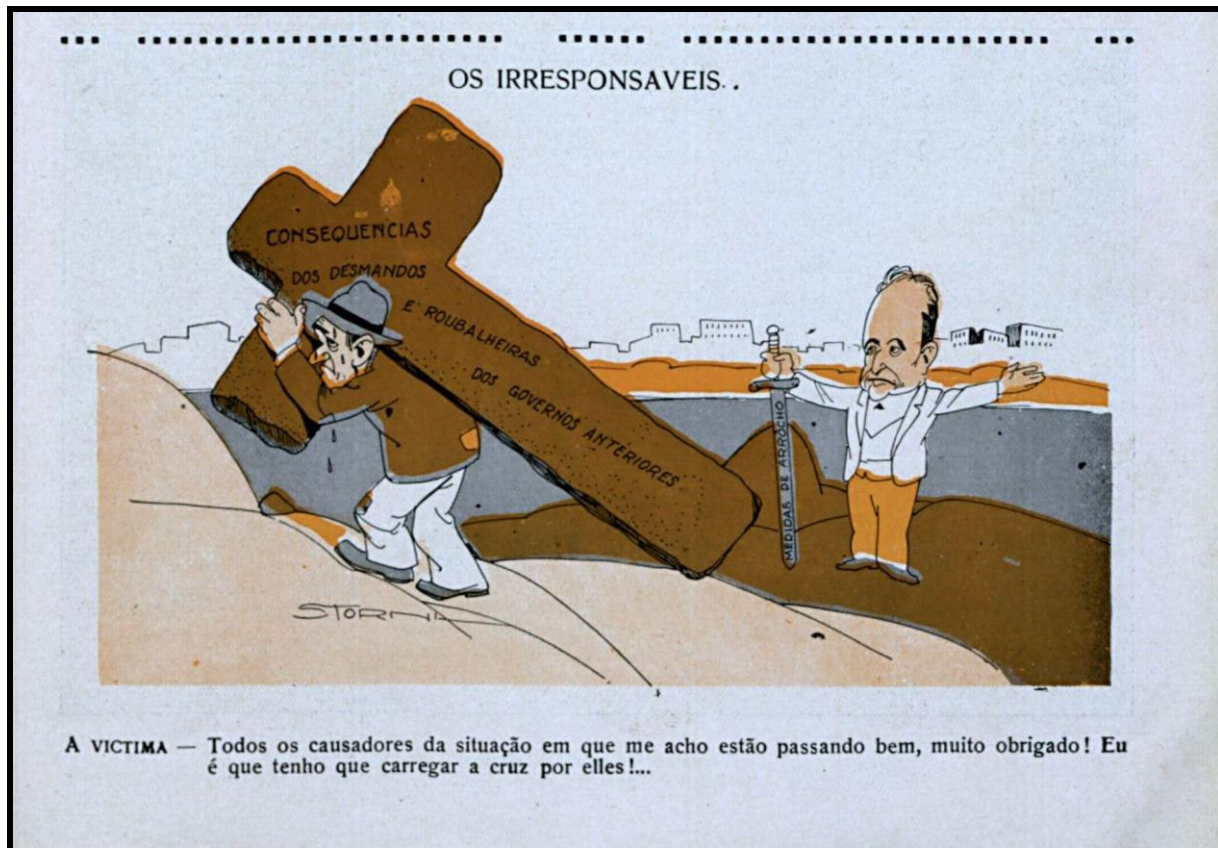


JECA — Estás vendo? Em alguns estados mudaram de «panella» mas o *fundo* continua o mesmo!...

A *Careta* fazia graça com o título de outra caricatura denominada “Concerto?”, trazendo uma dúvida de natureza ortográfica muitas vezes latente no Brasil, na distinção entre as palavras, “concerto” – ajuste entre pessoas ou instituições; e “conserto” – remendo, recuperação de coisa estragada. No desenho, a representação do povo, o “Jeca” carregava nas mãos uma grande panela que, tal qual um caldeirão, “simboliza o local e o meio da revigoração, da regenerescência” e ainda “das profundas transmutações”¹³¹, a qual era identificada com a “politicagem”, termo largamente utilizado pelo periódico para qualificar a má política praticada ao longo do regime decaído. A intenção do povo era a de que o soldado, que simbolizava a Revolução, conserta-se o utensílio, mas, como lembrava o título, estava também em jogo um certo “concerto”, enraizado na palavra panela, largamente utilizada para qualificar certos grupos políticos, vinculados por laços de clientelismo e calcados na “politicagem” que era o alvo da crítica da ilustração. Na legenda, o “Jeca” dizia: “Está vendo? Em alguns Estados mudaram de ‘panela’, mas o *fundo* continua o mesmo!...”¹³².

¹³¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 167.

¹³² CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.



O olhar de censura para com as práticas políticas da República Velha voltava a ser a pauta em outra caricatura publicada a 20 de dezembro, sob o título “Os irresponsáveis”. No desenho, um homem pobre, de roupas remendadas, carregava uma enorme cruz, identificada com as “consequências dos desmandos e roubalheiras dos governos anteriores”. O ato do indivíduo ao carregar uma cruz apresenta a perspectiva do sofrimento¹³³, constituindo uma representação largamente utilizada pela caricatura brasileira, desde a época imperial, para simbolizar as mazelas que o povo padecia. Também compunha a ilustração a figura de Getúlio Vargas, que empunhava uma espada, com sua conotação de poder¹³⁴, contendo a expressão “medidas de arrocho”, trazendo a indicação da possibilidade de que as condições de vidas de pobres e trabalhadores pudesse não melhorar. Diante disso, só restava à “Vítima” lamentar: “Todos os causadores da situação em que me acho estão passando bem, muito obrigado! Eu é que tenho que carregar a cruz por eles!...”¹³⁵.

¹³³ CIRLOT, p. 194-195.

¹³⁴ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 392.

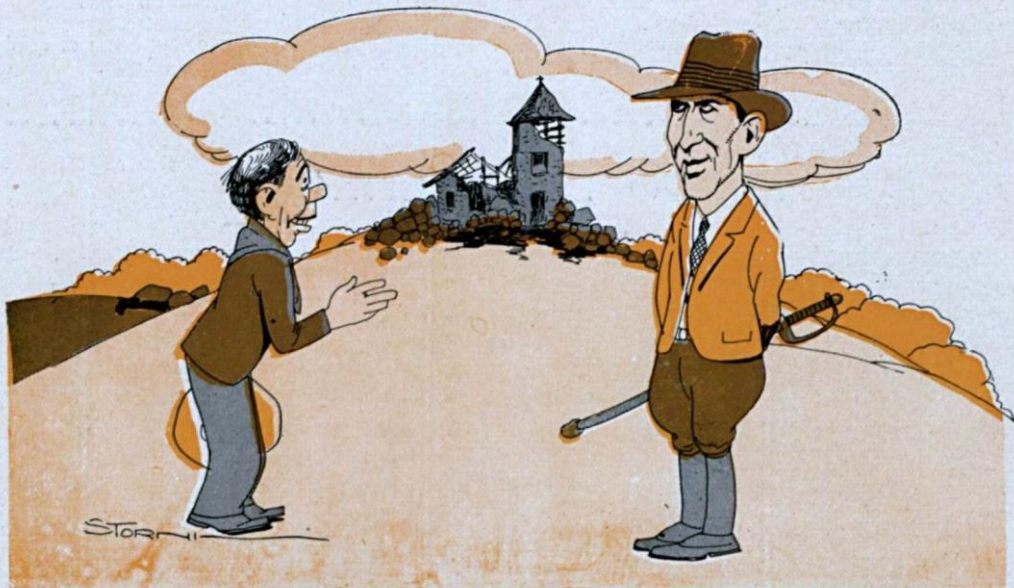
¹³⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.

38

Carota

20 - 12 - 1930

EM SÃO PAULO



POVO — Que foi isso, Coronel?

JOÃO ALBERTO — Não foi nada. Apenas derrubei uma egrejinha política que se estava fazendo no governo revolucionário!

A imagem de João Alberto, liderança tenentista e revolucionária dominava a caricatura denominada “Em São Paulo”, a qual mostrava o personagem portando uma espada, com a simbologia já especificada em relação ao controle do poder. Ele conversava com o povo, fazendo referência a um prédio em ruínas, que aparecia ao fundo, e teria sido demolido pelo militar/político. As ruínas “significam destruições, vida morta”, bem como “são sentimentos, ideias, laços vividos que já não possuem calor vital, mas que ainda existem, desprovidos de utilidade e função, na ordem da existência e do pensamento”, que aparecem “saturados de passado e da realidade destruída pela passagem do tempo”¹³⁶. Na perspectiva do desenho, ao deixar a igreja em ruínas, João Alberto não estaria cometendo um ato antirreligioso e sim destruindo uma “igrejinha”, termo utilizado para designar conluíus ou tramoias promovidas no meio político. Nesse sentido, ao passo que o “Povo” perguntava: “Que foi coronel?”; João Alberto explicava: “Não foi nada. Apenas derrubei uma igrejinha política que se estava fazendo no Governo Revolucionário!”¹³⁷.

¹³⁶ CIRLOT, p. 506.

¹³⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 20 dez. 1930.



A capa da última edição do ano da *Careta*, datada de 27 de dezembro de 1930, contava com o protagonismo de Getúlio Vargas, fazendo as vezes de Papai Noel, bem a calhar naquela proximidade da data do Natal. O político trazia às costas um enorme cesto, que se relaciona à “supremacia, superioridade”, servindo também como pedestal, ainda mais aquele carregado pelo governante, que se encontrava cheio de interventores, ou seja, os mandatários estaduais nomeados pelo governo central e que seriam distribuídos pelos Estados, identificados por casas e edifícios, como São Paulo, Ceará, Pará, Pernambuco, Amazonas, Rio Grande do Norte e Piauí, cujos nomes apareciam na cena. Além disso, o desenho continha vários sapatos pendurados, uma vez que esse utensílio tem em si “o símbolo do viajante”, de maneira que, em tal significado tenha se inspirado “a tradição dos sapatos colocados” à disposição “para ganhar os presentes do Papai Noel”, indicando que o dono do calçado “também é considerado um viajante e que está precisando de um farnel”, pois, “separado de seus sapatos, interrompeu a sua trajetória”, ficando a esperar “do céu os meios para prosseguir numa nova etapa”¹³⁸. Detalhe interessante se relacionava aos calçados que representavam a “situação financeira”, velhos, furados e remendados, buscando caracterizar as dificuldades econômicas nacionais. O “Jeca/povo”, entretanto, aparecia desesperançado e não tão satisfeito com os “presentes” deixados pelo “Noel/Vargas”, tanto que dizia: “Há muito que andamos descalços. V. Exa. não encontrará sapatos para todos os interventores...”¹³⁹.

¹³⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 226 e 802.

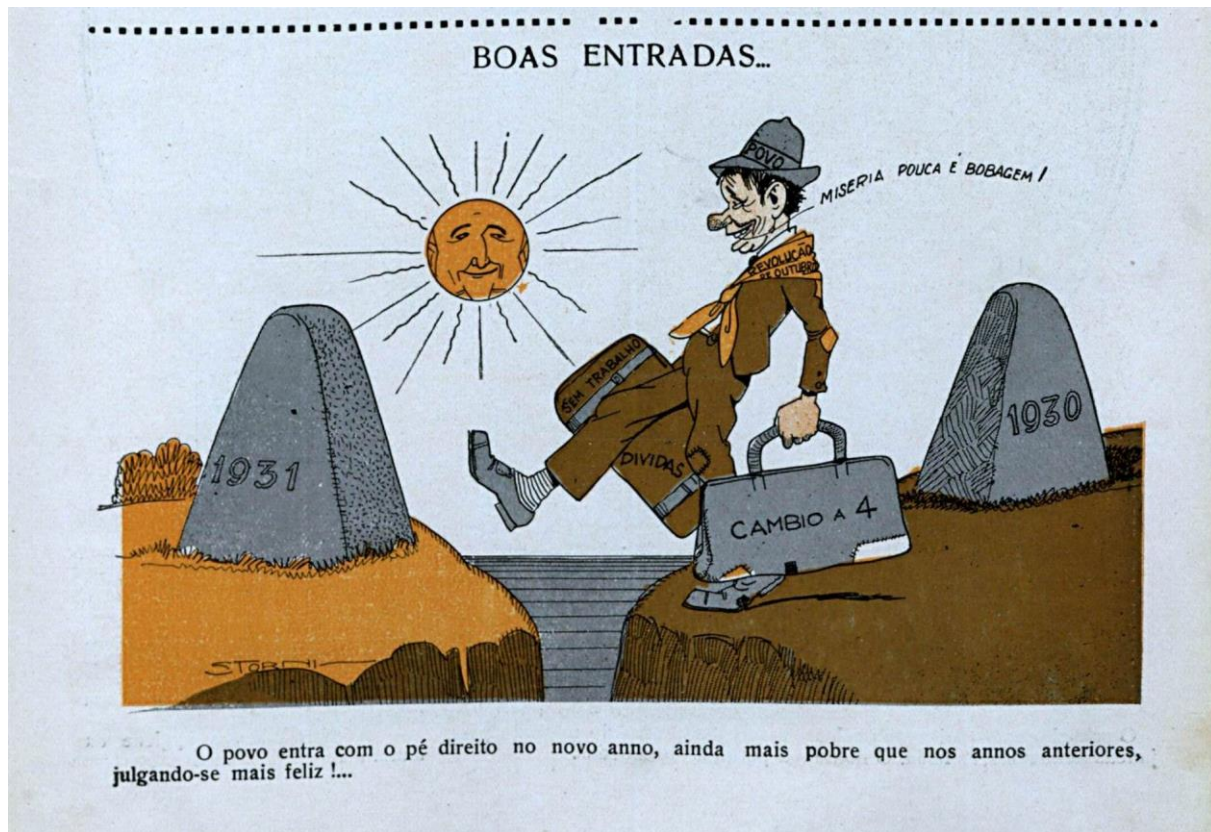
¹³⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.



Na ilustração denominada “Comparações...”, o semanário intentava demonstrar que os esforços até então empregados para amenizar a “dívida nacional”, simbolizada por um oceano, tinham sido pouco profícuos. O “oceano, em virtude de sua extensão aparentemente sem limites”, traz consigo “as imagens da indistinção primordial, da indeterminação original”¹⁴⁰, de modo que que representava a imensidão da dívida brasileira, diante da qual os recursos obtidos a partir da “colheita pública”, movida junto à população e representada por uma dama, com um regador à mão, e a contribuição de “um dia de ordenado” do funcionalismo público, seriam extremamente acanhados para combater um mal tão grande. Constituía praticamente o conteúdo do axioma, pelo qual, aquelas ações não passariam de gotas em um oceano, no caso, de dívidas, o que era corroborado a partir da legenda: “A gota de água generosa para o oceano imenso da dívida nacional!”¹⁴¹.

¹⁴⁰ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 650.

¹⁴¹ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.



A passagem do ano, representação típica das publicações caricatas, também figurou na edição derradeira da *Careta* de 1930, por meio da ilustração denominada “Boas entradas”. A saudação otimista, no entanto, não passava de ironia, pois o periódico continuava a observar dificuldades para o país, apesar da inauguração de uma República Nova. Nesse sentido, na caricatura, o povo brasileiro, representado pelo “Jeca Revolucionário”, que mantinha o lenço identificado pela “Revolução de outubro”, enfrentava um sol inclemente e carregava duas malas pesadas, uma associada ao desemprego e às dívidas, e a outra, às dificuldades cambiais do país. Ele se afastava do marco referente ao ano que findava e aproximava-se do ano vindouro, proferindo um lamento: “Miséria pouca é bobagem”. O detalhe é que ao dar o passo em direção ao ano de 1931, o “Povo” atravessava um precipício. A figura do “abismo designa aquilo que é sem fundo, o mundo das profundezas ou das alturas indefinidas”, simbolizando “os estados informes da existência”, bem como “aplica-se ao caos tenebroso das origens e às trevas infernais dos dias derradeiros”¹⁴², refletindo no caso as dificuldades que deveria esperar o povo brasileiro. Nesse quadro, a legenda dizia ironicamente: “O povo entra com o pé direito no novo ano, ainda mais pobre que nos anos anteriores, julgando-se mais feliz!...”¹⁴³.

¹⁴² CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 5.

¹⁴³ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.

AS SEMENTES NO NORTE...

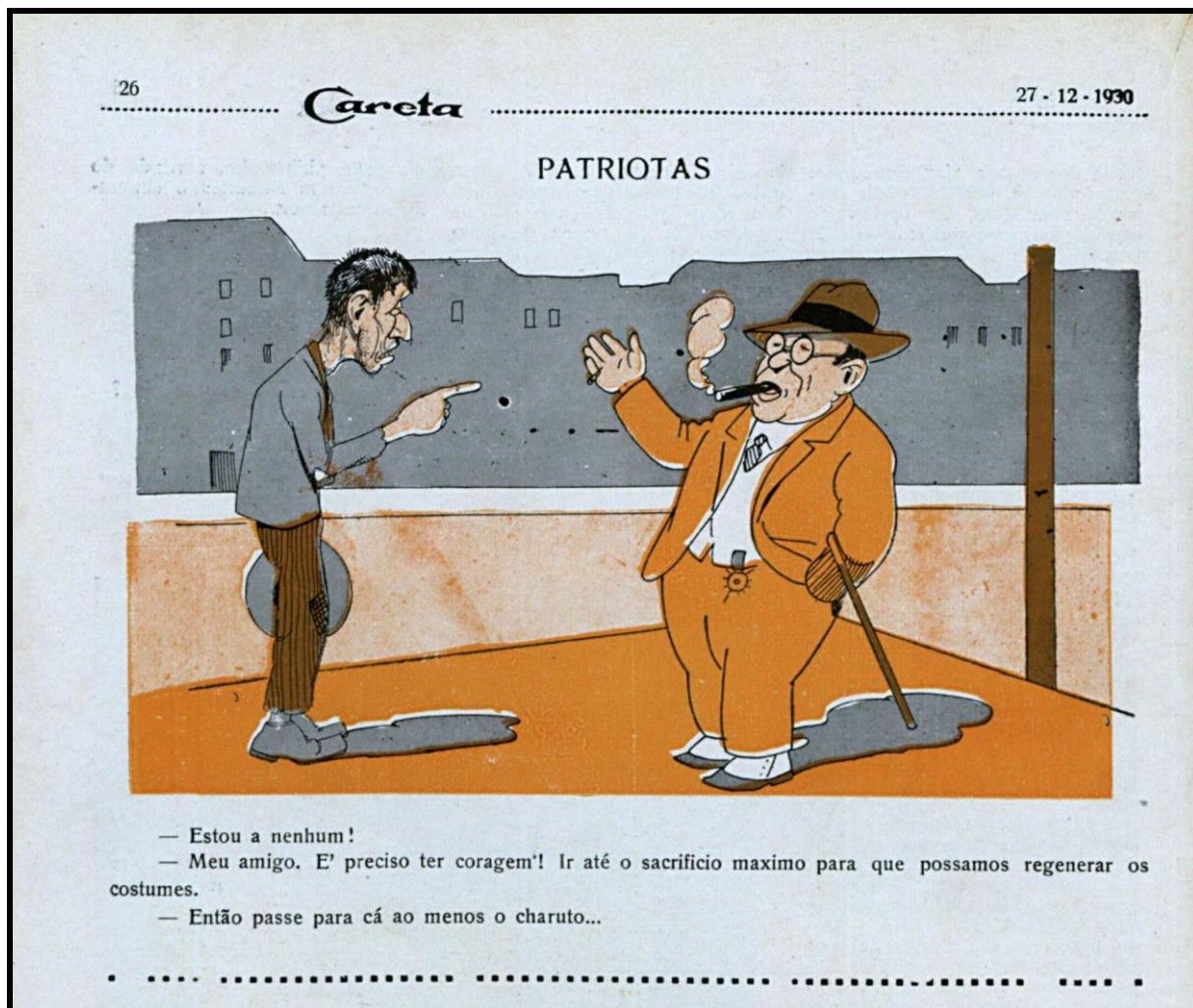


JECA — Tá vendo, Generá, as sementes que vosmecê espaiou grelaram onde encontracam o terreno bão, mas nas Arêas de Sergipe o galho seccou!

Juarez Távora protagonizava a caricatura “As sementes do Norte...”, que intentava demonstrar o alcance da influência política do tenente-revolucionário nas regiões Nordeste e Norte. Na cena, o político, próximo de um tacho cheio de sementes, falava com o indivíduo que representava o povo, o qual apontava para o horizonte, na direção de um terreno onde havia árvores frondosas e arbustos, com a exceção de uma que não vingara. Como a semente é um “símbolo das forças latentes, não manifestadas” e “das possibilidades misteriosas cuja presença nem se suspeita às vezes e que justificam a esperança”¹⁴⁴, na ilustração ficava expresso o resultado das ações/sementes políticas de Távora nas regiões por ele influenciadas, ficando demonstradas práticas de eficácia maior ou menor, e mesmo de um possível fracasso, no sentido de uma dissensão. Perante tal circunstância, o “Jeca” comentava: “*Tá vendo Generá, as sementes que vosmecê espaiou* grelaram onde encontraram o terreno *bão*, mas nas areias de Sergipe o galho secou!”¹⁴⁵.

¹⁴⁴ CIRLOT, p. 518.

¹⁴⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.



A pobreza convivendo com a abundância, fenômeno típico da formação brasileira aparecia em outra caricatura da *Careta* intitulada ironicamente como “Patriotas”. Nela um homem pobre pedia ajuda a um rico, tendo em vista encontrar-se sem nenhum recurso financeiro. Além da negativa quanto ao apoio, o endinheirado recomendava ao outro que convivesse com as dificuldades em nome da regeneração dos costumes, termo bastante utilizado por ocasião da transição da República Velha para a Nova. Diante da negativa, o necessitado ainda revelava certo desapego, diante da jactância do outro, uma vez que “a pobreza é geralmente o símbolo do desprendimento do espírito”¹⁴⁶. Nesse sentido, enquanto o pobre dizia: “Estou sem nenhum”; seu interlocutor respondia: “Meu amigo. É preciso ter coragem! Ir até o sacrifício máximo para que possamos regenerar os costumes”; vindo a obter por tréplica, de parte do primeiro: “Então passe para cá ao menos o charuto...”¹⁴⁷.

¹⁴⁶ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 726.

¹⁴⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.

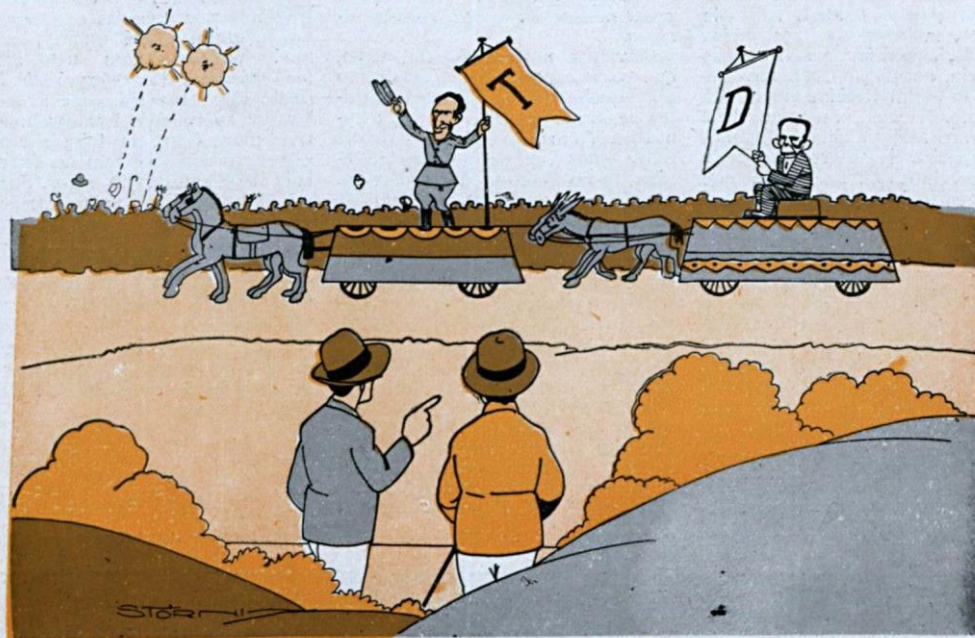


O Ministro da Justiça do Governo Provisório aparecia em outra ilustração desenxabido, com uma enxada no ombro e uma colher de pedreiro enterrada na argamassa, permanecendo prostrado sobre uma pedra, enquanto os trabalhos permaneciam estagnados, como esclarecia a inscrição que informava que “O Dr. Osvaldo Aranha vai descansar um mês, a conselho médico”. Na parede, um cartaz destacava que as “obras da reconstrução nacional”, orientadas pelos “engenheiros Osvaldo Aranha, Getúlio Vargas, Juarez Távora e João Alberto”, apareciam como interrompidas, surgindo ao fundo um muro em construção e incompleto. Como o muro constitui “tradicionalmente a cinta protetora que encerra um mundo e evita que nele penetrem influências nefastas de origem inferior”¹⁴⁸, na concepção da *Careta*, a interrupção das obras estaria a deixar o país desprotegido. O desconsolado Aranha era entrevistado por um “Repórter”, que perguntava: “Então, já vai descansar? Está doente?”; diante do que o político comentava: “O esforço é demais”; surgindo novo questionamento do entrevistador: “O material não presta?”; diante do que Osvaldo Aranha sentenciava: “Não. É a *massa* que não ajuda!...”¹⁴⁹.

¹⁴⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 626.

¹⁴⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.

EM SÃO PAULO



— O que é aquilo?

— Você não está vendo? É a vitória dos Tenentes sobre os Democráticos...

A respeito da política “Em São Paulo”, a revista mostrava um desfile de carroças, que, como se fossem carros alegóricos, se exibiam para a multidão que soltava fogos, saudando o momento. O primeiro carro trazia um político esfuziante, carregando um estandarte com a letra “T” e que era puxado por um garboso cavalo, ao passo que o segundo carregava um político entristecido, com a letra “D” no estandarte e contando com um burro a puxá-lo. A carroça “representa a natureza física do homem, seus apetites, seu duplo instinto de conservação e de destruição, suas paixões inferiores, seus poderes de ordem material”¹⁵⁰. Na caricatura ficava expresso o triunfo do tenentismo, ou seja, a letra “T”, sobre os membros do Partido Democrático, dissidência paulista, daí a letra “D”, uma vez que, apesar de ambos apoiarem a Aliança Liberal e, depois, a Revolução de 1930, o maior quinhão de poder, mormente em São Paulo, representado pela ocupação da interventoria estadual, coube àquele grupo, em detrimento deste. Em primeiro plano, dois indivíduos que compunham a plateia conversavam, com um perguntando “O que é aquilo?”; ao que o outro respondia: “Você não está vendo? É a vitória dos tenentes sobre os democráticos...”¹⁵¹.

¹⁵⁰ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 193-194.

¹⁵¹ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.



Ainda na edição de 27 de dezembro, a revista humorística e ilustrada determinava que deveria haver “Cuidado...”, diante uma possível aproximação comercial com a União Soviética. Nessa linha, apresentava uma nota, segundo a qual, “Em São Paulo, circulou a notícia de que o Governo de Moscou ofereceu-se para adquirir 2.000.000 de sacas de café, em câmbio do reconhecimento do soviète, por parte do governo brasileiro”. No desenho, a figura do tenente erroneamente chamado de Carlos Alberto, ascendente ao poder, aparecia sentado sobre uma pilha que representava o “estoque de café – 22.000.000 de sacas”, ao passo que seu interlocutor, em típicos trajes russos, e identificado com o “soviète”, oferecia-lhe um saco de dinheiro, demarcado como “para a compra de 2 milhões de sacas de café”. Como o dinheiro traz em si “um aspecto importante do simbolismo das moedas” que “é o do valor, e, portanto, o da alteração deste”, fator que “poderia parecer uma alteração da verdade”¹⁵², ficava demarcada a reflexão realizada pelo semanário acerca dos riscos que poderiam advir do comércio com os “comunistas” e o significado oculto que tal válvula de escape para a produção brasileira poderia conter. Diante disso, o tenente argumentava: “Faço o negócio, mas só com o café...”¹⁵³.

¹⁵² CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 613.

¹⁵³ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.

LAMPEÃO CONTINÚA



A única figura sinistra que a Revolução ainda não derrubou!

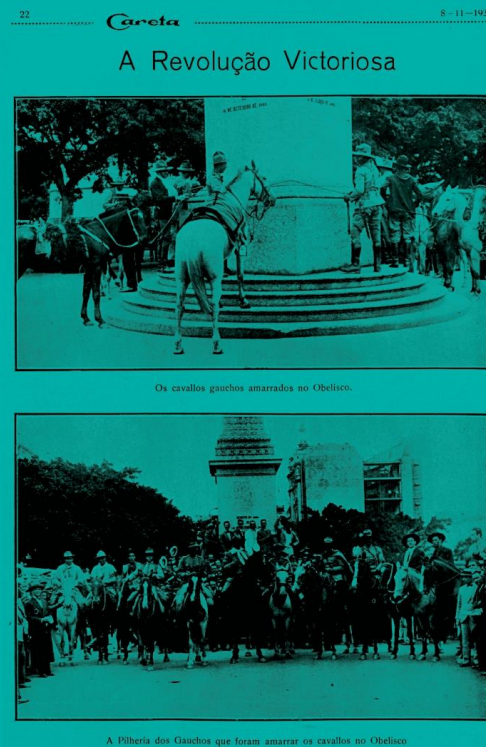
Algumas heranças da República Velha no que tange à segurança pública eram lembradas pela *Careta* em sua última edição de 1930, ao mostrar que “Lampião continua...”, em referência ao malfeitor que assolava os rincões do Nordeste brasileiro. O desenho trazia o encontro entre um militar identificado com os revolucionários e o próprio Lampião, que se aproximava pelo “sertão”, ao passo que a cena era assistida por uma impassível figura feminina que designava a “Nova República – modelo 1930”. Tanto o soldado revolucionário, quanto o cangaceiro possuíam armas de fogo, embora a deste fosse em proporção maior que a daquele, no sentido de demonstrar uma prática mais violenta. A utilização de tais instrumentos por parte de ambos os lados do conflito traz consigo “a ambiguidade da arma”, concentrada “no fato de simbolizar a um só tempo o instrumento da justiça e o da opressão, a defesa e a conquista”. Ao apontar Lampião como bandido, o objeto que ele carregava à mão esquerda não fazia referência à “iluminação” e à “clareza de espírito”¹⁵⁴, como seria o sentido simbólico do mesmo, mas, ao contrário, era apenas uma forma de identificação do nome do personagem em pauta. Como legenda, o hebdomadário arrematava: “A única figura sinistra que a Revolução ainda não derrubou!”¹⁵⁵.

¹⁵⁴ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 80 e 536.

¹⁵⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 27 dez. 1930.



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos 60

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.